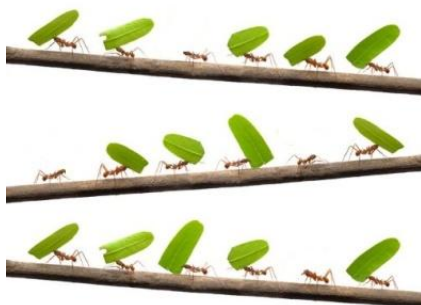


ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Os *nem nem*:
Contributo para a construção de
retratos sociológicos de jovens adultos que *nem* trabalham *nem* estudam,
em Portugal



Dissertação de mestrado

Volume I

Isabel Maria da Silva Ferreira

Leiria

Agosto de 2018

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham
nem estudam, em Portugal

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

Isabel Maria da Silva Ferreira

**Os *nem nem*:
Contributo para a construção de
Retratos Sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam,
em Portugal**

Volume I

**Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do
Instituto Politécnico de Leiria para obtenção do grau de Mestre em Mediação
Intercultural e Intervenção Social sob orientação do Professor Doutor Pedro de
Carvalho da Silva**

Leiria

Agosto de 2018

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham
nem estudam, em Portugal

Índice

AGRADECIMENTOS	IX
FORMIGA BOSSA NOVA	XI
APONTAMENTO	XV
RESUMO	XVII
PALAVRAS-CHAVE	XVIII
ABSTRACT	XIX
KEYWORDS	XX
INTRODUÇÃO	1
GERAÇÃO <i>NEM NEM</i> : NEM ESTUDA, NEM TRABALHA	1
PERTINÊNCIA E JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO.....	5
ESTRUTURA DO TRABALHO	8
CAPÍTULO I: RETRATOS A CORES	11
MÁRIO: O HIP-HOPER ANTI-SISTEMA	12
<i>A geração nem nem</i>	12
<i>A escola</i>	13
<i>A relação com a música</i>	15
<i>A escola da vida</i>	16
<i>A “empresa”</i>	18
<i>(Não) fazer parte do rebanho</i>	18
<i>A família</i>	19
<i>Anti Sistema</i>	21
LILIANA: MUDAR O MUNDO DE ALGUÉM	23
<i>Geração nem nem</i>	23
<i>A escola</i>	26
<i>A culpa</i>	30
<i>Mudar o mundo</i>	31
<i>“A minha terra”</i>	33
<i>A família</i>	34
<i>Ser alguém</i>	34
ELIZABETE: A CONSTRUÇÃO DE UMA AUTONOMIA COM AFETOS.....	37
<i>A aventura da emancipação</i>	37
<i>A família</i>	38
<i>As perdas</i>	41

<i>A escola</i>	42
<i>O tempo de ter tempo</i>	44
<i>O trabalho</i>	45
<i>“A gente aprende a viver e sobrevive!”</i>	46
<i>O desporto</i>	47
<i>Sonhos</i>	47
SOLANGE: À PROCURA DE UM CAMINHO POR LINHAS TORTAS	50
<i>Geração nem nem</i>	50
<i>A escola</i>	51
<i>À procura de um lugar no mundo</i>	54
<i>Rotinas</i>	56
<i>A família</i>	56
<i>“A minha aldeia” pequenina</i>	58
<i>Linhas tortas</i>	59
<i>“Ficar no cantinho”</i>	60
CAPÍTULO II: DOS NÚMEROS AOS RETRATOS SOCIOLÓGICOS.....	63
OS <i>NEM NEM</i> : O CONCEITO.....	63
O QUE SE SABE SOBRE OS <i>NEM NEM</i>	66
PARA ALÉM DOS NÚMEROS	68
OS RETRATOS SOCIOLÓGICOS DE LAHIRE.....	69
O SUJEITO, A REPRESENTAÇÃO DE SI, CONTEXTUALIZADO NO TEMPO E NO ESPAÇO.....	71
A ABORDAGEM HOMOGENEIZANTE NA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA.....	73
VIVENDO... EM GERÚNDIO	74
A COMPREENSÃO DO COMO E DO PORQUÊ.....	76
A ENTREVISTA COMO ESPAÇO DE RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: O TERCEIRO INSTRUÍDO	77
O “RELATO DO MUNDO INTERIOR”	79
CAPÍTULO III - CONTEXTOS E REALIDADES SOCIAIS QUE SE CRUZAM E INTERPENETRAM NA DINÂMICA DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.....	82
SER OU ESTAR JOVEM ADULTO.....	83
A FAMÍLIA – TRANSMISSORA DE UMA HERANÇA PATRIMONIAL MATERIAL E IMATERIAL.....	85
A EDUCAÇÃO: ENTRE A INDIVIDUALIZAÇÃO E A NORMATIZAÇÃO OU NORMALIZAÇÃO	87
O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	89
SER OU ESTAR NUMA PROFISSÃO: A IDENTIDADE ASSOCIADA AO TRABALHO	91
SER OU ESTAR MARGINAL.....	95
CAPÍTULO IV: INTERVENÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO SOCIOCULTURAL... 98	98
UMA MEDIAÇÃO “PROATIVA”... ..	98
... E INTRAPESSOAL	99
O PAPEL DA MEDIAÇÃO NA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	101

CAPÍTULO V: OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	105
A OPÇÃO PELO PARADIGMA DE INVESTIGAÇÃO.....	105
OBJETIVOS (GERAIS E ESPECÍFICOS) DE INVESTIGAÇÃO	107
TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS	108
A SELEÇÃO DOS INDIVÍDUOS.....	111
O INVESTIGADOR NA INVESTIGAÇÃO: A (DIFÍCIL) TRADUÇÃO DA COMPLEXA INTERIORIDADE DE CADA UM	114
CAPÍTULO VI: RETRATOS SOCIOLÓGICOS OU RETALHOS DE VIDA	116
MÁRIO: O HIP-HOPER ANTI-SISTEMA.....	116
LILIANA: MUDAR O MUNDO DE ALGUÉM.....	117
ELIZABETE: A CONSTRUÇÃO DE UMA AUTONOMIA COM AFETOS.....	118
SOLANGE: À PROCURA DE UM CAMINHO POR LINHAS TORTAS.....	120
REFLEXÕES FINAIS	122
SÍNTESE	122
SOBRE A DESCOBERTA DO OUTRO	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham
nem estudam, em Portugal

Agradecimentos

*Ao meu marido e aos meus filhos,
minha inspiração e meu alicerce,
onde eu sustento a minha força e o meu desejo de me superar
em cada dia e em cada aventura;*

*Ao Prof. Doutor Pedro Silva,
meu orientador neste trabalho de Dissertação,
pelo interesse, empenho, atenção
com que se disponibilizou a abrir horizontes,
novos espaços de questionamento, reflexão e conhecimento,
pela amizade;*

*À família, aos amigos e aos professores
que cruzaram o meu percurso, o meu espaço e o meu tempo,
parte da minha vida, do meu crescimento,
da minha construção, da minha identidade,
ainda na aprendizagem de Ser...*

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham
nem estudam, em Portugal

Formiga Bossa Nova

Minuciosa formiga
Não tem que se lhe diga
Leva a sua palhinha
Não tem que se lhe diga
Leva a sua palhinha
Asinha, asinha

Assim devera eu ser
Assim devera eu ser
Assim devera eu ser
Assim devera eu ser

Assim devera eu ser
E não esta cigarra
Que se põe a cantar
E não esta cigarra
Que se põe a cantar
E me deita a perder

Assim devera eu ser
Assim devera eu ser
Assim devera eu ser
Assim devera eu ser

Assim devera eu ser
De patinhas no chão
Formiguinha ao trabalho
De patinhas no chão
Formiguinha ao trabalho
E ao tostão

Assim devera eu ser
Assim devera eu ser
Assim devera eu ser
Se não fora
Não querer

Alexandre O'Neill

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

“Modelados por esse mundo que contribuimos para modelar, não escapamos dele de forma alguma: conformistas ou marginais, dominantes ou dominados, todos fazemos (diferentemente) o que ele fez de nós e aquilo que podemos fazer em função das situações em que nos encontramos imersos.”

(Lahire, 2004: XIII)

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham
nem estudam, em Portugal

Apontamento

“Every man is (...) like all other men, like some other men, like no other man.”

(Kluckhohn y Murray, 1954, cit. por Bruner, E., 2009: 79¹)

Para os mais cétricos sobre a abordagem qualitativa e ao individual na sociologia, e para os mais propensos às análises positivistas firmadas sobre métodos quantitativos, escudados na segurança dos números e das estatísticas, afirmo, mais do que a possibilidade, a necessidade de procurar compreender o global a partir da descoberta da complexidade do singular, isto é, entender o indivíduo não como um “produto” isolado mas como resultado da ação do social, no confronto com a alteridade, de outros mais ou menos significativos, mais reais ou mais virtuais, da ação e dos acontecimentos também vividos em diferentes contextos, integrando histórias com diferentes representações na memória individual de cada um, incorporadas em metamorfoses permanentes e constantes num processo de construção e maturação de Si... Da mesma forma, não podemos ignorar que é do conjunto de indivíduos, das suas ações e das suas representações, que resulta o social, diferente de um simples somatório porque, em conjunto, cada um não é mais o “Eu” e o “Outro” mas um “Nós”, *múltiplos eus*, produto de cada diferente papel na dialética da relação entre dois ou mais indivíduos...

Vezzulla tinha já comparado a ação do mediador ao trabalho do fruticultor², na medida em que este último atua sobre as árvores, cuidando das suas raízes, do seu crescimento saudável e equilibrado, porque sabe que, ocupando-se da árvore, ela produzirá bons frutos. Da mesma forma, para o mediador importa mais agir com as pessoas e não sobre a resolução/gestão de conflitos... Na esteira de uma mediação transformativa e intrapessoal, mas também social (Torremorell, 2008), acrescento que importa lançar

¹ Consultado a 20 de janeiro de 2018, disponível em https://books.google.pt/books?id=3DvAJzhMBu0C&pg=PA79&lpg=PA79&dq=every+man+is+%22like+all+other+men,+like+some+other+men,+like+no+other+man.%22&source=bl&ots=vX2SoUiR6&sig=1VSgfXR2IsEi9keShZ8ZRj8QCKg&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwin2qKch_3YAhUKOxQKHaeLAOcQ6AEIUDAG#v=onepage&q=every%20man%20is%20%22like%20all%20other%20men%2C%20like%20some%20other%20men%2C%20like%20no%20other%20man.%22&f=false

² “(...) Para finalizar reitero que o mediador deve ser como o fruticultor que, para obter os melhores frutos (resultados), não se preocupa com eles, mas, sim, com as plantas, as árvores que os produzem (as pessoas participantes da mediação).” (Vezzulla, 2015).

sementes de dúvida e questionamento, de autorreflexão e de reflexão, de abertura a novas formas de viver, que permitam esse crescimento saudável e equilibrado, do indivíduo e da sociedade em geral.

Sirvo-me ainda do mesmo exemplo, por me ser pessoalmente tão caro: para conhecermos aprofundadamente o processo de crescimento do fruto na árvore, e das condicionantes intrínsecas e externas que favorecem ou limitam a produção do pomar, não podemos dedicar a nossa atenção a todas e a cada uma das árvores, nem a todos os frutos que elas produzem... Podemos, no entanto, distinguir apenas um dos frutos (...ou quatro!) e refazer a sua história de crescimento individual, incluindo os diferentes momentos de precipitação, variação de temperaturas e amplitudes térmicas, horas de sol, pragas a que esteve exposto, doenças da árvore, qualidade do solo, qualidade e quantidade de nutrientes e micronutrientes disponíveis... não confundindo, nem extrapolando ilações e conclusões sobre os outros “frutos”, ciente de que cada um terá um percurso de maturação único, que importa (re)conhecer e compreender, descobrir!, sabendo que, ainda que este fruto seja único e original, ele é também o resultado de um processo mais geral, e é deste fruto, com todos os restantes do conjunto de árvores do pomar, que resulta a campanha de cada ano...

Resumo

A implicação social e económica associada à condição de *nem* estudar *nem* trabalhar mobiliza políticos e estudiosos destas áreas, atentos aos novos indicadores estatísticos criados para dar parte de uma realidade nova, associada aos países das sociedades ocidentais, sobre a qual é necessário conhecer a dimensão bem como acompanhar a sua evolução.

A censura social abate-se, nesta sociedade economicista em que vivemos, sobre quem não contribui com o seu esforço para o desenvolvimento do bem-estar e da qualidade de vida comuns. E ainda que reconheçamos a existência de indivíduos que vivem de expedientes para sobreviver com o menor esforço possível, recolhendo benefícios do esforço alheio, quer através dos apoios do Estado, quer do apoio de familiares, há que admitir também um número crescente de jovens que involuntariamente atravessam um período bastante longo de incerteza e de instabilidade, antes de conseguirem integrar-se no mercado de trabalho, após a conclusão dos seus estudos, e assim autonomizar-se face ao meio familiar.

Propomo-nos, com este trabalho, dar voz a quatro destes jovens que permanecem diluídos no anonimato social de quem não vê a sua própria identidade reconhecida, na azáfama diária de quem se apressa para manter o seu lugar ou ambiciona subir na sua carreira profissional, ignorando aqueles que permanecem à margem. Estes jovens atreveram-se a partilhar o seu mundo emocional, através de uma entrevista semiestruturada, que trabalhamos sob forma de “relato de mundo interior” (vol. I) e que também publicamos na íntegra (*Vol. II*), de acordo com um trabalho de investigação sociológica enquadrado no paradigma fenomenológico. Procura-se melhor compreender a realidade social dos *nem nem* a partir da realidade individual incorporada da dimensão social, passando por procurar conhecer quem são os *nem nem*, a partir da representação que o próprio indivíduo faz de si, ou seja, compreender a compreensão do outro, a sua autorrepresentação. Quem são os *nem nem*? Que caminhos e percursos trilharam? Como vivem? Como pensam? De que se ocupam? Que projetos de futuro têm? Como se veem? São algumas das questões que nos propusemos conhecer **com** os próprios atores, no relato das histórias de vida cuja voz é devolvida a cada um dos protagonistas.

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

Palavras-Chave

Nem Nem; Trabalho; Escola; Família; Mediação; Retrato Sociológico.

Abstract

The social and economic implications associated to those who neither work, nor study, mobilises politicians and researchers of such areas, aware to the new statistic indicators set up to translate a new reality, associated to western societies, becoming necessary to know its dimension as well as follow up its evolution.

The social criticism relays, in this economic society we live in, over those who don't contribute for the common aim of increasing the welfare and wellbeing standards. And, even though we recognise the existence of individuals living on one's wits and few commitment, either from Government or from family, we have to acknowledge an increasing number of young people unwillingly crossing a large period of uncertainty and instability, before they mean to fit in the employment market, after they finish their studies, and so to gain independence from one's family.

We intend, with this work, to give four young people a voice, of whom stands diluted on social anonymity of those who don't have one recognized identity, between the daily bustle of people aiming their own concerns of keeping their job or aspires to get ahead in one's career, disregarding those who keeps in the fringe. These youngsters dare to share their emotional experiences, throughout a semi-structured interview, which we turned into an "internal world speech" (vol. I), and also published the whole text (*Vol. II*), according to a sociological research framework included in the phenomenological paradigm. We aim to better understand the social reality of **NEET** youngsters, from a personal point of view, and the individual reality incorporated on a social dimension, trying to know who are the NEEF, starting on one's own representation of the Self, meaning to understand the other's understanding, their self-representation. Who are the young NEEFs? Which paths they have come? How do they live? How do they think? What do they do? What are their projects to the future? What do they think about themselves? These are some of the questions that we intend to reach **with** those youngsters, through their own storytelling.

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

Keywords

NEET; Employment; School; Family; Mediation; Sociological Portrait.

Introdução

Geração *nem nem*: nem estuda, nem trabalha

Nem Nem é a forma comum encontrada para designar todos os jovens entre os 15 (início da idade ativa) e os 34 anos, que nem estudam, nem trabalham e nem se encontram em qualquer processo de formação profissional.

Na realidade, esta designação assenta numa terminologia que traduz uma realidade reconhecida formalmente por indicadores económicos e sociais de organismos internacionais, tomando siglas diferentes que significam concretamente os jovens que não têm **Nem Emprego**, **nem Educação**, **nem Formação**, os **NEEF** (em inglês: NEET, em francês e espanhol NI-NI).

O termo aparece associado sobretudo ao período de crise experimentado pelas sociedades ocidentais a partir de finais da primeira década deste século. Também em Portugal surge na sequência da conjuntura altamente desfavorável que se disseminou por volta de 2008, 2009 (Rowland *et al.*, 2013). As repercussões económicas e sociais deste fenómeno, a par da importância que adquire com o aumento registado do número de jovens que se encontram nesta situação, são motivos suficientes para merecer a atenção e a preocupação de políticos, mas também de investigadores das áreas sociais e económicas.

Neste olhar sobre o percurso de vida dos jovens, ressaltam as diferenças de situações e especificidades individuais nos projetos de vida, que o simples indicador “desemprego juvenil” se mostrou incapaz de dar conta, pelo que a emergência de um novo conceito se impôs, capaz de abranger situações que escapavam às restantes estatísticas de “jovem desempregado”: este conceito de NEEF, integra igualmente jovens à procura de primeiro emprego, em estágio, desenvolvendo projetos de autoemprego ou trabalho voluntário, mas também jovens reclusos, jovens com deficiência ou jovens domésticas, o que levanta alguma controvérsia justificadamente, já que dilui, no mesmo número, situações completamente diversas (Rowland *et al.*, 2013).

Fortemente associado às condições económicas e sociais dos territórios, o indicador NEEF sofre diferenças substantivas em número e características de acordo com o nível de desenvolvimento endógeno de cada região no nosso país, relacionado com a criação de oportunidades ou, pelo contrário, com a ampliação de obstáculos associados à interioridade e periferialidade das mesmas, pondo em evidência a necessidade de adoção de políticas sociais que visem a uniformização e a coesão dos níveis de desenvolvimento do território nacional, através de medidas de discriminação positiva, ajustadas à especificidade de cada uma (Rowland *et al.*, 2013).

É bem sabida a vulnerabilidade que alguns grupos sociais apresentam no acesso ao mercado de trabalho (jovens à procura do 1º emprego, mulheres, pessoas com deficiência): estes são os primeiros a dispensar em situação de crise, bem como os últimos a contratar. Daí, a preocupação dos diferentes governos em adaptar e adotar medidas estratégicas de benefícios fiscais ou outros que incentivem à sua contratação [por ex: o Decreto-Lei n.º 72/2017, de 21 de junho, que “regula a atribuição de incentivos à contratação de jovens à procura do primeiro emprego (...), através de uma dispensa parcial ou isenção total do pagamento de contribuições para o regime geral de segurança social, na parte relativa à entidade empregadora (...)”³; ou o Programa Investe Jovem que se destina “ (...) a promover o empreendedorismo e a criação de novas empresas por jovens desempregados, através do apoio à criação do próprio emprego e de micro negócios(...)”⁴].

Frequentemente encontramos associada uma imagem de apatia e de inércia dos jovens adultos da geração contemporânea, veiculando a ideia de uma opção pela ociosidade e privilégio da diversão, por maus hábitos de trabalho, e de falta de regras e de empenhamento em encontrar um espaço próprio de afirmação profissional.

O cartoon abaixo caricatura essa imagem que representa os jovens como um grupo desinteressado, irresponsável e imaturo, acomodado e pouco implicado em traçar um

³ Consultado a 24 de janeiro de 2018, disponível em http://www.seg-social.pt/noticias/-/asset_publisher/9N8i/content/incentivos-a-contratacao-de-jovens-a-procura-do-primeiro-emprego-e-de-desempregados-de-longa-duracao-e-de-muito-longa-duracao.

⁴ Consultado em 24 de janeiro de 2018, disponível em <https://www.netemprego.gov.pt/IEFP/progInvesteJovem.do?action=overview>.

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

projeto de vida assente em escolhas profissionais que lhes proporcione estabilidade e autonomia face à família.



Fonte: os “nem nem” roda de leitura e conversa | cardápio pedagógico⁵.

A corroborar esta imagem, verifica-se um acréscimo do número de jovens que se divertem sobretudo em grupo, à noite, em bares e discotecas, a valorização de uma estética e de uma imagem pessoal muito cuidada, o início do convívio cada vez mais tarde e também por mais horas, bem como um aumento de procura de diversões noturnas por jovens cada vez com menor idade, onde os consumos de álcool e de estimulantes químicos são frequentes e fáceis de obter. Por consequência, as manhãs são passadas a recuperar forças, adiando o começo do dia, com perdas efetivas de hábitos de alimentação (em família) e de sono, de ritmos de trabalho e de disciplina pessoal.

Litradas, happy hours, ladies nights, shots a metro, promoções. Os jovens portugueses têm vindo a adquirir padrões de consumo de álcool próximos dos nórdicos - grandes quantidades na mesma ocasião -, o que, segundo a Sociedade Portuguesa de Alcoologia, está relacionado com o facto de as bebidas serem baratas e o acesso fácil.

(DN on-line: 2015)

No entanto, cremos que se, de facto, existem jovens que se acomodaram a uma situação de desocupação, vivendo-a de uma forma mais ou menos confortável, também se evidenciam jovens que, apesar dos seus esforços e empenho, sofrem verdadeiramente a dificuldade de iniciar o seu percurso profissional, como se constata através de alguns trabalhos de investigação que se debruçam sobre este tema (Torres, 2013; Torres e

⁵ Consultado em 30 de maio de 2017, disponível em <https://cardapiopedagogico.blogspot.pt/2014/08/os-nem-nem-roda-de-leitura-e-conversa.html>.

Lima, 2014; Alves, 2006; Alves, 2008; Duarte e Marques, 2013; Rowland *et. al.*, 2013). Nestes, é apontada a descontinuidade do processo de transição entre o percurso escolar entretanto concluído e o mercado de trabalho, cada vez menos assente num momento claramente identificado com a primeira contratação, e cada vez mais por um longo e sinuoso percurso caracterizado por avanços e recuos, períodos de emprego e desemprego, de formações profissionais e académicas alternadas com experiências de trabalho, resultantes de decisões que os jovens tomam, mas que reveem e alteram, dependendo da informação de que dispõem no momento e da conjuntura económica e social. Podemos, por isso, afirmar, o carácter dinâmico deste conceito, o que implica uma dificuldade acrescida à sua análise.

Uma outra característica comum neste período de transição que se abre ao jovem no final da sua formação é forma como o mercado de trabalho o recebe, não como um trabalhador com qualificações relevantes mas como um jovem sem experiência profissional e com qualificações pouco valorizadas pela entidade contratante. Da falta de articulação e entrosamento entre o perfil de trabalhador procurado pelas empresas e o perfil “construído” na escola, resulta a precarização dos vínculos, remunerações inferiores aos restantes profissionais da mesma categoria ou à qualificação obtida.

Tradicionalmente, os jovens constituem um grupo etário vulnerável no mercado de trabalho, por várias razões: têm pouca ou nenhuma experiência de trabalho (...); têm uma maior probabilidade de transitar para relações contratuais instáveis; e a sua antiguidade reduzida limita-lhes o acesso a prestações sociais de desemprego (...). O desemprego de jovens é também mais sensível ao ciclo económico do que o de outros grupos etários (...), e enfrentam maiores desafios à entrada no mercado de trabalho, dada a sua falta de experiência e a possível desadequação entre as competências que têm para oferecer e as que os empregadores procuram.

(Torres, 2013: 42)

O alargamento do período de escolaridade obrigatória tem a vantagem de adiar no tempo a transição entre os dois mundos e proporcionar, simultaneamente, o aprofundamento de conteúdos pedagógicos. Mas, na verdade, esta imposição aos jovens estudantes de um acréscimo de anos de estudo não lhes traz nenhuma tradução prática no “jogo” entre a procura e a oferta de trabalho. As próprias empresas reconhecem pouco valor acrescentado a este grupo mais qualificado, mas mais inexperiente.

Traduzido e espremido este percurso escolar baseado em *curricula* teóricos, repetidos ano a ano, deixa de resto apenas uma maior desmotivação face aos anos de escolarização e à formação que lhes proporcionaram efetivamente.

A dificuldade de iniciar um percurso profissional impede, por seu turno, a autonomização financeira, habitacional, afetiva e familiar do jovem, prolongando a sua dependência em relação à família de origem, com repercussões quer no adiamento dos seus projetos de vida pessoais e profissionais, quer na estabilidade emocional e na autoimagem de si enquanto pessoa com direito à plena realização das suas aptidões e competências profissionais, sociais e pessoais.

É por isso que, para além desta realidade numérica, é necessário encontrarmos as histórias do percurso de cada um, promover o (re)encontro com os atores desta sociologia “em carne viva” (Amândio, Abrantes e Lopes, 2016), narrativas que resultam do quotidiano de quem vive efetivamente a realidade de não ter, ou de ainda não ter encontrado, um espaço próprio de ação e de realização pessoal e profissional.

Entendemos este estudo também como um espaço proposto de autorreflexão e de narração, também como um lugar de autoconhecimento e de transformação, e portanto de construção de um terceiro instruído (Serres, *cit. por* Vieira, 2016), num processo de mediação intrapessoal (Torremorell, 2008) de reconstrução identitária.

Além disso, pretendemos entender esta busca de uma melhor compreensão da multiplicidade de realidades humanas que constituem o todo social, enquadrada numa ação mediadora numa perspetiva sociocultural, constituída enquanto espaço de reflexão e de transformação de políticas sociais e educativas que possam contribuir, por um lado, para a promoção da participação plena de cidadania dos jovens *nem nem* (por isso, empoderador), e por outro, para a alteração de paradigmas de educação ultrapassados que não respondem às necessidades atuais deixando à margem um número crescente de jovens.

Pertinência e justificação do estudo

O estudo que nos propomos ora desenvolver procura abordar, a partir de uma diferente perspetiva (qualitativa, inserida num paradigma fenomenológico, de descoberta), um fenómeno social emergente e recente, com maior incidência nas sociedades ocidentais,

que importa compreender e aprofundar por forma a facilitar a criação e/ou adequação de políticas sociais e educativas que possam transformar modelos, atitudes e medidas ultrapassadas, e responder aos novos desafios económicos (de mercado) e sociais (inclusão dos jovens) com que o mundo moderno se debate atualmente.

As abordagens sociológicas que têm sido feitas recentemente, também em Portugal, são-no fundamentalmente a partir de uma perspetiva quantitativa, partindo dos dados estatísticos disponibilizados pelas entidades oficiais (INE e EUROSTAT), pelo que importa avançar para uma abordagem que integre a compreensão do indivíduo na complexidade do percurso trilhado e das escolhas feitas.

Como referimos atrás, este fenómeno surge nas sociedades ocidentais, em resultado da nova conjuntura social e económica associada a situações de desemprego e vulnerabilidades relacionadas com as medidas de “austeridade” que perpassaram um pouco por todo o mundo considerado desenvolvido.

Mas cremos que é também fruto da alteração de mentalidades e de cultura, que caracteriza as sociedades ocidentais, onde cada vez mais jovens resistem, por vontade própria ou, de uma forma mais inconsciente, a identificar-se com a norma que “encaixa” no perfil do sucesso escolar e opção académica e profissional subsequentes ou no perfil do jovem empreendedor, fortemente promovido pelas opções político-ideológicas próprias das sociedades liberais ou neoliberais, trilhando o percurso tradicional de, terminados os seus estudos, procurar e encontrar um emprego, “encaixando-se”, assim, no espaço produtivo da sociedade. Pelo contrário, vamos assistindo a uma desvalorização progressiva do valor social do trabalho, passando de uma cultura de “*socialização da produção*” para uma de “*socialização do consumo*” (Schmidt, 1990: 645-646), como já é fortemente notório na geração dos “millenials”.

Paralelamente, mas ainda no mesmo registo, situam-se os jovens cujo desinteresse, desmotivação e/ou maior ou menor dificuldade de apreensão dos conteúdos educativos, registam um percurso associado ao insucesso escolar, pressionados para enveredarem pela formação tecnológica com o posterior enquadramento profissional na área de competências mais práticas.

Em resultado destes caminhos previamente construídos, em que as opções são bastante assentes na formação escolar e em conteúdos teóricos, arrastados no tempo e sem

grande conexão com as exigências do próprio mercado de trabalho, tem vindo a aumentar o grupo de jovens que não se revê ou não encontra resposta nas propostas profissionais ou educativas que a sociedade atual tem para lhe oferecer.

Por outro lado, o aumento significativo da diversidade de oferta de novos cursos e especializações profissionais ou académicas, vieram adicionar um maior leque de opções e oportunidades de carreira para os jovens atualmente em formação, mas simultaneamente vieram também acrescentar uma maior confusão e dispersão na escolha dos seus percursos escolares ou académicos, levando-os a adiar preferências, ou a repetir áreas escolares, não por notas negativas ou insuficientes, mas por falta de identificação com as propostas que escolheram inicialmente.

Vamos assistindo ao engrossamento deste grupo de jovens, que não se distingue nem se notabiliza pela irreverência, pela reivindicação de espaços próprios de ação ou de afirmação, mas pelo silêncio dos números que crescem, dando lugar a um conjunto alargado de jovens adultos, cujos estudos terminaram ou decidiram terminar, e que se mantêm na dependência económica dos seus familiares e, conseqüentemente, habitacional, emocional e pessoal, porque interfere também nas suas decisões, enquanto pessoas autónomas e independentes, relativamente às suas escolhas de vida.

Na verdade, ser jovem deveria significar, antes de mais, ter permanentemente em perspetiva a capacidade de mudança e de transformação, quer dos diferentes contextos sociais que o envolvem, mas até do próprio aperfeiçoamento de si (das suas competências, dos seus traços de personalidade, do seu projeto de vida, das suas relações de amizade, familiares e amorosas...). A juventude, vista desta forma, é apenas o esboço de vida a traçar, um esboço de Ser.

A perceção de que diferentes níveis de preocupação relativamente a este tema se entrecruzam e dão origem a dimensões distintas de envolvimento, cria um genuíno interesse sobre a compreensão desta problemática, ainda pouco investigada. Na realidade, podemos observar o mesmo fenómeno a partir de duas dimensões: do ponto de vista pessoal, reflete-se na concretização de projetos de vida e de realização do jovem enquanto ser humano, envolvido na rede social da comunidade onde se insere e onde é suposto participar ativamente enquanto cidadão de plenos direitos e deveres; mas também do ponto de vista social e educativo, convém “resolver” esta falha na

capacidade de resposta que a sociedade apresenta. A responsabilidade perante a concretização de níveis de bem-estar e de qualidade de vida de cada um dos cidadãos deve ter reflexo numa verdadeira preocupação económica e política, emergente da necessidade de enquadrar estes jovens no tecido produtivo, envolvendo-os no desempenho da sua parte no papel contributivo na sociedade:

À escala europeia, as dificuldades específicas sentidas pelos jovens no acesso à vida adulta assumem um lugar central nas atuais políticas europeias: quer o programa de estratégia económica Europa2020, quer o programa de investigação científica e de inovação Horizon 2020 para os próximos seis anos elegem como uma das prioridades a aposta no desenvolvimento em educação/formação, em políticas de promoção do emprego e em pesquisa que permita combater os problemas juvenis – nomeadamente, o abandono precoce de educação e formação e o desemprego.

(Rowland *et al.*: 2013)

Contudo, a análise estatística dos elementos quantitativos que nos chegam não dá voz nem abre espaço à expressão de Si, das dificuldades, anseios, preocupações, projetos de vida, de quem vive diariamente o desafio de não encontrar um espaço próprio de realização profissional, que dê suporte aos seus projetos pessoais de construção da própria autonomia, nem nos permitem a compreensão profunda da complexidade de cada experiência, de cada percurso único de vida. Importa compreender, então a forma como é vivida, com os próprios jovens, a situação de dependência; de que forma afeta a dinâmica familiar; que sentimentos desperta nos diferentes elementos; que hábitos e em que contextos se movem estes jovens; como projetam a sua vida...

Só compreendendo profundamente quem são os jovens *nem nem* em Portugal, podemos entender uma parte importante da construção do tecido social, e que por ora nos escapa ou apenas intuímos...

Estrutura do trabalho

Após uma breve introdução ao tema, onde se justifica a pertinência e o interesse do mesmo e se procura fundamentar e enquadrar teoricamente o trabalho de investigação

que ora se apresenta, no Capítulo I abre-se espaço para a apresentação de cada um dos quatro jovens entrevistados, através de uma narrativa biográfica construída onde se procura dar total liberdade e autenticidade à sua voz e à forma como escolheram dizer-se, ainda que assumidamente se tenha orientado os temas de acordo com os objetivos de investigação previamente traçados, bem como se tenha editado e reorganizado o discurso por forma a tornar mais fluido e harmonioso o texto narrativo. As entrevistas originais e na íntegra são apresentadas no Volume II em Apêndice.

No capítulo seguinte apresentam-se os elementos já conhecidos sobre a realidade dos *nem nem*, de acordo com estudos sociológicos anteriormente realizados. Dá-se igualmente conta das considerações e reflexões que estão na base das opções da abordagem metodológica feitas concretamente neste trabalho, sustentadas em autores reconhecidos na área da investigação sociológica.

No capítulo III são explorados alguns dos conceitos sociais que se cruzam com a realidade de cada indivíduo e que assim contribuem para o seu processo de construção de identidade enquanto pessoa, nomeadamente a condição de ser ou estar jovem, a família, a escola, o trabalho e de ser ou estar marginal.

No Capítulo IV dá-se conta da relação entre o trabalho que se apresenta e uma intervenção social na área da Mediação Intercultural, entendida aqui como um espaço de intervenção também ele Sociocultural, no sentido próprio em que não se trata de trabalhar com diferentes culturas no sentido antropológico ou étnico do termo, mas associando-a a um espaço de intervenção com grupos que se encontram na margem do território social. Apresenta-se ainda como uma Mediação Intrapessoal (Torremorell) e introduz-se igualmente o conceito de Mediação Proativa.

As opções metodológicas que enquadram este estudo num paradigma de compreensão, a seleção dos indivíduos, a recolha e tratamento da informação, bem como a opção por apresentação dos dados sob a forma de “retratos sociológicos” (Lahire), constam do Capítulo V.

No VI Capítulo procura traçar-se o *Retrato Sociológico* individual de cada um dos jovens entrevistados, destacando “retalhos de vida”, que sumarizam algumas das suas considerações e percursos de vida, sem enveredar por análises clássicas de conteúdo, ou abordagens pseudopsicológicas ainda que, em jeito de conclusão, se reúnam algumas

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

reflexões em síntese, quer realçando ou salientando alguns dos aspetos mais significativos e relevantes nos percursos de vida apresentados, bem como algumas considerações pessoais que resultam da elaboração deste trabalho.

Capítulo I: Retratos a Cores...

Este capítulo corresponde a uma (primeira) apresentação, quase na íntegra, das vozes dos quatro sujeitos entrevistados. Vozes, pois, na primeira pessoa. O único papel do entrevistador aqui foi o de reorganizar e editar o discurso, introduzindo os subtítulos e de eliminar as suas próprias questões, os apartes e momentos de hesitação, o que poderá ser encontrado na transcrição das entrevistas no Volume II. Pretende-se, assim, desde já, marcar o tom de um trabalho que assenta na centralidade das pessoas e na sua compreensão⁶.

⁶ É a introdução desta secção que leva a um aumento significativo do número de páginas, o que esperamos que seja entendido e “relevado”...

Mário: O Hip-Hoper Anti-Sistema

A presente entrevista tem início após explicitados os procedimentos de gravação áudio, da construção do texto narrativo e assegurados os aspetos de anonimato e confidencialidade na transcrição e publicação do texto. O entrevistado é informado também sobre a devolução do texto para revisão e participação na narrativa do próprio. Tem também lugar a leitura e assinatura do termo de consentimento. A entrevista decorre na casa do entrevistado, no seu quarto, com a presença da mãe em casa.

O Mário (nome fictício) tem 28 anos. Apresenta-se com visual de um hip-hoper e fala acompanhando o discurso com a “dança” das mãos... tem um tom de voz suave e doce. Hesita bastante na escolha das palavras (de cada palavra!) que melhor definem o que pretende exprimir. Vive com a mãe e a avó materna num apartamento de uma freguesia no centro de Lisboa.

A geração nem nem

Não me incluo na categoria dos *nem nem*, dos que não querem nem saber de fazer alguma coisa, nem nenhuma das pessoas que eu conheço da minha geração, um bocadinho acima um bocadinho abaixo, ‘tá tudo fora disso! Abaixo, nas gerações mais novas até aos 25, 24 anos é que eu encontro pessoas que não têm aquele sentido que havia antigamente. Antigamente havia mais a noção de que era preciso terminar a escola e ter um curso para ter trabalho. Hoje em dia, isso perdeu-se e substituiu-se pelo sentido do imediato: a começar por um *part time*, num *call center* ou coisa assim, os jovens têm um ordenado imediato, por isso não precisam de tirar um curso, que é uma coisa mais longínqua. Eu ainda sou do tempo em que as pessoas iam trabalhar para pagar os estudos. Agora, quando os jovens começam a trabalhar para pagar os estudos, chegam à conclusão de que já não precisam dos estudos para nada, já ganham o dinheiro que esses estudos deviam dar.

Pela minha parte, eu estou fora disso tudo, eu estou a seguir o meu próprio caminho, desde que saí da escola, em 2009, no 9º ano (acho que na altura ainda não era obrigatório, o 9º ano).

A escola

Repeti duas vezes o 9º ano, reprovado por faltas, porque na altura, eu já estava “em luta com o sistema”, eu nunca me encaixei! Então, sentia que andava a perder tempo com uma coisa que não tinha a ver com o que eu queria seguir. Na verdade, eu sempre quis seguir música... Digamos que a formação académica que eu acabei por ter, acabou por ser mais formação pessoal porque, escola, a direção que eu ia tomar invariavelmente ia sempre dar à música, e aí não há nada. Principalmente naquela altura não havia nada. Eu tinha que ir tirar um curso de técnico de ar condicionado ou técnico de formação alimentar para ter aqueles requisitos mínimos para poder ir para um curso de música.

Por isso, também não era eu que não me encaixava! O sistema é que não se adapta a mim... o sistema é que não estava feito para mim! É um sistema de reforços negativos e eu sou uma pessoa que aquele sistema comigo não funciona, embora não fosse aquele tipo de alunos que eu considero revoltados...

É a escola! A escola, hoje em dia, principalmente pela minha experiência pessoal, é uma coisa mais de formatação do que formação, e eu falo na primeira pessoa porque na escola não nos ensinam a ter pensamento crítico, não nos ensinam a questionar as coisas. Ensinam-nos a saber o que é suposto saber e, se por acaso, formos além disso “Chega! Já ‘tás a criar muito trabalho!”. No fundo, desde muito cedo, eu tenho essa consciência e eu queria era aprender. Por exemplo, eu na escola era aluno de 2 a inglês. Detestava Inglês, era péssimo! E hoje em dia, falo fluentemente inglês! Aprendi porque precisava de aprender naturalmente!

Portanto, eu tenho bases para poder por em causa muita coisa. Não é o meu objetivo. Eu não estou aqui a fazer política, eu não estou contra nada nem contra ninguém! Mas tenho que dizer que a escola é uma coisa obsoleta! E eu simplesmente decidi ignorá-la, deixei de perder tempo com ela e sigo o meu caminho! Não me interessa criticar, eu já desisti de tentar mudar algo, fazer a mudança não me cabe a mim!

Existem depois, também os *lobby* das faculdades, principalmente nos cursos de ciências... em vez de, por exemplo, medicina (é uma coisa que me deixa completamente maluco!), existe indústria farmacêutica e a indústria farmacêutica patrocina os cursos de medicina, patrocina os cursos de farmacêutica, etc, etc, etc...

Digamos que há aqui um corte entre o verdadeiro estudo académico e a formação, que se tornou noutra coisa!

Comecei por andar na Escola Primária 154, ali ao pé do liceu Filipa, da 1^a à 4^a classe. No 5^o ano fui para o Liceu Camões, e depois entrei para o Colégio Militar, no 6^o ano. Vim “cá para fora” a mais de metade do 8^o ano e, depois... começou aí a minha guerra, digamos (*sorri*):

No Colégio Militar, eu estava em regime de internato. O sistema de avaliação lá era de 0 a 200, enquanto que “cá fora” é de 1 a 5. Por isso, quem no Colégio Militar tiver um 3, “cá fora tem cinco”. E quando eu saí do Colégio Militar, e fui transferido para o ensino público, tinha boas notas mas, por questões administrativas, roubaram-me um ano! Eu nunca tinha chumbado nenhum ano! E, por ter ido para um colégio privado e não ter renovado a matrícula (‘que eu queria ir para o “Filipa”), eles perceberam que eu não ia continuar e “qrrrr!” (*faz o sinal de corte com as mãos*) fui corrido a dedo... Fui pra escola Gago Coutinho, repetir o 8^o ano, e a partir daí... Ainda dei ali uma hipótese a ver se no 9^o ano as coisas mudavam, mas...

Mas eu não deixei a escola! Não podemos dizer as coisas assim... Simplesmente, não há escola! Porque ao dizer que eu deixei a escola já se pressupõe que eu saí de uma coisa onde estava inserido e isso, simplesmente, não aconteceu. Não há escola!

O problema é que eu precisava do 9^o ano, portanto, automaticamente tinha a porta barrada. Enquanto eu não acabasse o 9^o ano, eu não podia entrar para um curso. E na altura, estar 3 anos numa escola ou fazer um curso para dar equivalência ao 9^o ano, quando eu já estava fora, era perda de tempo! Ainda por cima num curso que não tivesse nada a ver comigo (ser técnico de esquentadores ou uma coisa assim) para ter aquela formação profissional, para me dar aquelas bases. O que havia na altura, relacionado com a música era no estrangeiro, mas aí por questões económicas e monetárias, não tinha essa hipótese, e basicamente é isso: não há cursos de música, não há cursos de produção, não há cursos de...

Então, eu entrei para a Eugénio dos Santos em 2005 (foi quando entrei para o 9^o ano). Portanto, devia ter uns 15, 16 anos, e saí ao fazer os 18, porque aí já tinha livre arbítrio, a responsabilidade já era minha. Algures entre 2009 e 2011, salvo erro, foi neste período de tempo que eu estive parado, foi aquele tempo que me recusei... (“parado” entre

aspas... a nível académico, não estive matriculado em nenhuma turma), porque não quis ir para aqueles cursos EFA que eram de 3 anos. Recusei.

Logo quando eu saí da escola, em 2009, mais ou menos, tinha o 9º ano incompleto, mas eu já tinha repetido o 9º ano 3 vezes e já tinha 18 anos... eu sabia que havia maneira de fazer o 9º ano sem ser por aquele sistema tradicional... havia o ensino recorrente, que era à noite... havia mais 2 ou 3 opções nos colégios privados, havia esses tais cursos EFA, mas eu sabia, tinha conhecimento, que existiam outras maneiras de acabar o 9º ano... Portanto, o que eu vim fazer em 2011, o RVCC (com as Novas Oportunidades), eu podia ter feito logo em 2009, e isso de certa forma, não me teria prejudicado... não é que me tenha prejudicado, mas teria agilizado as coisas e teria sido mais rápido. Portanto, o que aconteceu foi: eu já sabia isso, pesquisei nas Novas Oportunidades e aí encontrei mais um degrau que foi quando eu descobri esses cursos RVCC. Na altura eu estava barrado porque era para maiores de 23... ah!, agora é que [me lembro], portanto, foi com 23 anos exatamente! Foi a janela de tempo entre os 18 e os 23, precisamente por causa desta questão, porque os requisitos mínimos era preciso ter 23 ou mais, ou ter 2 anos no mínimo de descontos, e eu como já tinha trabalhado mas não tinha os descontos registados na Segurança Social, tive que esperar pelos 23 anos. Foi uma jogada que eu fiz, claramente! Pensei: entre ir 3 anos para um curso EFA (que eu já sei o que é que vai acontecer), e esperar, eu vou esperar e depois tiro o 9º ano!

A relação com a música

A música é aquilo que eu nasci para fazer! Não, tenho que dizer isto de outra maneira: se cada pessoa tem uma aptidão natural, há duas coisas que eu tenho: uma é escrever e a outra é a música. Só que eu não me vejo a ser escritor, não é a minha paixão: a minha paixão é a música! Só que eu não tenho para a música a mesma aptidão natural que eu tenho para a escrita, ou seja, a escrita é inata! É uma coisa desde sempre! Eu passava as questões dos testes de português só para escrever a composição... É uma coisa que já é genética, porque o meu pai também escreve... isso vem de trás, não é?... ãahm... Mas, uma coisa que eu me apercebi é que não quero ser escritor. Portanto, apesar de eu ter facilidade para escrever e de ser uma coisa que faço bem, iria ser um sacrifício! Eu gosto de escrever, mas ter aquela obrigação de fazer profissão, portanto ter que escrever de propósito, está completamente fora de questão! E em relação à música, o dilema

sempre foi que, apesar de eu escrever bem isso não se traduz automaticamente em música! Apesar da música também ter escrita, não é a mesma coisa! Como eu sempre quis ser músico, então estava a fazer esse percurso natural, não era através do ensino que eu me tornaria músico. Eu vejo as coisas um bocado à minha maneira: só me sinto músico depois de eu ME SENTIR músico, não é por ter um curso a dizer que eu sou ou por certificado, etc, etc, etc. Basicamente, o percurso que eu fiz foi que cheguei a este ponto em que vou abdicar de ser músico, mas estou a trabalhar na música, ou seja, o equivalente a: eu queria ser jogador de futebol, em vez de ser jogador tornei-me um treinador, ou construí um clube e sou o presidente desse clube, digamos assim.

Mas o hip-hop é a minha essência! Eu respiro música, só que tenho uma coisa... é muito estúpido eu dizer isto, mas é verdade: eu gosto tanto ao ponto de abdicar, porque é uma coisa sagrada... eu para a fazer bem ia ter que perder tempo... então, em vez de estar a perder tempo, prefiro ir buscar alguém que eu olho como se fosse eu, eu revejo-me, e vou agarrar nessa pessoa...

Não sei o dia de amanhã, não sei o que é que pode acontecer, não sei se de hoje para amanhã eu volto atrás, mas neste momento, em termos práticos, a música está um bocado posta entre aspas “de parte”, no sentido de ser eu a fazê-la. Mas, de resto, é exatamente a mesma coisa!

A escola da vida

Entre os 18 e os 23 anos, depois de ter desistido da escola e enquanto esperava para ter acesso ao RVCC, eu VIVI!... É-me difícil explicar porque é exatamente a mesma coisa, simplesmente, não estava matriculado numa turma, de resto, era exatamente igual! Passava os dias exatamente da mesma maneira. A única diferença é que não estava registado numa matrícula! Continuava a ter a mesma rotina. Portanto, naquela fase, quando eu saí da escola, eu não estava matriculado mas eu, se fosse preciso, até continuava a ir, continuava a ter a mesma rotina, continuava a ter as mesmas coisas, saía... tudo normal... só deixei de estar matriculado e tomei o controlo da minha educação, e do meu ensino e, por exemplo, já não ‘tava preso aquela agenda. Em parte, quando penso no que fiz durante esse tempo, eu acho que não fiz nada, mas agora olhando para trás... nesses 3 anos, por exemplo, tirei um curso de inglês, um

bacharelato de Inglês! São coisas que, mesmo que eu vá para a faculdade, mesmo que eu vá tirar um curso, é óbvio que eu vou sempre aprender, mas vai ser mais certas arestas que vão ser limadas e partidas e certas lacunas que vão ser preenchidas porque, na base, se eu já falo, se eu já entendo... eu não vou entender mais do que eu já entendo! Porque, por exemplo, há coisas que certamente são finitas: o vocabulário, é óbvio (nem da própria língua portuguesa eu tenho o vocabulário completo, quanto mais de inglês!), mas, da dinâmica em si... Até mesmo por isto, porque eu falo o inglês real, eu não falo o inglês que vem nos livros, portanto eu provavelmente teria grandes hipóteses de entrar em conflito com o professor de inglês, porque, segundo o livro se fosse um professor picuinhas, “isto não é assim, isto não é assim, isto não é assim, porque não é suposto ser assim, porque aqui tá escrito que não é assim”, mas depois na prática aquilo ‘tá mal e, basicamente são estas peculiaridades que eu sempre tive, por isso é que decidi... não foi decidir, foi a partir do momento em que eu tive esse tempo mais livre (livre, no sentido de que não tinha a escola) tomei controlo da minha vida. E tudo... não foi uma coisa que eu acordei um dia e “Ó, vou fazer isto!”, era tudo coisas que eu já fazia, só que digamos, como tinha a escola se calhar ainda não tinha essa liberdade e a partir do momento em que saí da escola... Eu sempre escrevi mais em inglês, sempre trabalhei on-line, portanto, foi uma coisa instantânea: a partir do momento em que eu comecei a ver vídeos com legendas em inglês, com áudio em inglês (*estala os dedos, como se tivesse feito um clic*), em menos de nada...

E, quando eu vi essa magia a acontecer com isso, eu comecei a aplicar o mesmo método com tudo! Só que depois há coisas que eu não quero! Por exemplo, houve uma altura que eu era assim uma espécie de autodidata, queria aprender tudo! Mas depois cheguei à conclusão de que isso era contraproducente, porque nós não somos bons para tudo! Portanto, para que é que eu quero saber “aquilo”, estar a aprender “aquilo” se eu depois não vou saber executar?! É preferível, por exemplo, eu agora preciso de fotógrafos, preciso de pintores, preciso de uma série de coisas, eu podia aprender essas coisas para não ter que pagar a alguém, para eu ser autossuficiente, mas eu vou sempre comprometer a qualidade porque eu só sou bom naquilo que eu sou bom, as outras é por necessidade, digamos assim.

A “empresa”

Já nesta altura, já em 2007, eu tinha o meu emprego. Aos 18 anos fiz a minha primeira empresa, que era uma produtora de eventos, portanto... este tal caminho que eu falo, nessa altura já estava a começar.

Ter autonomia financeira em relação à minha mãe já é uma não-opção, isso já tem a ver com outras coisas... o facto de eu ter ou não ter, não tem a ver com isto... por acaso não tenho, que tem a ver com uma série de contratemplos e coisas mas que não está muito diretamente relacionada. Portanto, em condições normais, tenho! Porque, por exemplo, essa produtora de eventos já não existe, mas foi o embrião disto que eu tenho agora, da empresa que eu vou formar agora. Portanto e basicamente, esta não formação que eu NÃO TIVE pela escola, eu tive-a à mesma com as minhas experiências.

Eu agora, por exemplo, estou com um dilema, em que eu até estou na iminência de ser recrutado por uma empresa de marketing, em que eles veem que eu tenho as competências e que eu tenho o curriculum feito (no sentido em que eu tenho uma pasta que é um portefólio em que aquilo serve para isso mesmo). Mas, se formos analisar eu não tenho o curso, não tenho a formação, eu não tenho nada... não dá para categorizar, pra ver por onde é que vamos porque, se formos pelas competências, tenho as provas dadas, ao ponto da própria empresa que está na iminência de me contratar (são pessoas profissionais do “meio”)... há aqui uma coisa que eu tenho que elas próprias não têm, porque isto não se aprende na escola! São aquelas coisas da vida real que só aprendemos quando passamos por elas, não vêm nos manuais!

Além disso, eu já tenho a minha própria empresa. Isso é um complemento porque eu na minha empresa, estou a fazer tudo sozinho, ou seja, enquanto sou eu que tenho as rédeas de tudo, eu quase que tenho que abdicar dos meus lucros, porque esses lucros são reinvestidos na empresa. Ou seja, eu fico no final da equação! E isto a acontecer, permitiria que eu, paralelamente e fundido com isso que é exatamente a mesma coisa, eu já ia ter uma entidade patronal naquilo que eu faço, não sendo eu que ia estar a canalizar recursos pra mim. Eu sou pago à mesma, e aquilo que eu já faço...

(Não) fazer parte do rebanho

Sair “em rebanho”, ir com os amigos para uma discoteca para ficar da meia-noite às 6 da manhã, a consumir álcool, para chegar a casa em coma alcoólico, bem... não, esse

tipo de comportamentos destrutivos eu não tenho! Eu, por definição, já estou numa coisa que envolve uma substância que, infelizmente, é ilegal (eu sou consumidor de cannabis), portanto...

Agora, apesar de eu levar com esse rótulo e de estar associado a esse estigma, eu considero-me uma pessoa responsável... portanto, eu acho que um bocado pela minha atividade eu tenho essa responsabilidade e, isto sem estar a querer ser preconceituoso, de evitar aquele tipo de comportamentos destrutivos que querem associar a isto. Para não ser hipócrita, não nego que eu já tive nessa dinâmica antes! Já vivi no mundo da noite! Agora, eu saio pra estar com os meus amigos, e todos os dias, eu tenho a verdadeira saída à noite: vou sair com os meus amigos para ESTAR COM eles! Porque o resto são grupos que saem para beberem, depois fazem tudo menos estarem VERDADEIRAMENTE uns com os outros! Basicamente, essa dinâmica dos jovens e tudo o que tenha um bocado a ver com esse *status quo*, com a sociedade, com aquela pressão, com o “tem que ser assim”, eu estou fora disso!

Saio com os meus amigos na mesma, só que em vez de ir pra uma discoteca pagar 9 € por uma bebida que custa 1, faço a festa em minha casa, não sou espancado por um segurança e viro o jogo a meu favor! Já não dependo disso, sei como é lá fora, já tenho um bocado a experiência, sei exatamente o que é que é a noite, sei o que é que são essas saídas...

É um bocado como trabalhar em televisão ou cinema: eu quando vejo o filme e quando vejo a música, eu aprecio a arte mas eu já sei como é que foi feito e já sei o que é que está por trás! Se calhar, já não tenho aquela vontade de ir ao cinema tantas vezes, porque eu tenho acesso praticamente integral aos bastidores e eu só com base nisso, faz-me estar fora de certos comportamentos “em rebanho”.

A família

Acho que a minha família era “normal”. Desde os 4 anos que vivo só com a minha mãe e com a minha avó. Não tenho mais irmãos e a minha mãe e o meu pai são separados. Quer dizer, sempre foi assim uma dinâmica um bocado diferente: não é aquela família tradicional em que a mãe trabalha, é uma dinâmica mais de, se calhar, de irmãos...

Como sou só eu e a minha mãe, na realidade, a minha avó acabava mais por ter o papel de mãe.

Eu não gosto de considerar-me um visionário, mas tenho que admitir que eu tenho olho para certas coisas, pronto. Isto, não querendo ser presunçoso, já é óbvio que tinha um certo padrão, não é por acaso, não é só sorte! Por exemplo, eu entre 2005 e 2007, já tinha 22 *bitcoins*. Esses 22 *bitcoins*, se eu os tivesse hoje, valiam à volta de 400 mil euros! E já os tinha, entre os meus 16 e os 19 anos! Eu com essa idade, eu já tinha aquilo, eu SABIA o que tinha, eu sabia... até digo de outra maneira: eu sabia que isto ia acontecer, mas eu não sonhava que fosse tão rápido, mas nunca duvidei que ia acontecer, e aconteceu!

Mas os meus pais sempre olharam pra mim como um bocado distraído, ou seja, isto é uma questão de sensibilidade, uma questão de *feeling*, uma coisa que não se ensina, é uma coisa que não se explica... e eu sempre tive esse *feeling*, só que tecnicamente era quase religião: havia Deus e como ninguém via Deus, não acreditavam... então com os *bitcoins* foi um bocado aquilo que se passou: o meu pai é recordista do GUINNESS, e tudo mais! É uma pessoa que posta, em comparação com as demais, se destaca! Não lhe quero chamar génio mas, efetivamente é uma pessoa que, mas... está assim! (*faz sinal com a mão acima dos olhos*) Fez o seu percurso de vida, tem 5 recordes do GUINNESS, etc, etc, etc... Mas, o meu pai não percebia, eu também não lhe sabia explicar da mesma maneira e ele hoje reconhece. O meu pai agora, se calhar pode continuar a não perceber, mas ele já não ousa fazer o que fez com os *bitcoins*, porque ele viu o resultado... e há muitas coisas que o meu pai me criticava que ele agora é que percebeu a dimensão da coisa. E isto para dizer que, basicamente, eu sou uma daquelas crianças que (isto não é pra deitar culpas a ninguém mas) faltou-me um mentor. O meu problema é que eu não tive mentor: eu sou uma daquelas crianças que se alguém tivesse estado atento, entre os 14 e os 16 anos, tinha-me direcionado para aquilo, para a música... Aquilo que eu fiz por mim próprio, alguém que tivesse a aptidão natural para fazer, fazia! É um bocado a história a reescrever-se, só que eu já tiro proveito disso e dificilmente reescrevo a mesma história: o percurso que o meu pai fez, eu já o estou a fazer, só que já não estou a fazer a coisa para mim, já estou a fazer a coisa para uma causa e já estou a pôr isso “ao serviço de, em vez de ser em prol de mim.

Anti Sistema

A relação com a minha família do ponto de vista das finanças, é uma situação perversa em que o equilíbrio não é bem normal, ou seja, na teoria é como se eu fosse sustentado, não digo pelos meus pais, mas pelos meus familiares, mas na realidade já sou eu que os sustento a eles! Porque, eu com isto que tenho, embora não seja oficial, eu já faço aqui uma desmultiplicação, quanto mais não seja do dinheiro que eu não deixo no Estado, eu já tenho uma coisa autossuficiente para mim. Agora, eu ainda não tenho o trabalho, porque eu não quero fazer as coisas “por baixo da mesa”: eu quero fazer as coisas legais, eu quero receber faturas, etc, etc, etc... e é isso que as outras pessoas não vêm: criticam por não haver trabalho, mas depois não lhes interessa que seja legal ou não! E eu como sou uma pessoa de princípios, como eu sou MUITO teimoso nesse aspeto, é “o certo pelo certo e o justo pelo justo”! Não me cabe na cabeça criticarem-me porque eu não tenho um trabalho, mas depois ser um trabalho não oficial, porque basicamente, não há diferença nenhuma entre isso ou não ter trabalho legal.

Eu sou autossuficiente desde sempre, desde criança. Tem mesmo a ver com a minha maneira de ser: desde pequenino eu nunca fui uma criança de ir às lojas comprar roupa: eu via nas lojas a roupa que eu gostava, eu procurava na net, em sites que vendiam coisas baratas... Eu não sou nenhuma pessoa assim de posses muito grandes, mas sempre me dei ao luxo de viver nesse luxo porque sempre tive “olho” para essas coisas! Mesmo esta empresa, passa muito por isso: em vez de olhar em frente pros lucros (que é o que a generalidade das pessoas pensa e ninguém trabalha sem ser para isso), a primeira coisa que eu penso é no VALOR que eu fiz, ou seja, coisas que não me deram dinheiro mas deram-me experiência, deram-me portefólio, coisas materiais. Por exemplo, o que eu tenho aí em cima (*aponta uma pequena coleção de isqueiros*), não tenho notas! Mas eu nessa mesa, só em isqueiros tenho aí mais de 300 euros! Não recebi os 300 euros num pagamento, mas eu posso vendê-los! E depois, outra coisa muito interessante, é que todo o tempo que eu gasto, é dinheiro que eu não gasto, torno-me autossuficiente: tenho a minha roupa, tenho as minhas modelos, tenho os meus produtores, tenho os meus fotógrafos... está tudo nesta empresa, em que sou eu que lhes pago ordenado, mas eles estão a trabalhar para mim. Portanto, fica tudo em casa, é tudo a mesma coisa, porque eu tenho esta visão: muito do que eu aprendi na música, é uma área em que se se quer ganhar dinheiro, condição obrigatória é gastar-se dinheiro! Não

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

se ganha dinheiro na música sem se gastar! Basicamente, é o que eu tenho estado a fazer...

Liliana: Mudar o Mundo de Alguém

A presente entrevista tem início após explicitados os procedimentos de gravação áudio, da construção do texto narrativo e assegurados os aspetos de anonimato e confidencialidade na transcrição e publicação do texto. A entrevistada é informada também sobre a devolução do texto para revisão e participação na narrativa da própria. Tem também lugar a leitura e assinatura do termo de consentimento. A entrevista decorre num gabinete de estudo da ESECS do IPLeiria, por sugestão da própria entrevistada.

A Liliana (nome fictício) tem 32 anos. Tem um tom de voz afirmativo e decidido. É natural e residente de um lugar habitacional com características rurais, numa aldeia do distrito de Leiria. É licenciada em Serviço Social. Tem a avó acamada ao seu cuidado, num trabalho que desenvolve em colaboração com a sua mãe. Além disso, responsabiliza-se pelos sobrinhos em tempo de férias escolares, ou doença, em períodos que não coincidem com a disponibilidade profissional dos pais.

Geração nem nem

O que eu acho é que há uma geração assim, que não tem trabalho, nem estuda, mas também não quer saber do assunto. Mas eu própria, EU não me identifico com esta forma de pensar, mas acredito que caracteriza alguma parte dos jovens. Não quer dizer que sejam todos e também não quer dizer que eu acredite que todos os jovens pensem assim, porque há uma grande parte que, se calhar, é julgada e é toda posta no mesmo grupo. No entanto, não é por causa disso que deixa de procurar emprego, trabalho... é rotulada de! Isto é a minha opinião. Daí, eu se calhar até podia ter sido rotulada disso e não quer dizer que eu me identifique com isto!... É o que eu acho, é a minha opinião.

Por exemplo, eu sou de um meio rural, portanto, a localização é um fator que dificulta o acesso ao trabalho. Para mim, há um conjunto de fatores: é a questão da falta de oferta, mas também pode ser o facto do local onde nós vivemos. Se calhar, se vivesse numa cidade, facilitaria muito mais estar perto das coisas e ter acesso às coisas, embora isso hoje em dia não seja um ponto em questão! Se calhar, se nós há uns anos atrás

procurávamos um trabalho ao pé de casa, hoje em dia já estamos predispostos a fazer 20, 30, 40, 50, 60 km para ir em busca de alguma coisa. Se calhar, há 20, 30 anos, não se pensava muito bem nisso, “quero é arranjar aqui assim, não ir para muito longe...”. Também não havia a acessibilidade que há hoje com as estradas que há. Hoje em dia, pode-se ir a Lisboa e estar em qualquer lado no mesmo dia, e fazer-se tudo. Agora o que eu acho é que há todo um conjunto de fatores: a questão da localização, a questão da oferta... Depois, há mais duas questões: temos o tipo de jovem que está predisposto a tudo porque sim, precisa de ganhar dinheiro; mas também temos uma outra... há aqui dois extremos, porque se temos por um lado os jovens que estão dispostos a fazer qualquer coisa para arranjar dinheiro, também temos outros, outra geração que está mais informada dos seus direitos e pensa “Espera, quer dizer, eu vou fazer estas horas para receber isto? Mais vale ficar quieta, não é?”. Se calhar, se houvesse outros incentivos do Estado... quer dizer, se o Estado me diz assim “Olha, tens este subsídio mas pode-lo perder, se arranjares um trabalho temporário”, a pessoa até não se importava de ir trabalhar mas “Espera lá! Se eu vou trabalhar este X e não tenho isto por adquirido...” Ou uma pessoa com uma deficiência que gostava de trabalhar, para se sentir útil. Era uma mais-valia para a sociedade! Mas o Estado, não! O próprio Estado, acho também que tem um bocadinho de culpa nisso, para além das exigências que faz às empresas hoje, de impostos, faz com que as empresas, por consequência, tentem baixar os salários e acaba por ser uma escravatura do século XXI, quase que, diria eu! O Estado é um bocadinho culpado disto. Porque é que uma pessoa com uma deficiência, com uma limitação, não pode ter um emprego e um apoio do Estado? Uma parte, do Estado? Não seria uma mais-valia? Mas eu, no meu entender, acho que isso para além do Estado, também é uma questão cultural: isso foi quase que incutido, quer dizer, ou servimos para produzir e para dar trabalho/emprego, ou se não damos tanto rendimento, esquece!

Eu, o que eu acho que a mim me impediu, foi todo um conjunto de fatores: foi a questão de onde eu morava, a questão de eu não ter acessibilidade como, se calhar, a maioria dos jovens que vivem numa cidade e que têm ‘carta’; como foi a questão de me julgarem por uma limitação que eu tinha, que não faz de mim melhor ou pior trabalhadora! Eu tenho mãos! Eu sou autónoma! Isso faz de mim mais ou menos humana do que outra Técnica? É uma questão que eu faço.

Pergunta-me “bom, mas podias estar a trabalhar...” Eu pergunto: Será que estaria feliz? Será que estaria realizada? Será que, quem trabalha hoje está realizado? Ou será que quem não está a trabalhar é feliz e está assim porque quer? Será que é mesmo feliz? ...Ou será porque não lhe dão oportunidades? Sim, mas podem dizer assim “Não, mas ele não quer mesmo trabalhar!”. Já alguém lhe perguntou? Já alguém lhe deu oportunidade de-? Alguém sabe se aquela pessoa tentou ou não tentou, se mandou currículos, se não mandou? Eu não posso julgar, à partida, aquela pessoa!

E, hoje em dia, se voltarmos às empresas, hoje em dia queixam-se: temos muitos engenheiros, temos muitos doutores, mas falta MÃO-DE-OBRA!”... E há tempos atrás, foi valorizada essa mão-de-obra? “Não, tu estás aí em baixo, eu ‘tou cá em cima! Eu não preciso muito de ti!”... mas, se calhar, precisam... E acredito que se havia isso há uns anos, hoje há, continua a haver, mas já há algumas empresas que estão a começar a ver: “Espera! Eu precisava desta mão-de-obra...”. Eu sinto que nós temos boa mão-de-obra, bons profissionais, mas não lhe damos valor!... Então vou lá para fora à procura de mais oportunidades, porque lá sentem-se valorizados! Eu acho que o que falta um bocadinho à geração de hoje, sente-se descartável, que não é valorizada por aquilo que fez, ou pelo aquilo que estudou, por consequência, desvalorizada – desmotivada! E depois há a questão de, se eu posso ficar em casa dos meus pais a fazer não-sei-quê... se calhar, há 30 anos, não! Olha, chegas aqui e “Ó meu amigo, agora desenrasca-te!” Agora não, temos filhos ou que ficam até mais tarde ou que regressam! Depois, ainda há outra realidade encapuzada e desconhecida, que grande parte da sociedade não sabe, mas que eu conheço e que já vi, tem filhos a irem buscar os pais aos lares porque precisam da reforma dos pais! Aqueles pais custaram tanto a entrar naquele sistema, naquela rotina, a aceitar aquilo!

Hoje em dia só se quer ver aqueles “ou queres trabalhar ou não queres trabalhar!”. Ponto. Se ganhas bem, se ganhas mal... Tens que trabalhar para sobreviver, não é para viver, é para sobreviver! Ponto. É o que é imposto a muitos! Então, se eu tenho uma retaguarda ou não, muito bem, se não tenho, vou fazer o que quer que seja.

Fiz voluntariado, atualmente não estou com tanto empenho, mas fiz voluntariado durante alguns anos, num lar, onde fiz o estágio, se calhar, com a esperança de que poderia lá ficar! Passava o dia lá, fazia montes de atividades, fazia tudo, mas como diria o outro “dos obrigados, dos sorrisos, eu não como!”, salvo seja! Mas tento estar sempre

empenhada em tudo do que seja atividades de cariz social, procuro-me atualizar. Agora nem tanto, confesso, nos últimos dois, ano e meio, mas tudo o que seja formações na área social, workshops, alguma coisa de cuidadores, tento estar atenta ao que se passa, em não “parar no tempo”! Tento perceber, contactar com pessoas que trabalhem na área e que falem sobre as coisas. Procuro, nesse tempo, estar atenta a respostas, em questão de empregos. E neste momento, estou num momento de transição, se não consigo arranjar emprego como “pessoa NORMAL”, vou tentar arranjar como pessoa com deficiência, neste caso, uma limitação que eu tenho, ainda que seja pouca, tentar arranjar outra vaga profissional.

Apesar de não estudar, procuro emprego, sim, procuro. Agora se posso dizer que é com tanta intensidade como no início, não posso mentir, já não é o mesmo, o mesmo EMPENHO, a mesma crença. Já não é a mesma! Preocupo-me e é um assunto que, às vezes, tento fugir ou tento não pensar muito. Por eu não falar, não quer dizer que eu não pense, ou que eu não questione ou não pense no futuro...

A escola

Eu fiz o ensino secundário, normal. Até ao 6º ano fiz na aldeia, perto de casa, sensivelmente a poucos metros de casa, até ao 5º, 6º ano. Ainda sou do tempo da velhinha telescola! Mas, o que não quer dizer que não tenha aprendido tanto ou mais do que os que tivessem com 5 ou 6 professores, no 5º ano! Porque tínhamos uma boa professora que nos explicava tudo, víamos a cassete, mas depois fazíamos montes de exercícios e, aliás, quando chegávamos à escola, ao contrário do que os professores que nos recebiam, achavam, nós vínhamos mais preparados do que, se calhar, muitos alunos do que os próprios alunos que tinham feito lá o 5º ano!

E se hoje já há a segregação que há, de grupos, a divisão da sociedade, na altura já havia, à sua maneira já havia. Quer dizer, os burrinhos vão para acolá, os que têm algum problema de saúde, vão para acolá, os mais bonitinhos, filhos dos pais vão para acolá! Já havia esses grupos! Não tão expressivo, se calhar, como agora, mas já havia essa separação! Porque eu acredito que (e cheguei a essa conclusão!) hoje HÁ... disfarçada! Se formos a ver, fala-se no ensino multicultural, na educação INTERCultural, tudo muito bonito, tudo muito florido, MAS entramos num ensino que se se tenta ensinar de

uma maneira, se questionas, se pensas de maneira diferente, és posto de parte. Então, onde é que está o pensar diferente? Se entra num Colégio (se formos para os colégios do sistema privado, os tais do ranking), se tentar conhecer um bocadinho, o sistema é: os alunos só podem pensar, “assim, daquela maneira”, aprendes, se tentas questionar o sistema de ensino, ou alguma coisa, se tens um filho que até tem dificuldades de aprendizagem, é convidado a desistir, a sair do Colégio! Como quem diz, isto vai manchar... não é expulso, mas é convidado a afastar-se! E atenção que eu não estou a dizer isto por dizer: confidenciaram-me pais, e é uma realidade! Então, estamos a fazer grupos ou não estamos? E onde é que está a parte de pensar diferente, de sermos todos diferentes? Há aqui qualquer coisa que não está a bater certo! Cria-se as tais elites! Se voltarmos no tempo, era o rico e era o pobre! O rico tem os melhores cargos, o pobre tem que fazer o trabalho escravo, certo? O que ninguém quer.

Se antigamente, os professores não estavam preparados mas tentavam fazer o melhor que podiam, ajudar os alunos que tinham dificuldade (“bom, eu fico aqui depois da aula e explico-te o que tu não percebestes...”), não havia essa sensibilização para estar atentos a uma deficiência ou a um deficit de atenção, não havia essa sensibilidade mas, bom, procurava-se ajudar aquele menino que era diferente, vá! Hoje em dia, os professores até podem estar preparados para, mas e o sistema, está? A por 20 ou 30 alunos! Ela até pode ver que há ali um menino com um problema qualquer, mas ela tem capacidade de dar aulas a 25 garotos numa escola primária e estar atenta aquela miúda que tem problemas de visão, ou qualquer miúdo? Aí está! Se vamos só valorizar estes que sabem, os outros quando acabarem logo se vê...

Eu sempre fui uma aluna média, fiz o 9º ano. Quando terminei o 9º ano fui aconselhada pelos professores de que, se calhar tinha algumas dificuldades. Esqueceram-se de que eu também tinha uma limitação visual! “ Ah! Tu se calhar não és capaz! Se calhar, fazes aqui um profissional...” Aí está! Porque hoje em dia, o ensino profissional ESTÁ na moda, quer-se influenciar para seguir essa via. Mas não se valoriza o profissional e foi muito discriminado! E também penso que isso tem a ver com a questão do emprego, porque NÃO SE DÁ VALOR a este tipo de profissões, e hoje o mercado sente falta dessas pessoas! Antigamente era: “tens dificuldades” ou “és rebelde!” (não era o meu caso!) “se calhar, é melhor ires para um profissional!”... “arrumamos-te acolá...!” Pronto, é quase que uma pecinha...

E então, no meu caso (não é porque era rebelde, mas tinha dificuldades) e fui quase que “empurrada” para o ensino profissional. Fiz o profissional, tirei Técnico de Cozinha, porque na altura não havia a oferta que há hoje. Quer dizer, tinha 3 opções na Escola Profissional em Leiria: ou era Informática (quer dizer, não me via muito ali a arranjar computadores...), ou era Solicitadoria (que era Leis) e tínhamos o curso de Cozinha. E eu pensei assim “Quanto mais não seja, vou aprender a fazer comer, se for preciso ir trabalhar pra um restaurante, ao menos ainda aprendo alguma coisa... e faço o 9º ano!”. Mas sempre com o intuito de que queria fazer mais! Só que fiz o ensino profissional, ainda fiz ali alguns trabalhos temporários (aí está!) na Restauração, porque havia um facilitismo na questão de arranjar horas que não há hoje. Fazia-se umas horas. Tomei conta de uma criança, depois mais à frente, tomava aqueles trabalhos que se consegue mais facilmente numa aldeia, do que se calhar numa cidade, porque há uma confiança e uma segurança que não há, se calhar, numa cidade! Por exemplo, numa cidade eu não vou dizer assim “Ficas-me aqui com o meu filho, uma semana ou 8 dias, enquanto eu estou doente?” ou “enquanto ele está doente?”, o que é uma vantagem!

Eu apesar de fazer o ensino profissional, quis ir fazer os exames como os alunos externos. Foi basicamente assim: querem que eu faça o profissional, eu faço! Mas nunca perdi o intuito de continuar os estudos. Ao fazer o 12º pensei: Não! Quero ir, vou tentar arranjar aqui algum dinheiro ou alguma coisa pra tentar pagar os estudos, mas eu quero ir e vou fazer os exames!”. Mas eu não tinha bases, não tinha qualquer preparação para os exames, que hoje já começa a ser feita nas escolas profissionais. “Sim senhora, para fazer o ensino profissional, nós depois apoiamos-te se tu quiseres seguir”. Naquela altura não havia qualquer preparação! Não quer dizer que se aprendia mais ou menos mas não era feita a preparação, o conteúdo não era o mesmo! E então não consegui ter média suficiente para entrar.

E nunca me vou esquecer! Uma das pessoas entre muitas outras que me influenciou, estaria a fazer um estágio desses do Centro de Emprego, foi uma auxiliar que me disse “porque vens de um curso e até percebo isso, então, mas: “tu tens jeito, se queres crianças, queres... vai fazer o que tu sonhas! Vais ter dificuldades? Vais! Mas vai em frente! Quantos alunos não têm dificuldade? Se vais ter emprego ou não, isso tanto não tens agora como não tens... se calhar vai piorar!” E piorou, a senhora até estava acertada naquilo que disse! Foi um dos apoios, aquilo também serviu como de impulso!

De mola! Pronto, então vou lutar, agora é que eu vou mesmo lutar! Lá disseram que eu não era capaz, agora é que eu vou mesmo tentar. E fui tentando. Depois tivemos professores que nos foram apoiando “Olha, não desistam!” Alguns professores, já depois do 9º ano que me apoiaram e disseram “ela gosta mesmo daquilo que está a fazer e, nunca mais me esqueço, tive professores que depois me diziam, apesar das minhas dificuldades (e eu na altura não percebia muito bem o que eles queriam dizer com aquilo, se era um elogio, se era uma crítica, confesso, ainda hoje quero perceber!): “‘Liliana’ não desista!, Porque a ‘Liliana’ pode ter dificuldade de escrever, mas a ‘Liliana’ tem uma coisa que não se aprende nos livros, pode ler os livros que quiser, que é a sensibilidade para lidar com este tipo de pessoas. A ‘Liliana’ sente as coisas! Pode não as conseguir escrever, ou dizê-las, mas sente-as! Não desista!” E este “Não desista!”, se calhar, foi um apoio, uma alavanca... Se me dissessem assim “ah, não, você tem muitas dificuldades, não!”... se calhar, teria escolhido outro caminho, se calhar não estaria onde estou hoje...

Sim, fui um bocado empurrada, o sistema tentou-me empurrar, mas nunca fui desistindo! Fiz então o profissional, depois ingressei nos CET, num Curso de Especialização Tecnológica, nível 0 da Universidade, em Leiria, na ESECS, em Serviço Social, que era uma área que eu me identificava. Bom, eu não sabia no 9º ano o que é que eu queria mas sabia que queria alguma coisa ligada às pessoas e a ajudar as pessoas! Então, percebi que havia um CET de Serviço Social e Desenvolvimento Comunitário. Os professores foram-nos sempre incentivando “vocês, apesar de alguns virem do Ensino Profissional, são de diferentes meios, vocês saem daqui com uma boa ‘bagagem’ e podem ir, têm ‘x’ % de equivalência, e não têm que ir aos exames!”. Na altura não tínhamos que ir aos exames, havia um ‘x’ vagas, para entrar para o ensino superior, e eu pensei: “bom, se eu sempre quis, porque é que eu não vou tentar?”. Ainda houve aqui uma grande luta, um grande braço de ferro, entre alguns alunos desse CET e o próprio Instituto Politécnico, porque na altura, isto ainda estava numa fase muito inicial, e ainda não estavam bem estipuladas as regras de que “Só há ‘x’ vagas para o Ensino Superior de acesso, os outros...” E nós fomos! Fizemos um braço de ferro, no sentido que, incentivam-nos dizendo que nós temos acesso direto ao Ensino Superior e afinal só houve 4 vagas, só entraram 4 pessoas! E fizemos uma grande luta! Nesse ano foram obrigados a chamar TODOS OS ALUNOS que tinham sido barrados a entrar no Ensino Superior, mesmo que muitos já estivessem a trabalhar! Entrámos para aí em fins de

novembro, mas entrámos! Conseguimos! Fiz a licenciatura em pós-laboral, em Serviço Social. Durante o dia, tomava conta de uma criança, em casa.

A culpa

Depois da licenciatura, andei ali um ano, fiz ainda um curso do Centro de Emprego (aí está!), fiz esses mini trabalhos temporários... O que é que acontece, esses mini cursos do Centro de Emprego (que eu já fiz para aí dois!), são muito bonitos, ocupam os desempregados... Mas que, eu descobri maravilhosamente, que eu quis-me candidatar uma vez a um trabalho e não podia, porque estava supostamente ocupada, e se eu desistisse, se assinasse para avançar para aquela oferta de emprego, era como se estivesse a faltar àquela formação, e perdia uma fortuna em subsídio de alimentação, que era o que nos davam...

Há todo um conjunto de emaranho! Não é culpa só da sociedade, mas TODOS SOMOS um bocadinho culpados, digo eu! Começando de cima para baixo, desde o Estado, que vai criando estas emaranhas, até nós próprios, porque depois acabamos por estar desmotivados: um não, dois não...; o julgarem-nos: “Espera lá, és nova...”. Querem-nos com experiência mas não nos dão a possibilidade de treinar! Salvo seja, como diria o outro: “Quer-me com experiência, mas deixa-me experimentar, deixa-me treinar?” -- Havia um *cartoon* deste género que tinha “Quer-me com experiência, mas se eu não posso experimentar...”, havia um *cartoon* deste género!

Depois, há muitas empresas que “enquanto puder ter mão de obra barata, estágios e tudo em rotatividade, muito bem meu amigo, enquanto eu puder...” Eu fiz montes de estágios (porque como eu fiz ensino profissional tinha que fazer estágios) Se eu pudesse fazer 13 horas num restaurante como estagiária, então não era necessário um contrato! Nunca cheguei a esse ponto, mas tinha colegas meus que chegaram!... E depois eu via “Ah, mas olha que é gratuito!” e dizia “Eh, pá, se viessem lá umas gorjetazitas e depois dessem 100 euros no fim do mês”, aquilo era uma festa! “Eh pá, uma grande recompensa para ti!” Quer dizer, tiveram lá uma pessoa a trabalhar um mês, ou dois, ou três...! E depois, cria-se aqui um ciclo! No fundo, isto para concluir que somos todos culpados: somos culpados que alguns, se calhar, não se querem submeter a certos

trabalhos, mas, se calhar, a culpada é aquela entidade que, enquanto for promovendo estágios atrás de estágios...

Mudar o mundo

Quando nós terminamos a licenciatura, achamos que podemos mudar o mundo, um bocadinho, mas depois percebemos que se mudarmos (eu falo por mim), se mudar a vida de uma pessoa, já fico feliz! Já não quero mudar o mundo! Achamos que podemos mudar o mundo e que vamos conseguir. Sonhamos, não é? E depois quando descemos cá “abaixo” é que percebemos que a coisa não é bem como nós imaginávamos!

Fui tentando entregar currículos, fui fazendo voluntariado na Instituição onde tinha feito estágio... Na maioria das Instituições “Se puderes fazer voluntariado, tudo muito bem! Pois, eu gosto muito de ti, gosto muito do teu trabalho, MAS não tenho qualquer apoio pra te poder contratar!” E eu disse “Mas até tem!”, “Pois, mas é durante um ano depois os apoios demoram muito a vir e...” ...aquela conversa que todos nós sabemos! E eu, para além de todas as condicionantes, tenho uma limitação visual que não me permitiu, após tirar o curso, tirar a ‘carta’ como pensava. Ao não ter carta de condução e depender de transportes públicos, por muita vontade de trabalhar que eu tenha, chegar a uma entidade empregadora e dizer “não tenho carta de condução, mas tenho muita vontade de trabalhar e de aprender!”, evidentemente dizem que não!

Além disso, vivemos numa sociedade que, hoje em dia, vive muito a imagem. No meu caso, eu sinto que se eu aparecesse de óculos, a entrevista tinha um caminho, se eu aparecesse de lentes de contacto, a entrevista tinha outro caminho... ou o facto de ser rapariga e rapaz! É uma realidade, que é triste, mas que se sente. Mesmo na área social!

Depois há outra questão da sociedade: hoje em dia nós precisamos de ter um telemóvel, ter internet, ter isto... precisamos de tanto! Mas vão-me perguntar se há 20 ou 30 anos eu precisava destas coisas todas, eu não precisava! Tem que haver um meio-termo! Hoje em dia não se vive sem um telemóvel. Mas, bom, se eu fizer esta pergunta, sim senhoras, eu não vivo sem um telemóvel, mas será que eu preciso de um telemóvel com não-sei-quantas aplicações? Preciso de um telemóvel de 60 ou preciso de um telemóvel de 200 euros? Aí está, aí a sociedade também influencia um bocadinho na imagem!

Temos que acompanhar a evolução da sociedade, mas acho que estamos a caminhar para um abismo! Quer-se, quer-se, quer-se, quer-se e esquece-se do essencial!

Eu fui ao centro de emprego para uma candidatura, nesse processo de formação que eu frequentava. Eu disse “não, mas eu quero-me candidatar a esta vaga!”, “Ah, mas veja lá se compensa desistir da formação, depois vais perder o ap...”, “Não, não! Quero-me candidatar!”, “Olhe, eu vou-lhe dar uma informação: não devia dizer, mas é que o Diretor dessa Instituição disse que preferia rapaz... .. porque já tem muitas senhoras”, porque é uma área, preferencialmente, de mulheres. No caso, eu senti isso, não quer dizer que na área social se sinta muito isso, não se sente! Mas EU senti isso! “Então quer dizer, a senhora diz-me que nós temos que procurar emprego, mas diz-me que eu não posso deixar a formação, e depois ainda para ajudar ainda me diz que o senhor prefere homens! Então o que é que a senhora pretende com isso?” E depois, naquele caso, a pessoa que me estava a fazer a entrevista, percebeu que eu estava a questionar demasiado, então “Ah, se calhar é melhor dirigir-se diretamente à Instituição”.

O que é que eu percebi, que na área social, é muito encapuçado, pelo menos na minha área (e agora vou defender a minha área aqui na questão do momento de trabalho nisto da procura): a maioria dessas entrevistas (não quer dizer que seja um trabalho mais digno nem menos digno, atenção, não é o que está em causa!) eram pedidos para auxiliares, “encapuçados” de pedidos de assistentes sociais! E eu passei às entrevistas todas, no caso de uma Instituição, por exemplo, “Ah, tem aqui um excelente currículo, vejo que faz voluntariado na área, que até percebe, cuida da sua avó... sabe, mas o que eu precisava mesmo era de alguém para andar com a carrinha, já vi que não tem ‘carta’!” E eu disse, “Então, mas na candidatura no Centro de Emprego estava para o telealarme e eu pensei: bom, isto do telealarme tem que estar no sistema, tenho que ir de vez em quando a casa dos utentes, mas até podia encontrar uma solução, porque ia com as carrinhas. E eu sinto que a maioria dos que estão a trabalhar na minha área, acontece isso! Ou se sujeitam a, ou...

Ou dizerem-nos: “A senhora quer-se candidatar, vou-lhe já dizer: é para isto!... “Mas o senhor está a pedir isto!”, “Há colegas suas que já sabem que é para isso e vão!” Aí está, há aqueles jovens que se submetem a qualquer coisa e outros que não!

Ora, eu penso se vou fazer a um familiar meu, este trabalho (que o faço com todo o amor e carinho, com toda a dignidade, porque não quero que ela seja institucionalizada), ou se vou para uma Instituição, a ganhar o salário mínimo (quando é!... QUANDO É!...)

Não estou a dizer que é um trabalho mais digno ou menos digno, porque foi o que eu disse “Eu não tenho problema nenhum em fazê-lo, eu já o faço! Não tenho problema nenhum! Agora, sejam transparentes: a oferta é esta, o que nós temos é isto!”. Não há essa transparência.

Estou também associada à ACAPO, ainda que não tenha parâmetros, quando é preciso, tenho apoio da ACAPO. Eles foram dar uma campanha de sensibilização a crianças e preparar a sociedade, porque... aí está, a sociedade de hoje, ao contrário daquilo que se pensa, está menos preparada para esta realidade (“És diferente, és posto à parte!”)

Tentar sensibilizar as crianças e os pais que o seu filho apesar de ter uma limitação, não é por isso que deixa de ser melhor ou pior profissional! Tentar passar essa mensagem, por sua vez, a ver se chega às entidades empregadoras. Bom, vamos conseguindo passo-a-passo, tentando mudar um bocadinho a sociedade, vamos ver se conseguimos...

“A minha terra”

A minha terra não é assim tão pequena. Tem cerca de 1000 habitantes. Já é uma terra desenvolvida. Há 10 anos atrás não havia oferta, mas agora a maioria dos jovens têm trabalho e ofertas variadas. Temos autocarro de manhã e outro à noite! A cidade fica a 14 km. Não considero que seja uma aldeia fechada ou pequena ou limitada como, se calhar, há muitas pessoas que metem rótulo, do género “és de uma aldeia, fechada, não têm acesso a nada, estão lá no fim do mundo!” Não! Nós até temos acesso às coisas. O problema é que EU senti isso, no sentido em que dependia de transportes públicos para. Há 10 anos atrás, não havia tantas pessoas nem acesso como há agora! E hoje em dia já há uma troca de boleias, há mais espírito de união que, se calhar, não há numa cidade! É uma vantagem! Mas, se calhar, há 10, 20 anos atrás, viver lá na aldeia... e ainda hoje, infelizmente eu sinto que há pessoas a pensarem assim, o que é grave!

Também existem Instituições em volta da aldeia, IPSS's, há lares privados ou públicos. Mas aí está: essas ofertas são limitadas a partir do momento em que ou é para apoios ou

“Temos cá uma assistente social” ou “Olha, vais fazer uma baixa dela enquanto estiver grávida, depois se quiseres ficar no Apoio...”

A família

Acredito que nós somos influenciados por tudo o que nos rodeia. Eu não me considero uma heroína, nem nada que o pareça mas, se calhar, EU, por mim, se me tivesse deixado condicionar pelo sistema e pelos professores, não tinha chegado até onde cheguei hoje, a nível de formação! Primeiro ponto! Teve a ver com a minha personalidade. Se não tivesse tido apoio ou uma retaguarda familiar, que me apoiasse nas minhas escolhas, não tinha chegado aonde cheguei hoje a nível de formação. Se não tivesse um espírito de luta e “Não! Eu quero isto e vou lutar por isto, quer acreditem em mim, quer não acreditem em mim!”... se não tivesse uma retaguarda familiar que me apoiasse...

Se eu me tivesse deixado condicionar pela questão de que eu tenho 32 anos, “vives numa aldeia, tens dificuldades de aprender, vives numa família numerosa, ah! Se calhar, é melhor tu não ires estudar! Tu já viste? Vais gastar tanto dinheiro...! E se calhar tu até nem tens tantas capacidades...”. Se eu não tivesse uma retaguarda “Queres estudar? Nós vamos-te apoiar! Tens que ter a noção de que vais ter mais dificuldades ou menos dificuldades e que, se calhar, vais ter que abdicar de outras coisas”... que eu sabia que os meus colegas tinham e que eu não tinha! Mas, pronto, nem sou mais nem menos por não ter tido acesso a essas coisas, que hoje acho que são demasiadas! É tudo instantâneo! Aprendi a dar valor às coisas! Hoje, acredito que a sociedade e os miúdos, é tudo por adquirido! Eu, se não fosse essa retaguarda e esse apoio, essa luta, se calhar não era quem sou hoje! Essas barreiras, sim, tive mais barreiras do que muita gente, mas obrigaram-me a lutar e a ir atrás daquilo que eu queria!

Também via que os meus irmãos estavam a estudar, tinham o apoio dos meus pais. Somos seis irmãos, 4 rapazes e 2 raparigas. Eu sou a penúltima. Só o mais velho é que não fez a universidade. Todos nós fizemos a universidade.

Ser alguém

Eu atualmente cuido de uma familiar minha, tem cerca de 92 anos, está acamada. Fui buscar um bocadinho dos meus conhecimentos do social, dos meus contactos. Ela está

acamada há 5 anos, foi quando terminei o curso. Comecei provisoriamente, tornou-se definitivo, gosto muito do que faço. Se estou realizada, se calhar até gostava de estar numa Instituição, mas sou feliz! A fazer o que faço! Porque, no fundo, sinto-me valorizada! Aí está, aquilo que eu acho que falta um bocadinho aos jovens, serem valorizados, motivados a. São motivados a quê? A ter as melhores notas... e depois? Não conhecem a outra face da moeda: perder! São habituados a ter a melhor roupa, a melhor marca. “Tens que ter as melhores notas, se tiveres as melhores notas, eu dou-te...” qualquer coisa! Então, mas qual é a parte da obrigação que “tens estudar!”, ponto. “Não vais ganhar nada em troca!” Não há uma sociedade preparada para o perder!

Cuido da minha avó, a tempo inteiro, com esta degradação (está acamada), ajudo-a a fazer tudo. Além disso, tento-me manter atualizada na questão da formação, faço voluntariado, trabalho com algumas crianças a título de voluntariado, em que eu vou ao Banco Alimentar. Quando é preciso ficar com os meus sobrinhos (aí está!), como sou eu que nem trabalho, nem estudo, *nem nem*, sou eu que fico com eles, em tempo de férias, sempre que ficam doentes, sempre que necessário, sou eu que fico com eles, que assumo essa responsabilidade. Aí está, porque não se pode parar o emprego para cuidar de uma filha porque senão perde-se o emprego. E agora, penso eu, vou eu trabalhar pra dar tudo ao meu filho e não estou com ele?

Eu quando faço voluntariado, divirto-me imenso, porque EU SOU feliz naquilo que faço! Porquê? Porque me sinto valorizada! Se eu for totalmente sincera, sim, sinto-me valorizada naquilo que faço. É aquele *clic* que se faz: “Espera, eu até sirvo aqui na sociedade para alguma coisa, apesar de ter os problemas que tenho.” Isto acaba por ser terapêutico, por isso é que eu sou feliz e me divirto. Acaba por ser uma terapia! Divirto-me IMENSO com os meus sobrinhos e com a minha família! Sou verdadeiramente feliz nesse sentido.

Há momentos da minha vida que, sim, que penso sobre o futuro e tenho outros momentos que procuro não pensar. Porquê? Porque me assusta... mas, por outro lado, em nada da minha vida, eu pude programar, foi sempre a vida que me foi orientando. A vida foi-me mostrando qual o caminho que eu devo escolher, qual o rumo.

Ainda assim, mantenho um sonho e uma ambição! Eu até gostava de um dia estar numa Instituição, que gostava imenso, mas conheço a realidade que não me é possível! Então,

tenho duas hipóteses: ou vou sonhando e acreditando que é possível, GOSTAVA...! Ou num projeto social, não numa Instituição, fechada, mas num projeto! Se não fosse possível participar num projeto, porque não ir em missão, era um sonho... Mas isto foi agora, foi nos últimos meses a propósito da sua entrevista que me tem feito pensar. Aí está! A questão da valorização! Acreditamos que nós, “lá fora”, somos mais valorizados... quando chega alguém A QUEM NÃO TEM NADA, quando chega alguém que tem um bocadinho... Quando “eu for grande”, como eu costumo dizer, quando eu for grande vou pensar nisto, agora ainda sou pequenina!

Elizabete: A Construção de uma Autonomia com Afetos

A presente entrevista tem início após explicitados os procedimentos de gravação áudio, da construção do texto narrativo e assegurados os aspetos de anonimato e confidencialidade na transcrição e publicação do texto. A entrevistada é informada também sobre a devolução do texto para revisão e participação na narrativa da própria. Tem também lugar a leitura e assinatura do termo de consentimento. A entrevista decorre na casa onde reside a entrevistada, numa pequena sala de sótão adaptado a estúdio, ponto de passagem entre a escada de acesso ao sótão e os quartos, sem portas. Na cozinha, ao lado, um dos colegas de casa, fala ao telefone e faz o almoço; outro colega de casa, apesar de estar presente, aparece apenas para cumprimentos ao início, recolhendo-se de seguida.

A Elizabete (nome fictício) tem 19 anos. Fala com energia e vivacidade, mas num tom bastante baixo, contido. A família de origem é reconstruída, com múltiplas relações e separações, resultando no convívio habitacional de descendentes das diferentes relações com ou sem nenhum laço entre eles. Vive presentemente na Costa da Caparica, cidade satélite na periferia da Grande Lisboa, com características de forte sazonalidade, quer no que respeita à população presente, quer no que respeita às atividades económicas aí desenvolvidas, estreitamente associadas ao turismo (sobretudo diário ou sazonal). Partilha o espaço habitacional com dois jovens amigos, irmãos entre si, de 20 e poucos anos, num sótão adaptado para habitação, modesto mas juvenil. A situação é transitória visto que tem projetos de ir viver com a irmã mais velha, em Loures.

A aventura da emancipação.

De momento eu não estudo, mas eu estudava: estava a tirar um curso de Restaurante e Bar, tinha boas notas, porventura... mas, entretanto eu tive que sair da casa dos meus pais porque não tinha um convívio em casa que se possa dizer assim “aceitável”... Haviam alguns maus tratos, tanto físicos como psicológicos. Então eu decidi sair de casa, fui viver com uma amiga. Entretanto arranjei aqui trabalho, num bar aqui da praia

e dava-me um bom dinheirinho. Arranjei um quarto, numa casa partilhada com a minha amiga, tudo “nos trinques”!

Entretanto DESCOBRI que tinha um problema de coração, que tinha nascido comigo e que, ao longo dos anos, tinha vindo a aumentar. Estive internada. Nem pude mais pensar na escola, porque não podia mesmo voltar, o trabalho também tive que desistir. Estive 2 meses internada, fui sujeita a uma operação. A minha vida deu assim uma volta de 90°, assim muito rápido! Eu não estava nada à espera (tenho 19 anos, não é?), não estava nada à espera... Entretanto, com isto tudo da doença, os meus pais quiseram que eu voltasse para casa. As coisas ainda se mantiveram, eles trataram de mim, estiveram sempre muito preocupados, mas não sentia que era como antes, não era igual. Então, comecei mais a pensar em mim, como é que eu, ficando melhor, podia voltar à minha vida ativa... Domingo vou pra Loures outra vez, vou tentar iniciar outra vez a minha escola, nem que seja à noite. Já tenho em vista 2 trabalhinhos, assim *part time*, quero voltar a fazer desporto, que é uma coisa que eu adoro imenso, adoro! Eu adoro natação, adoro ginástica artística, eu gosto muito de dança contemporânea... estes desportos que envolvam mais o corpo, não tanto a cabeça (porque há desportos que é de desenvolver mais a cabeça!)...

Vou ter agora uma consulta de rotina pra saber como é que as coisas estão em relação à saúde. ESPERO MUITO BEM que as coisas estejam mesmo resolvidas, que não tenha aparecido outro problema ou que o problema tenha voltado, porque, parecendo que não, tenho 19 anos. Não é todos os dias que aparece a uma pessoa de 19 anos, um problema de coração, em que a gente se deita na cama de hospital e depara-se “bem, se eu não fizer isto... não faço mais nada”. Foi um grande choque para mim. Eu abri muito os olhos naquele tempo em que estive internada, porque depois nós vemos que não paramos a vida de ninguém! Não podemos parar a vida de ninguém! Eu não tinha visitas todos os dias, os meus pais trabalhavam. Foi um choque assim! Foi um abre-olhos!... Foi um grande abre-olhos...!

A família

Estive uma grande parte do tempo chateada com o meu pai. Há pouco tempo é que a gente se voltou a falar, por iniciativa minha. É olhar para vida e ver “Ok, se não fizeres

tu, ninguém vai fazer!” Para uma rapariga, assim de 19 anos, que ainda NÃO É MUITO crescida, que não pode fazer muito...!

Até aí, não pensava mesmo nada, não. Trabalho?! Para quê? Eu tenho a minha mãe, eu tenho o meu pai! Eles dão-me comida, dão-me casa, tenho roupa lavada, passada a ferro...para quê? Todo o dinheiro que eu juntar dos meus *part times* é para ir divertir-me com os meus amigos... Hoje em dia eu já não penso assim, hoje em dia eu já penso que “ok... tenho de ‘me fazer à vida’, eles não vão durar para sempre, tal como eu não duro para sempre, eles também não!” É o que a minha mãe dizia muito: “a gente não vive, a gente aprende a viver e sobrevive!” Porque, às vezes, não é assim tão fácil, a gente ver-se sozinho, mesmo rodeados de muitas pessoas! Eu tenho os meus amigos, eu tenho a minha namorada, eu tenho a minha mãe (eu vou imensas vezes vê-la), eu tenho as minhas irmãs. Só que eu tenho que contar é COMIGO! Porque “ok, “Elizabete” está na hora de seres uma mulher!”...

Tenho uma irmã de sangue e duas irmãs que são duas meias-irmãs, uma mais velha e outra mais nova e tenho... não é bem meu irmão, mas como eu cresci com ele, ele é filho do meu padrasto e é da idade da minha irmã mais velha, da minha meia-irmã. Eu vejo-o como um irmão, eu cresci com ele, ele sempre esteve lá, já não tenho como não lhe chamar “mano”!

A minha mãe e o meu pai são separados. Separaram-se há muitos anos, já há 13 anos! Quando há maus tratos entre casais, mais vale separar e ir cada um pra seu lado, do que se estarem a maltratar. Entretanto, a minha mãe vive com outro senhor. Ele já tinha filhos, foi-se embora com este, se não me engano. A minha irmã “Maria” nasceu há 10 anos, portanto, mais coisa menos coisa, estão há 10 anos juntos. Não tem sido das MELHORES relações entre marido e mulher, mas mantêm-se há 10 anos, apoiam-se um ao outro, isso é que interessa! A minha irmã “Maria” já está quase uma mulher. O tempo passa a correr! Parece que ainda ontem era um bebé, que estava na barriga da minha mãe, mas está muito crescida, está uma mulher adulta. Tem tido alguns problemas na escola, por causa do português. Ela é muito preguiçosa para ler, eu tenho-a incentivado muito. Agora este Natal estive eu a escrever um livro, coisas assim práticas para ela ler, e retirei de revistas, aquelas bandas desenhadas, tipo bonecos, para ela ir lendo, ir vendo as imagens... e mesmo assim é uma miúda levada da breca!

Só o que é muito complicado é o meu pai... o meu pai foi para tropa quando eu era pequenina e quando voltou é que começaram os grandes problemas: ele começou a bater na minha mãe e começou a bater-me a mim. Ainda hoje eu tenho mazelas das coisas que ele me fez em pequenina. E eu acho isso estúpido, porque eu não sei como é que ele conseguiu fazer-me isso a mim! Porque eu sou parte dele! É minimamente compreensível duas pessoas que não são do mesmo sangue, se baterem, se chatearem. Quando as coisas estão mais quentes, mesmo à flor da pele, solta-se um estalo, solta-se um empurrão... Ok, não é bom, não se faz, é horrível, mas quando se faz a uma pessoa de sangue e da brutalidade que ele me fez... Eu não sei como é que não o odeio, não percebo, mas eu também não consigo odiar ninguém, tenho esse mal, eu não consigo não gostar de ninguém. Tenho uma grande mágoa pelas coisas que o meu pai me fez, tenho!, mas não consigo odiá-lo, eu não consigo deixar de estar com ele! A gente esteve chateados durante meio ano, por aí, 9 meses... e cada vez andava-me a corroer mais por dentro, ele não me mandar sequer uma mensagem... Então tive que eu ir ter com ele! Tive que eu falar com ele: “Ok, eu não agi bem, tu não agiste bem, mas... pôxa, somos filha e pai! Não me podes faltar! Tens que estar aqui para mim, eu não pedi para nascer!” Não fui ter com ele a nível monetário, fui mesmo pela presença dele, eu já sentia há muito tempo a falta do PAI! Da figura paterna! Enquanto era pequena sentia e sinto, ainda hoje, a falta de UMA VOZ masculina, de uma presença masculina... de PAI! Sinto falta disso! Da mãe já não, porque da mãe vou ter imensas vezes com ela, falamos imensas vezes ao telefone. A minha mãe é uma mãe-galinha, está-me sempre a ligar.

Saí de casa foi mesmo por causa do meu padrasto. O meu padrasto é uma pessoa muito retrógrada, pouquíssimo flexível, é uma pessoa assim bem de gancho, é uma pessoa que é fria, é distante... e acha que o mundo gira à volta dele! E as coisas não são assim. E eu falei com a minha mãe: “Mãe, peço imensa desculpa, estou aqui pra te apoiar em tudo, mas eu cheguei a uma idade em que eu NÃO TENHO que levar com as tuas escolhas... queres estar com este senhor, muito bem! NUNCA desprezes a minha presença, eu estou sempre aqui pra ti. Sabes que somos mãe e filha, mas em tudo o que eu te puder ajudar, eu ajudo-te, mãe, não há problema nenhum, mas não me sinto bem!”

Não precisava de me preocupar com nada, mas psicologicamente estava mal. Eu não conseguia ter um dia produtivo, eu andava chateada... as pessoas falavam comigo, eu

tinha sempre a mesma cara, não tinha reação! E eu não sou uma pessoa assim, sou uma pessoa alegre, eu quero é estar feliz! Agora não tenho o que tinha na casa da minha mãe, não tenho o conforto que tinha na casa da mãe, mas sou uma miúda feliz, ninguém me chateia a cabeça, não tenho que andar preocupada se chegar a casa, tenho este ou aquele a ralhar, a criticar a minha mãe, a criticar as minhas irmãs, a criticar-me a mim... Não preciso! Porque já consigo, sozinha! Ela liga-me todos os dias! É aquela típica mãe-galinha! Para mim, a minha mãe ligar-me, no meio do trabalho, “olha, já comeste?”, “já, já comi.”... Para mim é bom! A mim sabe-me bem! São essas coisas que nós não temos em bens materiais, mas também não há nada que as substitua! (*em segredo, como voz de aconchego*) Para mim isso é muito bom... eu adoro...sabe-me tão bem...

As perdas

Já vivi em muitos sítios diferentes. Como sou filha de pais separados, andava sempre de casa em casa: a casa do meu pai, a casa da minha mãe, a casa dos meus avós maternos, a casa dos meus avós paternos... a casa da minha irmã mais velha... Os adultos, quando se separam, utilizam muitas vezes os filhos para se atingirem um ao outro. Em vez de pensarem nas crianças, nos filhos, no que eles sentem, estão mais preocupados em magoarem o outro, e em comprar o interesse da criança, fazer-lhe as vontades todas! E o meu pai e a minha mãe fizeram muito isso comigo! E eu, quando era pequenina, achava que era a melhor filha do mundo, tanto de um lado como do outro! A mim não me fez mal, mas há muitos jovens que se tornam egoístas, não sabem ouvir um não, ou vivem agarrados ao que não têm e querem ter! São muito materialistas! Eu não sou materialista, nada mesmo! Tenho o suficiente para viver: tenho amigos, a minha família... a família é mesmo o mais importante! E como eu andava de um lado para o outro, tinha que estar sempre a começar tudo de novo, cada vez que fazia amigos, e começava a ter os meus hobbies, a minha escola, mudava para outra casa, para outra escola, tinha que fazer novos amigos! Mas isso de não ser materialista também acho que teve muito a ver com a educação que o meu pai me deu: ele deu-me uma educação muito, muito fechada, era muito exigente! Mas eu acho que se eu não tivesse tido a educação do meu pai, não sei o que estava a fazer agora! Por exemplo, eu conheço raparigas da minha idade, que saem à noite e os pais não sabem o que se passa com elas, e mais! Vejo raparigas a começar nesta “má vida” entre aspás, de saídas à noite, para

bares e discotecas, com 13 anos! Eu, com 13 anos, andava a brincar com legos e com Barbies! Eu acho que os jovens hoje começam nesta vida muito cedo! E eu acho que se não tivesse tido esta educação, mais fechada da parte do meu pai, era igual! E eu só comecei a sair mais à noite com os meus amigos, e a ir a discotecas, no ano passado!...

Mas eu também aprendi a não dar muito valor às coisas materiais, porque até aos 6 anos, quando os meus pais ainda estavam juntos, tinha o meu quarto, as minhas coisinhas (ainda hoje, me lembro da cor das paredes... o MEU quarto foi aquele!) Isso foi na Cruz de Pau, onde vivia com os meus pais. Depois disso já mudei tantas vezes de casa! Então, fui da Cruz de Pau para o Pragal, viver com a minha mãe. Depois mudei para as Paivas, depois para Sobreda, depois outra vez para o Pragal, para outra casa. Depois fui outra vez para a Cruz de Pau, para casa dos meus avós. Depois para o Pragal outra vez, para casa da minha mãe. Depois fui para a Quinta do Conde. Só aí mudei de casa 2 vezes! Aliás, 3!, 3 vezes! Depois fui para o Pragal outra vez. E desde que estou na Costa, já mudei de casa também 3 vezes! Não dá, não dá para ficar agarrado às coisas materiais! A gente habitua-se a ter poucas coisas e a não lhes dar muita importância...

As pessoas, pelo contrário! São a minha segurança, são as pessoas que me dão força e alguma estabilidade! As pessoas é que são o mais importante! As coisas não. Mas sem as pessoas eu não conseguia viver e estar bem. Custa-me muito perder contacto com os amigos, com os colegas e mantenho-me mais ou menos sempre em contacto com eles. Agora também é muito mais fácil telefonar ou saber das pessoas, quando se quer, embora eu não seja muito de andar a mandar mensagens, nem no facebook.

Não consigo é aceitar a Morte! É muito difícil... não ver mais as pessoas de quem se gosta... Há pouco tempo perdi os meus bisavós. Foi a primeira vez que perdi assim alguém tão próximo e não consigo aceitar que não os vou ver mais. As saudades das pessoas, da PRESENÇA das pessoas, de um abraço, de vê-las quando quero... é muito difícil de aceitar... Mas, sim... as pessoas são MESMO o mais importante...

A escola

A escola é uma coisa que, não é pelo ensino, não é por ter que ir à escola para ter o 12º ano, para depois ir pra faculdade, não! Não é por isso! Eu tenho muitas saudades da

escola e de apanhar os transportes, ir para escola, tirar as coisas da mala, escrever IMENSO, aprender imensas coisas! A comunicação entre nós e os outros é uma coisa muito essencial. E sinto muita falta dessa comunicação! Do conhecer mais pessoas. A gente vai no autocarro, “com licença” e depois dá ali um pezinho de conversa, e conhecemos outra pessoa, outras vidas e eu sinto muita falta disso!

Sinto-me muito estagnada, no mesmo sítio, no mesmo estado de inércia, assim meio já pesado, já me custa levantar-me e não ter nada para fazer! Não conseguir fazer nada, porque já é há tanto tempo, já estou tão habituada a isto que já não tenho aquela FORÇA! Por exemplo, eu acredito que não seja só eu nesta situação, porque eu tenho amigos e vejo! Amigos meus que estão no mesmo estado (por outras razões!) mas estão no mesmo estado! E, às vezes falta aquele picar, “Vá! Embora! Anda aqui! Vamos fazer isto!” e não há! Falta isso! Não há um “ok, nós vamos à escola, nós temos que levantar super cedo...” Só que às vezes, até as próprias matérias, ou os próprios professores (porque as matérias são todas interessantes! A partir do momento em que nós não conhecemos, as coisas passam a ser interessantes... pra quem gosta de aprender, passa tudo a ser interessante!), às vezes os próprios professores não têm aquele jeitinho de professor! Nós, às vezes, temos professores bons e professores maus! Não é pela pessoa que eles são, é da maneira que eles ensinam é que a gente não gosta! Mas mesmo assim, eu sinto FALTA dessa adrenalinazinha do levantar de manhã! Sinto muita, muita falta!

Eu tirei o curso de Restaurante e Bar, que era 10º, 11º e 12º... fiz o 11º completo e só consegui ir à 1ª semana de aulas do 12º, num curso profissional. A Português eu nunca fui boa aluna porque eu tinha problemas de fala, quando era pequenina. Falava mal. Então, tive no 1º ciclo, aulas de “acompanhamento da Fala”, acho que “da língua materna” ou “da língua...” foi qualquer coisa assim... já não me lembro muito bem... mas eu escrevia muito mal, dava muitos erros ortográficos, trocava algumas letras. Então puseram-me a fazer muitos ditados, eu lembro-me... fazia muitos ditados, muitas cópias, mas eu escrevia praticamente como falava, então dava os erros. Mas a matemática, por acaso, sempre fui uma boa aluna, sempre gostei muito de matemática! Quando eu fui para o 2º ciclo, aí tive um pequeno problema com o inglês, porque eu não vi incentivo da professora! Dessa turma não sou só eu que, hoje em dia, não sei falar como deve ser inglês. A professora parece que não puxava por nós: dava-nos fichas, nós resolvíamos as fichas, não nos desafiava, não havia aquele piquinho para a gente vir a

saber mais, não havia! Então, nós eramos miúdos, queríamos lá saber, queríamos era ir para o recreio! Mas eu não me portava mal, era muito faladora nas aulas! Só diziam “ a ‘Elizabeth’ quer o quê? Continuar a falar? Dar a aula por mim?” Eu ouvi isso muito, muito nas aulas. Hoje em dia, em Portugal, e seja em Portugal ou seja fora, o inglês é mesmo muitíssimo essencial: nós, com o inglês vamos pra qualquer parte do mundo, não é só para países que falam inglês! Por exemplo, na CHINA nem toda a gente fala inglês, mas se nós formos com inglês lá, já nos conseguimos “safar”, já é o mínimo. Por exemplo, a francês, consigo falar melhor, já tenho um francês melhor do que o inglês, mas não chega! Não chega o francês! E eu tenho mesmo de conseguir tirar um cursozinho agora.

Agora vou para Loures, quero ir inscrever-me! Tem mesmo que ser! Por acaso, é uma coisa que eu gosto e tudo! E são alguns módulos que tenho feitos, os que não tenho, eles metem-me noutra turma e faço o ano!

O tempo de ter tempo

Tenho assim umas ideias para o mês de abril, além de começar um curso de inglês: também vão abrir umas candidaturas para um hotel que eu quero ir MUITO mesmo, eu adoro aquele hotel, já trabalhei para eles, só que ainda não abriram recrutamento para o pessoal de bar e de restaurante, vão abrir em abril! Acho que vou conseguir conciliar as duas coisas: o trabalho no hotel e o curso de inglês! Acho que vai-me fazer bem! Eu acho que quanto mais o meu dia estiver ocupado, mais produtividade eu tenho! Eu preciso... eu, não! Todos os jovens precisam do tempo ocupado, do dia ocupado! Porque há tempo para tudo, sempre me ensinaram que há tempo para tudo! Há tempo para a família, para os amigos, para trabalhar, para estudar... seja quanto ocupado for!... para o lazer... Só que, neste momento, eu tenho tempo A MAIS! Não gosto! Ninguém gosta de ter tempo a mais, tenho tempo pra não fazer nada, a mais! É bom termos (eu gosto!), de ter o meu dia preenchido! Quando tenho o meu dia preenchido, parece que quando chega a noite, nem sequer estou cansada!... E quando não tenho nada para fazer, passo a parte do dia todo no sofá, a ver televisão e... produtividade zero! Porque não há nada!

Quando for para Loures, para o pé da minha irmã, há muito mais trabalho, os transportes são imensos. É muito mais fácil! Ela é uma pessoa super diferente, não tem nada a ver! Sabe-se divertir, mas tem tudo super, super bem definido no que quer: lazer

e trabalho! E eu gosto, eu gosto! Não é eu gosto, eu PRECISO, preciso de alguém que me imponha isso: “ok, podes-te divertir, há tempo para te divertires, mas o trabalho é trabalho!... Seja lá o que for, seja lá a que horas tens que te levantar! Tu tens isto para fazer, não vais sair esta noite porque amanhã tens que trabalhar, e é assim e ponto!”... E eu preciso disso! Não é que goste, não é? Tenho 19 anos, quero-me divertir, mas tem que haver mesmo tempo para tudo! E falta inculir isso a muitos dos jovens: há tempo para tudo, não precisamos de deixar de fazer nada...

O trabalho

Eu trabalho desde os 16 anos: trabalhei numa banca, já trabalhei com crianças, trabalhei numa loja de artigos cosméticos, trabalhei num bar aqui na Costa a servir às mesas, também na parte do balcão mesmo, já trabalhei em hotéis... pronto, já fiz de tudo um pouco! Mas os contratos acabam e não renovam porque às vezes são sazonais, de verão. E, até isso às vezes é bom! Ok, a gente não vai, não aprende as matérias da escola, mas aprendemos outras coisas, porque vem uma pessoa ter connosco, pede “isto e aquilo”. A gente consegue logo ter ali um bocadinho de conversa, porque a gente queremos é conversa, todos queremos é conversa, queremos comunicar uns com os outros! Isso é que é bom!

Mas tem sido difícil arranjar trabalho, porque ou querem pessoal com o 12º ano, ou querem pessoal com experiência! Há alguns que pedem pouca experiência, mas é trabalhos já muito difíceis! Ok, eu não tenho experiência, mas também não consigo ir porque sei que não vou conseguir aprender, que eu precisava já de bases para ir fazer.

É isto que eu acho estranho: uns pedem muita experiência e outros não pedem nada! Acho isto estranho, mas para outras pessoas isto, se calhar, nem é mau! “Não tenho experiência, vou para lá e ele ensina-me tudo e não há problema nenhum! Para mim, há, porque eu já tenho bases, já tenho um curso, não acabado, mas o que me falta acabar eram só 3... eram só poucos módulos...

Isto é que eu gosto mesmo de fazer, trabalhar em bares e restaurantes, o atendimento ao público! ADORO! Mas também já trabalhei com crianças. Também adorei trabalhar com crianças, a ingenuidade delas é muito boa! Já trabalhei também numa banca. A minha dificuldade é atender estrangeiros: já tive que atender alemães, tive de falar

inglês... tenho que fazer com que eles me percebam, aquele PORTUGALÊS! Por acaso gostei muito! Eu, dos trabalhos que tive, não houve um que eu dissesse “não gostei!”. Quando a gente vai com gosto... Há uns dias, que os nossos colegas estão num mau dia e mandam assim umas “bocas” mais parvas, mas isso é o menos! Todos nós temos dias maus! Eu por acaso não sou uma pessoa de misturar o meu pessoal com o trabalho, por acaso nisso eu sei diferenciar. Não é que vá para o meu trabalho a sorrir num dia mau mas também não vou mandar alguém passear, nem nada disso!

“A gente aprende a viver e sobrevive!”

Eu só tenho um trabalhinho que faço aos fins-de-semana. Não me dá muito, mas já dá pra manter as coisas MINIMAMENTE orientadas... e, tem de ser com muita ajuda da minha mãe. MUUUITA ajuda da minha mãe! O meu pai não pode. Não pode, nem está aqui tão perto: o meu pai vive na Quinta do Conde, a minha mãe mora aqui, no Pragal. Chego muito mais rápido ao pé da minha mãe que do meu pai, mas tenho sentido mesmo que, um dia que a minha mãe me falte, estou lixada! Sério! Estou mesmo! É que é mesmo aquela expressão estou lixada! Mas tenho sentido muita necessidade de “ó mãe, preciso de saber como é que isto se faz?”, “Ó Mãe preciso disto...”, “Mãe não tenho dinheiro pra isto, preciso que me ajudes!”, “Mãe, como é que eu faço isto?”, “Mãe, não sei fazer isto, ajuda-me!”... Preciso, preciso mesmo... só que também estar lá em casa, ok, tinha essas coisas facilitadas, então mas e o meu “pessoal”, o meu psicológico? Isso também tem que contar, porque nós temos é que nos sentir bem. À partida, se nós formos felizes connosco, somos felizes com os outros, nós temos é que estar bem com nós próprios! Se não estivermos, não vale a pena! A pessoa em questão até pode ser a melhor pessoa do mundo, mas se nós não estivermos bem, não a vamos tratar bem, não vamos ser bons com ela. E eu tenho sentido muito isso! Sinto que o trabalho, tanto como a escola, têm-me feito aprender muito, e sinto que havia de haver um leque maior de trabalhos, de *parts time*, de coisas que nós pudéssemos fazer, que não nos roubasse muito tempo porque, por exemplo, eu sou uma pessoa que adoro ter muitos *parts time* porque gosto de fazer imensas coisas! Não gosto, por exemplo, de ter um trabalho das 8 às 8 para fazer o mesmo! Porque é que eu não posso ter, por exemplo, dois trabalhos por dia, para fazer duas coisas que gosto e, se calhar, a ganhar o mesmo ou mais, não é?

O desporto

Eu, por exemplo, quando andei no ballet... (ah, também fiz ballet!)... quando andei no ballet e na ginástica artística (eram as duas ao mesmo tempo), eu tive um problema nas virilhas, eu rasguei as duas virilhas e, por causa disso, tive que desistir tanto do ballet como da ginástica. Hoje em dia, já não posso voltar para isso. Tenho algumas coisas que posso voltar: para a natação (é uma coisa muito boa de eu voltar, até para as minhas virilhas voltarem a ter a elasticidade que tinham, serem flexíveis como eram)... A dança, por exemplo eu já posso. Só que para voltar para essas coisas eu preciso de ter dinheiro! Para ter dinheiro preciso de um trabalho!

Os médicos ainda hoje dizem que nós precisamos de um desporto, para libertar o stress. O pessoal que vai para o ginásio vai pra lá, às vezes não é só para fazer musculo, é para LIBERTAR a cabeça e faz bem, sabe bem! Eu sou uma pessoa que tenho imensa energia e sinto falta! Eu tenho agora um modo mais barato: tenho de correr com a minha namorada, fazer exercício na rua, vamos ali para a Fonte da Telha. É bom! É bom, mas não chega! Para mim, não chega! Para mim, levantar-me às 10 e correr até à 1 da tarde, fazer exercício o resto do dia, não chega! Não chega, para mim, não chega! Porque não é aquilo que eu quero fazer! E aquilo que eu quero fazer, é mesmo a natação porque é uma coisa que eu gosto, e adoro Dança Contemporânea... se eu conseguir conciliar essas duas, com trabalho e casa, a minha vida era o máximo!

Sonhos...

Quando eu era pequenina adorava ser apresentadora de televisão, gostava de ser ATRIZ, adorava! No 2º ciclo, ainda entrei para umas aulas de teatro, depois fecharam e eu não pensei mais nisso. Quando era pequenina, sonhava muito, queria ter o trabalho da Cristina Ferreira ou do Manuel Luís Goucha! Também passei muito tempo com a minha avó paterna, e ela “comia” os programas todos da tarde, da manhã, tudo o que houvesse para ver, ela via! Então, não sei, sonhava muito em vestir aquelas roupas, ter aquelas maquilhagens, falar com as pessoas que estão do “outro lado” da televisão! Eu achava “mas elas estão a falar mesmo comigo?” Era pequenina, não entendia... mas por acaso desde pequenina, sempre gostei de televisão!

Entretanto, saí da escola, conheci esta parte de bar, que é uma coisa que me fascinou mesmo. Eu adoro, adoro... Também gosto muito de receitas, também gosto imenso de pastelaria! Aqui há uma pastelaria que tem imensos bolos... adorava! Só que tenho que ter o curso, e esses cursos não são baratos! Então, fui ao IEFP (ok, o IEFP, ajuda muito o pessoal) e eles tinham esses cursos lá! E nós vamos para a escola, vamos para as aulas, e sentimos que os professores não se interessam muito: põem uns slides e nós temos é que passar! E não há motivação da parte deles! Foi um dos motivos de eu me desinteressar! Comecei a desinteressar-me pela matéria, pelo curso e também não havia motivação da parte deles! Mas como sempre foi uma coisa que eu gostava, eu acho que eu puxava mas era pelos professores! Era mais eu a puxar por eles! Eu e os meus colegas! Eu e os meus colegas damo-nos bem e falamos às vezes que nós vamos abrir um bar, todos juntos, trabalhar todos juntos!

Também já trabalhei com os bombeiros, numa ambulância, a fazer transporte, tirei o curso de primeiros socorros, que é uma coisa muito útil!

Daqui a 10 anos, já tenho 29 anos. Nessa altura já quero ter uma vida mais estável, ter a minha casinha, ter um trabalhinho certo, que me dê um dinheirinho para as minhas coisinhas, vou voltar a ter os meus hobbies... e isto eu vou conseguir em breve, quando mudar para Loures, para casa da minha irmã. Nessa altura já vou poder recomeçar outra vez na natação, voltar a competir mesmo, que eu já estava a entrar em competições, quando tive que deixar, porque quando se está sempre a mudar de casa, não dá! Tive que largar tudo, mas agora, “faça chuva ou faça sol”, vou mesmo voltar à Natação e à Dança...!

Quero mesmo inserir-me na sociedade tal como os outros e, neste momento, eu não estou a conseguir porque não tenho trabalho, não tendo trabalho, não consigo arranjar casa! Não tendo trabalho, não consigo ter dinheiro para fazer os meus hobbies, as coisas que me fazem bem, que EU PRECISO! Nós todos precisamos de algo que nos faça felizes! Depois, lá pra frente, pensar noutras coisas... mas isso é lá mais pra frente!... Filhos e família! Criar uma família, ter uma família, é lá mais pra frente! Primeiro tenho de pensar em mim, em manter-me estável, em fazer as coisas que gosto, para um dia, estar satisfeita comigo própria, conseguir fazer, sim, a família, ter uma casa maior, comprar um carro... essas coisas!

Com um trabalho eu consigo ter dinheiro para as minhas coisinhas, fazer aquela coisa que antigamente faziam e que nunca me fizeram, que é... aquele baú, como é que se chama?... o enxoval! Nunca me fizeram, adorava ter um enxoval! Não tenho um enxoval! (*vai baixando o tom de voz, sorrindo, até terminar em tom de segredo*) Fazer um enxoval, que eu acho que é uma coisa lindíssima, as avós e as mães fazerem enxoval para os filhos e para os netos, acho uma coisa linda! (*agora em tom normal*) Eu nunca tive, portanto vou fazê-la! Já que não fizeram por mim, vou fazer eu para mim!

Solange: À Procura de um Caminho por Linhas Tortas

A presente entrevista tem início após explicitados os procedimentos de gravação áudio, da construção do texto narrativo e assegurados os aspetos de anonimato e confidencialidade na transcrição e publicação do texto. A entrevistada é informada também sobre a devolução do texto para revisão e participação na narrativa da própria. Tem também lugar a leitura e assinatura do termo de consentimento. A entrevista decorre num estúdio de som da ESECS do IPLeiria.

A Solange tem 21 anos. Fala rapidamente e de forma algo sintética, ainda que comunicando com facilidade e muito boa disposição, ri com frequência, escondendo alguma tensão causada pela situação de entrevista, referida pela própria. Vive em meio rural, numa aldeia do distrito de Leiria, com os pais e o irmão pouco mais novo. É licenciada em Biomecânica pelo ESTG do IPLeiria, desde Julho de 2017.

Geração nem nem

As pessoas (pelo menos, na minha opinião), há muito aquela coisa de nos perguntarem “Ah, mas ainda não arranjaste trabalho...? Não estás a estudar, não estás a fazer nada...? Estás em casa, não fazes nada...!” E, pelo menos para mim, tipo revolta um bocado! Porque já estudei tanto. Agora não consigo arranjar (também só ando a procurar na área!... Ainda não me pus a aventurar noutras coisas...), não encontro nada e depois estar ali sempre a levar com as pessoas, tipo “Não fazes nada!”, “Não fazes nada!”, deixa-nos assim um bocado chateados connosco mesmo! Parece que não encontramos aquilo que queremos, então deixa-nos assim um bocadinho revoltados! E são tanto as pessoas da terra (porque aquilo é um meio pequeno, conhecemo-nos todos), como a própria família... Não pai e mãe, porque eles conhecem o meu caso, mas os tios, os primos e isso, é sempre a mesma coisa!

Só ando a procurar cá na zona porque, cá na zona é o centro dos Moldes. Leiria, Marinha Grande... Não me adianta a mim andar a procurar por fora! Eu procuro mas não existe quase nada, então só existe mesmo cá, na Marinha Grande! Já mandei muitos currículos, mas até agora ainda não encontrei nada. Então, uma pessoa fica assim um

bocado CHATEADA, por não conseguir encontrar aquilo que quer. E como já estou tão farta de estar em casa, estar sempre a lidar com as mesmas pessoas, sempre a fazer os mesmos trabalhos lá em casa, já se começa assim um bocado a desesperar! Então já ando a procurar noutras áreas, só que também nem sei “por onde é que me hei-de virar!”, não sei por onde é que hei-de ir: se vou pra uma área assim diferente, não sei a que é que me posso adaptar...

Mas os meus pais disseram que, a nível monetário, me apoiavam agora. Para eu, agora nestes meses, não desistir e procurar algo na área e não fugir, e que eles me conseguiam ajudar monetariamente. Para mim também é um bocado bom, porque não me obriga logo a ir pra uma coisa que eu não queria, mas, pronto, daqui a uns tempos tenho... EU PRÓPRIA, eu na universidade, por exemplo, sempre estive habituada a que tinha “bolsa”, então eu sempre estive os 3 anos habituada a gerir o meu dinheiro, eu não pedia aos meus pais: eu pagava as propinas, sobrava algum que eu deixava para o carro e punha gasolina. Então, nunca tive aquela coisa de andar a pedir dinheiro aos meus pais e eu já não estava habituada a isso, e agora estando estes meses em casa, é o que me deixa um bocado revoltada é isso! Eu saber que eles têm que também dar dinheiro ao meu irmão, porque está a estudar e está no secundário ainda, e eu ter que, com esta idade, andar a pedir “olha, podes-me emprestar 10 euros, ou 5 euros, para ir ali ou acolá...?” Isso é uma coisa que também me deixa um bocado revoltada e me faz querer ir procurar outra coisa, porque eu já não estava habituada a isso. Sei que há pessoas que lidam bem com isso, só que eu, pessoalmente, eu não gosto! E, às vezes evito de pedir, às vezes faz-me falta e evito pedir, porque não gosto de lhes estar constantemente a pedir dinheiro para sair ou para ir aqui ou para ir acolá!... (*baixinho, rindo*) É um bocado complicado!

A escola

O secundário correu bem. Quer dizer, a minha média não era assim das mais altas, mas correu bem. Eu queria Fisioterapia inicialmente, só que não consegui entrar por causa da média. Então vim cá para Leiria, para ter preferência regional, para depois mais tarde mudar para Fisioterapia. Então entrei em Biomecânica, porque “achava” que era parecido, mas não! Fui com o intuito de mudar no outro ano, para o curso de Fisioterapia. Só que, entretanto, eu estava nesse curso e estava a gostar! Já me tinha

informado e a oferta profissional era maior e então, como eu estava a gostar, decidi continuar nisso. Depois acabei, assim com uma média que, para mim nem é boa nem é má, está ali no intermédio, no 13. E agora desde que acabei, decidi que só começava a procurar emprego (porque acabei no verão), só começava a procurar emprego em setembro (porque não me valia a pena procurar no verão, por causa das empresas).

Também tenho um irmão mais novo, que está agora a acabar o 12º ano. É assim, já também está naquela que não sabe por onde é que há-de ir e o que é que há-de tirar, porque depois também vê a minha parte, de eu estar em casa, e também já fica assim um bocado preocupado daquilo que há-de seguir. Eu digo sempre que ele deve ir para aquilo que gosta! Porque é mais fácil nós ficarmos desempregados, mas sabemos que tirámos aquilo que gostamos, do que arranjar emprego e depois nem sequer gostamos daquilo que tirámos. Então, eu aconselho-o sempre a ir para aquilo que ele gosta, apesar de saber que não vai arranjar muito facilmente trabalho. É o que eu lhe digo sempre.

Eu tenho o meu grupo de amigos, não é assim muito grande, mas dou-me muito bem com eles, sou daquelas pessoas muito extrovertidas, diz que estou sempre na conversa, que nunca me calo! Tanto no secundário como na universidade, fiz um bom grupo de amigos. Ainda hoje saímos (apesar de termos acabado e de alguns estarem a trabalhar), ainda hoje saímos! Sempre nos apoiámos muito uns aos outros, o que eu achei muito bom porque, por exemplo, no meu curso era um curso só de rapazes, maioritariamente, o que é muito bom, porque eu pessoalmente gosto muito de me dar assim mais com rapazes que com raparigas, acho que a relação é mais sincera! Foi muito bom!

Do lado da família, sempre me apoiaram muito, sempre! Houve alturas que uma pessoa já estava prestes a desistir e eu sei que os meus pais e o meu irmão sempre me deram aquela força para não desistir, que “se comecei, para acabar”, porque às vezes os percursos académicos nem sempre são fáceis e, então dá vontade de mandar aquilo tudo ao ar e desistir de tudo! Mas sempre tive apoio em casa, a nível de familiares também, os amigos também. A relação com os professores, no secundário, sim, tinha meia dúzia que me dava bem e que me apoiaram também. A nível da universidade, prontos, é sempre diferente, há sempre aquela distância, mas há um ou outro que sim, que sempre nos apoiaram e tiveram sempre uma relação quase de amizade, o que eu acho que é muito bom, pessoalmente, porque deixa-nos muito à-vontade, a tirar as dúvidas e às

vezes nem sentimos aquela repreensão de estar a perguntar, podemos perguntar logo à vontade!

Na escola eu sempre fui às aulas, raramente faltava. Pronto, se calhar era daquelas pessoas que conversava mais do que estava atenta! (*ri-se*) Mas sempre fui, nunca faltei, nunca! Porque achava que se eu faltasse, sentia-me mal comigo própria, porque eu sabia que não ia aprender, se eu não fosse à aula eu não ouvia o que é que era falado e era difícil para mim estudar em casa. Estando nas aulas, apesar de estar na conversa ou estar assim mais desatenta, eu como ouvia sabia que conseguia estudar mais facilmente, então era mais fácil.

Quando acabei a universidade, eu disse que queria ir trabalhar e só depois, futuramente, tirar o mestrado, porque eu acho que tirar um mestrado é comprometer-nos com algo importante e, eu não sei, ao certo, se é mesmo isto a minha vocação! Então, eu não quero estar a tirar um mestrado, só por tirar! Quero tirar porque quero-me especializar em algo! Porque o meu objetivo inicial era eu ir pra Biomecânica e depois seguir para a área das próteses, e não para a área dos moldes! Era o que eu queria mesmo! Só que o nosso curso, “eles” dizem que sim, que está preparado, mas eu fiz um estágio curricular, e o próprio orientador da empresa disse que nós não temos as bases suficientes para isso! E eu pedi-lhe ajuda “então como é que eu me posso especializar?”, se há pós-graduações, se há mestrados... ele disse-me que não! A única coisa que havia, era fazer outro curso, e eu acho que é um desperdício muito grande, estar mais quatro (ainda por cima é um curso de quatro anos), estar mais quatro anos a estudar! Para mim não dá! Eu acho que não vou perder MAIS 4 ANOS a estudar! Quatro anos a estudar, diariamente, como eu fiz estes três, eu acho que é muito tempo! Pessoalmente, acho que não dá!

Também é uma questão monetária: exigir mais dos meus pais, para me pagar outro curso. Mas também porque eu acho que é melhor nós aprendermos indo trabalhar, porque eu acho que num curso nós nunca temos as ferramentas necessárias para o mundo do trabalho. Acho que é IMPOSSÍVEL! Então, eu acho que eu prefiro trabalhar e realmente sentir-me UTIL! É o que eu acho! Eu acho que mais quatro anos a estudar, para depois estar mais nesta espera, de arranjar emprego, eu acho que sentia-me assim um bocado...

E trabalhar e estudar ao mesmo tempo, neste curso não dá, porque é daqueles cursos diurnos e não dá! Só se fosse trabalhar à noite. Só que eu acho que isso é tão complicado! Eu valorizo quem o faça, mas eu acho que é tão complicado! Tirar outro curso, outra licenciatura, acho que não está nos meus planos. Só se for mesmo uma pós-graduação ou um mestrado, assim uma coisinha mais pequenina. Eu acho que esses dão mais bases, porque deixam-nos logo mais diretamente para uma área, enquanto uma licenciatura é assim uma coisa mais abrangente!

Então, o meu objetivo, como a outra parte do curso que me interessou, foi a área da modelação, era isso que eu agora queria. E a única coisa que eu acho que posso fazer (tenho procurado também na internet) é fazer aqueles cursos que há, daqueles programas específicos, para me formar mais naquilo. É o que eu penso agora. Por isso, eu também adiei a ideia do mestrado um bocado lá mais pra frente, e decidi fazer esses cursos para me ajudar a ter mais formação e conseguir emprego mais facilmente.

Futuramente, claro que eu gostava de juntar essa parte da modelação às próteses. É uma coisa que eu gostava de fazer! Acho que é uma coisa que não há muito em Portugal, que é a modelação de próteses. Então, um dos meus objetivos, se der, é ir pelos moldes, para ganhar um bocado de formação na área da modelação e isso, e futuramente pensar se dá para juntar às próteses ou não. (*rindo*) Mas, é uma coisa muito complicada de fazer! E eu tenho noção disso.

À procura de um lugar no mundo

Estou inscrita no Centro de Emprego, mas só me chamaram uma vez, para uma sessão de esclarecimento e outra para eu enviar um curriculum, que nem sequer obtive resposta, enviei e nem sequer me disseram nada, foi assim muito estranho. Agora o meu objetivo é mandar currículos para mais empresas, fazer outra ronda e enviar mais currículos e estar atenta àqueles sites de internet que têm ofertas de empregos. Entretanto, eu disse aos meus pais que, se fosse depois da Páscoa, não encontrasse nada na área, que eu provavelmente ia começar a procurar outra coisa, porque já estava um bocado farta de estar em casa. Mas não tenho nada específico. Essa é que é a minha dúvida porque também não sei por onde é que hei-de ir! Queria fugir um bocado da parte da restauração, cafés e isso, porque eu já trabalhei aí e sei que não gosto muito de

trabalhar nisso, mesmo que seja *part time*, não é algo que eu goste muito. Então, nem sei por onde é que hei-de me virar... Acho que é mesmo aquilo que aparecer, e eu vir que tenho algumas capacidades, porque realmente, estar em casa muito tempo já não dá! Porque eu sempre fui uma rapariga que, desde o 9º ano (mais ou menos) nunca tive férias de verão propriamente ditas, porque andei sempre a trabalhar! A minha tia tem um minimercado e o meu tio tem um café, e nos verões, ou estava num lado ou estava no outro! Ou seja, eu NUNCA estive em casa muito tempo! Então, este ano eu disse: “Este ano eu não vou trabalhar para lado nenhum, aproveito o meu último verão, e depois em setembro começo a procura” Nunca pensei que a procura fosse tão demorada! (*falando baixinho*) Mas pronto, é assim...

Então, pronto, eu desde aí tenho vindo a mandar currículos, a ligar para várias empresas. Às vezes o difícil nem é ouvir um “não”, é nem sequer obter a resposta, porque se eu soubesse que “não”, pronto, ok, aquela opção está descartada! Mas agora não ter a resposta que nós queríamos, é assim um bocado complicado!

Mas, mesmo este verão que estive em casa, estive sempre ocupada, porque lá na terra temos as nossas festas da aldeia. Então, aquilo como são umas festas assim um bocado mexidas, dão assim muito trabalho! Então, estive entretida nisso não estive propriamente em casa sem fazer nada, como tenho estado estes últimos meses! E começa assim a ser um bocado saturante, estar em casa, porque já ando revoltada com toda a gente, com todos! Então, começa a ser assim chato!

Eu, inicialmente, claro que eu preferia procurar aqui até porque estou a viver em casa dos meus pais, poupava o dinheiro duma renda e conseguia poupar para comprar um carro só meu, ou no futuro para comprar uma casa, ou alugar um espaço só pra mim. Então, inicialmente eu queria só procurar aqui na área. Ir para o estrangeiro, é mesmo das coisas que eu não queria mesmo, não queria! Há pessoas que eu sei que queriam muito, mas eu não! Queria evitar mesmo, mesmo, mesmo ir para o estrangeiro trabalhar! Ir para outros sítios, eu já pensei nisso e tenho vindo a procurar, só que como a indústria dos moldes está tão concentrada cá, em Leiria, a mim quase que não me adianta procurar para fora! Por exemplo, tenho muitas pessoas a perguntar “ah, porque é que não vais para fora, não vais para outra cidade? ou assim...” É o que eu respondo: se a indústria está tão concentrada cá, não há outro sítio no país que tenha tanta indústria como cá, e se eu não arranjo cá, que há tanto, vou arranjar como lá fora? Não dá! Então,

daí eu procuro, mas como vejo que (se nós virmos na internet) não há assim muitas ofertas, então eu vou apostar mais só ficar cá na zona de Leiria, até porque dá para poupar depois algum para o futuro e assim!

Rotinas

De manhã, a minha mãe está a trabalhar. Então, normalmente ajudo lá em casa, nas tarefas domésticas. Vou dar uma volta (a pé, ou correr ou assim...) Depois volto, vou tratar os animais (como vivemos numa aldeia...) tratar dos animais, dar comida e água; ajudo a minha mãe a limpar, a passar a ferro. Depois, à tarde é que como estou com ela, lá de vez em quando temos umas tarefas as duas juntas. Depois à noite, às vezes tenho uma aula de ginástica, que eu vou assim para me distrair, é um momento de distração, que ajuda um bocado, às segundas e terças. Não é ginástica, é uma aula, numa espécie de ginásio, mas é lá no Centro, no Salão. *(falando de novo baixinho)* Depois é outro dia novamente a mesma coisa...

Eu, normalmente, não costumo sair muito durante a semana. Nunca fui muito rapariga de andar por aí a sair, para bares e discotecas e isso! Gosto mais de uma saída para ir beber café para estar na conversa, e coisas assim. Normalmente, aos fins-de-semana saio sempre! Sextas e sábados, saio! Os meus pais às vezes ajudam, monetariamente. E eu também, como o meu tio tem um café, aqui há uns tempos estive lá a ajudá-lo umas semanas, então também poupei esse resto, esse bocadinho, para agora gastar nalgumas saídas.

A família

A minha relação com a minha mãe, sempre foi muito boa, mas eu acho que desde que estou em casa, já sei que me chateio mais vezes com ela, o que não era normal, porque sempre tivemos uma relação muito boa e, agora, por tudo e por nada, andamos às turras! *(rindo)* É sempre um bocado chato!

Mas os meus pais nunca me proibiram de nada. Eles dizem que sempre confiaram em mim e, que até ver, até eu “pisar o pé na argola”, confiam em mim, posso ir para onde eu quiser! Então, sempre tive muito à-vontade e deixam-me sair.

Eu acho que os meus pais são fundamentais na maneira como me criaram. Eu acho que, posso estar errada, mas eu acho que a maneira como eles me criaram foi muito boa. Porque eles sempre me deram liberdade para tudo. Eu pedia para ir a algum lado, eles só se não tivessem mesmo possibilidade de me levar ou monetariamente, é que eles não me deixavam, de resto eles deixavam-me sempre ir! E sempre tiveram aquela confiança em mim, assim: “tu vais e eu tenho a confiança, mas olha, vê lá o que é que fazes!”, e isso eu acho que é muito bom porque, por exemplo, eu acho que há muitas pessoas, que os pais protegem-nos muito, e depois, quando eles SE SOLTAM é pior! Eu, como nunca tive essa proteção (os meus pais foram sempre muito liberais: “Vai!”) Então eu não sinto aquela necessidade de me soltar, porque eu acho que sempre estive solta! Então, eu acho que sim, eu acho que os meus pais foram muito importantes na minha educação, e eu gosto muito, para já, gosto muito da maneira como eles me criaram! Claro que devem ter tido as suas falhas, é normal, mas gosto muito e respeito muito! E é uma coisa que eu gostava também, se tiver, futuramente, se tiver filhos, fazer parecido ou tentar fazer.

Todos os domingos, juntamo-nos em casa desta tia ou da outra, e lanchamos todos juntos. Ainda ontem fizemos isso, e eu gosto muito desses momentos. Estarmos todos juntos, ver os primos todos juntos, e conviver. Os primos são os nossos primeiros amigos, não é? Então, estivemos sempre todos juntos, fomos criados juntos! Eu gosto muito desses momentos! Se calhar, com eles aprendi, o verdadeiro significado da Família, de nos darmos bem, apesar de haver sempre aquelas turras de família, que é normal! Mas sempre nos damos bem! E eu acho que também foram pessoas importantes no meu percurso, os meus primos. E os meus avós também! Apesar de, se calhar, nunca tive aquela relação que há, de netos-avós, porque como somos tantos primos, é normal que os avós não tenham tanto afeição a um ou a outro, porque somos tantos! Eles gostam de todos! Todos os Natais, estamos juntos, todas as Páscoas, nos aniversários juntamos sempre a família toda, e eu acho que isso é muito bom, apesar de haver sempre aquelas turras, tentamos todos nos dar bem, apesar das diferenças, tentamo-nos todos dar bem, e eu acho que isso é muito bom, acho que é muito bom!

“A minha aldeia” pequenina

Lá, na M. da R., pelo menos, eu acho que nós somos pessoas muito unidas. Toda a gente diz bem da terra! Somos pessoas que gostamos mesmo de lá viver, apesar de ser uma aldeia pequenina, que não se passa lá nada, temos muito orgulho daquilo que é nosso! E eu acho que somos muito unidos, lá! Damo-nos todos bem, se formos dos mais velhos aos mais novos, dizemos todos “olá!” uns aos outros! Há sempre aquelas turras uns com os outros, mas conhecemo-nos a todos, falamos todos uns com os outros! E então, as nossas atividades eram mais ali na zona, porque, por exemplo, nós no Grupo de Jovens, até o que nós gostávamos de fazer no Grupo, era criar eventos, por exemplo, Festa das Sopas. Eventos assim, para a aldeia se juntar ali toda, porque acabavam-se todos por juntar ali! Eu gostava dessa parte da aldeia, até porque, eu até gostava de, no futuro, se calhar, ficar lá a viver, apesar de ser uma aldeia e de não haver lá muitas perspectivas, eu gostava muito de ficar lá a viver, porque gosto daquilo e tenho orgulho de ser de lá! Eu acho que isso é muito bom.

Na Escola Primária, no meu ano eramos 10, depois já eramos 10 que estávamos ali na escola, 10 na catequese. Houve um ano que eu tive o ano anterior a mim, ou seja, também nos damos todos muito bem por causa disso! Desde a Pré seguimos juntos até ao 4º ano. Mas depois, mesmo o meu grupo, da Pré, foi o grupo do ciclo, depois fomos para o Básico, também todos juntos sempre na mesma turma, só nos separámos no secundário, porque cada um escolheu a sua área. Só nos separámos aí, estivemos sempre, sempre, sempre todos juntos e sempre nos demos todos bem. Ainda hoje, de vez em quando combinamos cafés, todos lá na terra, e nos damos todos bem! Claro, que depois cada um seguiu com a sua vida: uns estão a estudar fora, outros já estão a trabalhar, outros ainda andam a estudar, mas sempre nos unimos e combinamos cafés e damo-nos todos bem na mesma! Eu acho que isso é muito bom, eu acho que, é uma coisa que, se calhar (eu não sei, que eu nunca vivi numa cidade), mas acho que, se calhar numa cidade não HÁ isso, esse convívio! E nós, quando eramos miúdos, íamos para casa uns dos outros, a pé, à noite, sozinhos. Eu acho que isso foi bom para nós, para crescermos. Eu acho que é muito bom! Pessoalmente, acho que é muito bom!

Linhas tortas...

O meu objetivo era Fisioterapia, porque eu, quando andava mais ou menos no 8º ano, eu tive uma paralisia facial. Então, tive um mês ou dois de fisioterapia e eu quando estava lá vi que era uma coisa que eu gostava muito! Sempre achei que gostava daquilo! Mas como eu cheguei ao fim do secundário e não tinha média, eu fui pra Biomecânica, porque como a biomecânica até era uma cadeira de fisioterapia, achava “ah, esta.. bio – mecânica, mecânica do corpo”, eu achava que estava parecido! Até que houve muitos colegas meus, que pronto, que se calhar, fizeram o mesmo que eu, acharam que estava parecido! Só que afinal não tinha nada a ver, porque sendo um curso da ESTG, está muito relacionado com os moldes, esquece um bocado a parte da Biologia. Então, fui um bocado enganada ali para aquele curso! Mas depois, foi isso, eu acabei por não sair de lá porque estava a gostar daquilo e então, deixei-me estar!

Eu nunca fiz testes vocacionais. É uma coisa, por acaso, que eu me arrependo, e já disse ao meu irmão para fazer, porque acho que devia ter feito, na altura. Eu já ouvi versões que sim, que acertam, outras que não, mas só “pelo sim, pelo não” gostava de ter experimentado.

Depois penso que Terapia Ocupacional, pelo que eu tenho conhecimento, lida muito com o ajudar, mas eu acho que é ajudar de uma maneira diferente: eu gosto mais de atuar a nível de massagens, tipo as massagens e a Osteopatia, por exemplo. Para mim, isso tem mais significado! Até porque eu pensei, quando estava a estudar, eu “olha, posso ir tirar um curso de Osteopatia”, ou assim, e fui ver. Só que tinha assim valores assim um bocado elevados, então, eu assim “bem, é melhor deixar para um futuro, agora tão próximo é melhor não!” Porque é isso, eu até gostava de fazer esses cursos, mas como eu não tenho dinheiro, quero trabalhar para ganhar algum, para depois poder fazer, se calhar, num futuro, e não quero estar a pedir agora esse dinheiro aos meus pais, porque sinto que é uma quantia elevada e que eles não têm. Também tenho que pensar no futuro do meu irmão! Não é só em mim!

Eu acho que até naquela parte de nos inscrevermos, foi muito a despachar: “Ok, olha, vou pra isto!” E não fui, se calhar, para aquilo que realmente devia ter ido! Como não tinha média pra Fisioterapia, não andei à procura de outra coisa parecida. Vi a parte da Terapia Ocupacional, mas a mim não me chamou a atenção, nem a Terapia da Fala. E depois fui para aquela, a achar que era parecido, com o intuito de mudar, mas depois

não quis mudar com o receio de depois não conseguir mudar e receber aquele não como resposta, e como estava a gostar daquela, deixei-me continuar e aqui estou!

Eu acho que nunca tive o desejo de uma profissão certa! Eu acho que, só mesmo, a partir do momento em que eu tive a paralisia e andei na Fisioterapia, é que eu descobri: “Era isto que eu gostava!” Foi só aí! Porque acho que de resto, mesmo quando era pequena, toda a gente “Ai, eu quero ser médica!”, “eu quero ser...”, e eu nunca tive nada! (*rindo*) Eu queria ser tudo! Eu nunca tive uma profissão que quisesse mesmo, mesmo, mesmo! Tanto gostava de uma parte, como gostava de outra, mas depois se, por exemplo, gostava de veterinária porque gostava dos animais, mas depois via a outra parte das cirurgias e eu “afinal, já não gosto tanto disso...” Era mais por aí. Então, eu nunca tive uma coisa que gostasse mesmo. Foi sempre assim “Pronto, olha, logo se vê!”

“Ficar no cantinho”

Quando andava na escola, tinha mais atividades, eu acho que agora também deixei um bocado. Houve uma altura que eu dava catequese, acho que foram quatro anos, salvo erro! Depois, participei também nas Festas, e aquilo, as festas lá na terra, dão assim um bocado de trabalho, porque temos de trabalhar durante um ano! Então o ano de 2017 foi todo para isso! E agora, agora não participo em nada, só tenho mesmo essas atividades. E depois, ao fim-de-semana, saio sempre com amigos ou com o namorado, ou com os meus pais. Estou sempre ocupada ao fim-de-semana. Só durante a semana é que é assim mais...

Eu desisti um bocado da catequese porque, primeiro porque eu não sabia o meu futuro, e então não me queria estar a comprometer com uma coisa e depois falhar! Eu gosto, quando me meto numa coisa, cumprir a sério! Então, deixei a catequese de lado.

Andei também num Grupo de Jovens, só que depois o Grupo de Jovens agora ultimamente também tem andado assim um bocado parado. No Grupo de Jovens, participei em todos aqueles eventos, por exemplo, Mariápolis e coisas assim no género!

O “chefe” (entre aspas) do nosso Grupo de Jovens era uma pessoa que eu gostava muito da maneira dele, gostava muito de seguir as “pisadas” dele, sempre foi uma pessoa muito sincera, muito honesta. Tem aqueles ideais que a Vida, de aquilo que fizemos

aos outros, vai ser retribuído em dobro e coisas assim! E esses ideais para mim, fazem muito sentido!

Eu estava sempre agitada, então dava-me vontade de ter mais atividades! Agora, como estou parada, se calhar, já parece que já não tenho tanta energia para ter outras atividades. Eu acho que chegou um ponto que, não sei, uma pessoa fica tão desmotivada que depois também não quer ir para fora mostrar a desmotivação. Então, fica acomodada no seu cantinho, sem chatear ninguém, ninguém me chateia a mim também, é mais por aí...

E como sou uma pessoa assim, que gosto muito de falar e não-sei-quê, acabo sempre por discutir com a minha mãe, ou a minha mãe discute comigo, ou eu discuto com o meu namorado... coisas saudáveis! Não é coisas sérias mas, pronto, “mando vir”, resmungo muito! Então, até a minha mãe, na brincadeira, diz que eu ando muito chata e que já está farta de me ver lá em casa, e coisas assim! Na brincadeira, mas que, pronto, eu fico também “oh, pá, é verdade!”, eu sei (eu digo-lhes a eles), que é verdade, e que eu ando mais agitada, mais chata, mais resmungona, mas eles também percebem o meu ponto de vista! Nesse lado, até sinto-me apoiada, porque eles percebem, e quando eu digo que estou a desistir e que vou deixar de procurar, e coisas assim, eles são os primeiros a dizer “Não, não vais nada, vais continuar, e estiveste a estudar, e se é isso que tu gostas e queres...” para continuar! Então, também me sinto muito motivada! Às vezes, há dias que ando mais desmotivada, mas há dias que, depois também tenho esse apoio, e sinto-me muito mais motivada! E também me ajuda a continuar, à espera, à espera, à espera... Porque depois, também tenho uma prima minha que está no mesmo caso que eu, que também não está a trabalhar, nem está a estudar, vai fazendo só uns *part times* por aí, e depois também eu olho para ela e eu assim “eh, pá se ela ainda não conseguiu...”, eu fico a pensar “será que eu vou demorar tanto tempo como ela a conseguir arranjar emprego?” Uma pessoa fica assim sempre na dúvida. É assim um bocado complicado...

Sair do país, para fazer um curso na área, não sei, eu acho que tinha de pensar muito no assunto! (*ri-se*) Porque eu acho que sou um bocado apegada aos meus, à minha família, (*muito baixinho, com voz de aconchego*), ao meu cantinho... então, se calhar, tinha que pensar mesmo no assunto... Se não fosse muito tempo, por exemplo, seis meses, um ano, se calhar ia, agora se fosse mais que isso já ponderava bem no assunto!

Eu gostava de ficar a viver cá, na zona, é verdade, gostava muito de estar a trabalhar e se eu gostei tanto daquela área na universidade, gostava muito de estar a gostar também do meu trabalho, estar a gostar daquilo que estiver a fazer! Se daqui a 10 anos, tiver uma família, estar a gostar mesmo da minha família e estar feliz, eu acho que era o principal, era estar feliz a fazer o que eu gosto e estar com quem eu gosto! Estar a viver no meu canto, independente dos meus pais, totalmente dependente de mim própria. Até porque eu, na brincadeira com a minha mãe e com os meus pais, digo-lhes sempre que eu só quero 5 anos lá em casa, depois quero-me é ir embora! Só quero 5 anos para orientar a vida e depois sair! É o que eu lhes estou sempre a dizer, a brincar.

Capítulo II: Dos Números aos Retratos Sociológicos

Neste capítulo procura-se dar conta do aparecimento do conceito de *nem nem* assim como os elementos conhecidos estatisticamente a ele associados. Faz-se igualmente uma incursão pelos diferentes autores que sustentam as opções conceptuais feitas ao longo deste trabalho, explicitando os conteúdos com elas relacionados.

Os *nem nem*: o conceito

Na sequência da crise económica que grassou pelas sociedades modernas, do início do século XXI, assistimos a um número muito significativo de jovens (15-24 anos) e jovens adultos (25-34 anos) que viram aumentadas as dificuldades de integração no mercado de trabalho após a conclusão dos seus estudos. Consequentemente, o número dos que não estudam, nem trabalham, nem estão integrados em qualquer curso de formação profissional aumentou substancialmente nos últimos anos, dando origem ao aparecimento da expressão “*nem nem*”, ou “a geração *nem nem*” para designar estes jovens.

Neste sentido, um conjunto considerável de utilizadores (governantes da União Europeia, investigadores, organizações nacionais e organizações internacionais) começaram a utilizar o indicador “Jovens não empregados que não estão em educação ou formação” para medir, caracterizar e acompanhar a evolução da vulnerabilidade dos jovens face ao mercado de trabalho e à educação em simultâneo.

(Torres, 2013: 42)

Passou a designar-se oficialmente este indicador por NEEF, sendo que se refere ao

(...) conjunto de indivíduos jovens de um determinado grupo etário que, no período de referência, não estavam empregados (isto é, estavam desempregados ou eram inativos), nem frequentavam qualquer atividade de educação ou formação ao longo de um período específico (no período de referência ou nas três semanas anteriores).

(Torres, 2013: 42)

Porém, importa também distinguir o que se entende pelos conceitos de *inativo* e de *desempregado*, pela proximidade que apresentam à realidade dos *nem nem*. Assim, por *inativo* entende-se o

Indivíduo que, independentemente da sua idade, no período de referência não podia ser considerado economicamente ativo, isto é, não estava empregado, nem desempregado.

(SMI-INE: 2012)

É por isso que, neste grupo, vamos encontrar indivíduos que não concluíram ainda o seu percurso escolar ainda que se encontrem em idade ativa. Sobrepõem-se assim, realidades diversas ao considerarmos este conceito de inatividade.

Por seu turno, o conceito de *desempregado* refere-se ao

Indivíduo com idade dos 15 aos 74 anos que, no período de referência, se encontrava simultaneamente nas seguintes situações: 1) não tinha trabalho remunerado nem qualquer outro; 2) tinha procurado ativamente um trabalho remunerado ou não ao longo de um período específico (o período de referência ou as três semanas anteriores); 3) estava disponível para trabalhar num trabalho remunerado ou não.

(SMI-INE; 2011).

Ou seja, consideram-se desempregados os indivíduos que buscam ativamente emprego, desde que acima dos 15 anos; e inativos os indivíduos que não estão economicamente ativos, ou dito de outra forma, são pessoas que não participam de alguma forma no mercado de trabalho, quer como empregados, quer como desempregados (Torres, 2013: 36).

Reconhecido o conceito de desemprego, importa referir também o seu valor entre a camada jovem da população portuguesa e que, em 2012, atingia os 37,7%, número que representa quase quatro em cada dez jovens (Torres, 2013). Mas, enquanto a taxa de desemprego juvenil é representada pela relação entre o número de jovens desempregados e o número de jovens economicamente ativos, a taxa de NEEF é traduzida pela relação entre o número de jovens NEEF e o total da população jovem (*fig. 1; Vol. II - Anexos e Apêndices; p. 9*), e é sobre esta última que iremos rever

algumas conclusões retiradas em relação ao comportamento dos dados no nosso território.

Para tal, tomamos o grupo etário *jovem*, que integra os indivíduos dos 15 aos 24 anos mas também os *jovens adultos*, considerados os indivíduos dos 25 aos 34 anos (Torres, 2013).

Ao utilizarmos este conceito, *nem nem*, devemos fazer referência ao seu caráter dinâmico, querendo com isto dizer que a situação de inatividade não é estática e, portanto, dificulta a investigação ao longo de um período mais prolongado de tempo.

Este caráter dinâmico do fenómeno dificulta quer a sua análise do ponto de vista estatístico e quantitativo, quer do ponto de vista de um estudo mais orientado para a sua compreensão, e está diretamente relacionado com uma realidade que apresenta contornos tão difusos e que cruza diferentes opções: os jovens que pertencem à faixa etária que integra o conceito dos *nem-nem* (15-34 anos), caracterizam-se por decisões que envolvem uma instabilidade grande em termos de escolhas de percurso, passando por diferentes experiências de trabalho, por curtos períodos de tempo, por interrupção e/ou continuidade dos estudos... decisões que tomam, mas que reveem e alteram, dependendo da informação de que dispõem no momento, da influência de sujeitos significativos no seu percurso de vida, de condições conjunturais (económicas e sociais). Muitas vezes, jovens que tinham como certo terminar o seu percurso escolar e ingressar na vida ativa, procurando emprego, regressam aos estudos e procuram lugar no ensino superior, outros que frequentando o ensino académico, abandonam o curso sem o concluir...

Para a população jovem, a transição da escola para o mercado de trabalho nem sempre corresponde a um percurso unidirecional – envolvendo a transição para o primeiro emprego – podendo evidenciar contornos mais complexos associados aos processos de tentativa e erro no mercado de trabalho e ao retorno à escola. Estes processos são diferentes de pessoa para pessoa.

(Torres, 2013: 35-36)

O que se sabe sobre os *nem nem*

Em Portugal, sobre este novo grupo sabe-se ainda pouco: conhece-se, através dos dados do INE e do EUROSTAT, o número de jovens que integram os *nem nem*, variando entre as estatísticas trimestrais que apontam tão depressa para o aumento das percentagens, como a seguir para a sua diminuição, não só consoante a conjuntura nacional e internacional é mais ou menos favorável ao emprego, mas também registando características de sazonalidade que se prendem com o decorrer ou o terminus do ano letivo e, portanto, com o percurso escolar ou académico (Torres, 2013).

Da mesma forma, de acordo com os dados estatísticos ao nosso dispor, verificamos uma maior prevalência do número de mulheres, facto que se prende com a maior vulnerabilidade da mulher no que respeita à sua integração no mercado de trabalho, associada à desigualdade de oportunidades entre os géneros, ainda que o número de homens tenha vindo a aumentar nos últimos registos (*fig. 2; Vol. II - Anexos e Apêndices; p. 11*):

De 1998 a 2011, no entanto, são as mulheres que apresentam maiores taxas de NEEF, observando-se também um aumento muito ligeiro da taxa de NEEF para as mulheres e um aumento substancial da taxa de NEEF para os homens a partir de 2008. A composição por sexo dos NEEF variou ao longo do período analisado, tendo a proporção de mulheres diminuído e a proporção de homens aumentado, sobretudo nos últimos anos.

(Torres, 2013: 44)

Estatisticamente, podemos também verificar que os números mais recentes apontam para uma maior prevalência e aumento dos valores relativos aos jovens adultos, portanto indivíduos que se situam entre os 25 e os 34 anos, registando-se, pelo contrário uma pequena diminuição entre os indivíduos mais jovens (15-24 anos), elemento que deverá relacionar-se com a idade de conclusão dos estudos académicos por volta dos 22, 24 anos e com a consequente dificuldade de encontrar oportunidades de carreira consentâneas com a formação superior que se concluiu (Torres, 2013).

A composição etária dos NEEF variou ao longo do período analisado, tendo a proporção dos mais jovens (15 a 19 anos) diminuído (cerca de 12 p.p. entre 1998 e 2012) e a proporção

dos mais velhos (20 a 24 anos) aumentado (também cerca de 12 p.p.) (...).

Em 2012, o número jovens adultos NEEF era maior do que o de jovens NEEF (275,4 mil, o que corresponde a 63,3% do total de NEEF dos 15 aos 34 anos) e aumentou face a 2011 (quando tinha sido de 236,5 mil).

(Torres, 2013: 43-45)

Constata-se ainda pela análise de dados apresentada pelo INE que o fenómeno dos *nem nem* é transversal a todos os níveis de escolaridade, embora se verifique uma inversão dos valores relativos aos últimos anos, traduzida numa maior percentagem no grupo que concluiu o ensino superior, logo seguido dos que completaram os estudos secundários (*fig. 3; Vol. II - Anexos e Apêndices; p. 13*):

Ser NEEF afeta toda a população jovem, independentemente do seu nível de escolaridade. No entanto, em termos da estrutura percentual, espelhando o que sucede para a população jovem como um todo, os níveis de escolaridade mais baixos são dominantes (...).

Uma parte substancial dos NEEF têm um nível de escolaridade relativamente elevado, o que revela um problema estrutural que dificulta a transição da educação para o mercado de trabalho dos mais qualificados. No caso de Portugal, 9,0% dos NEEF tinham completado o ensino superior em 2011 e 10,8% em 2012.

(Torres, 2013: 45)

Dos dados oficiais que nos chegam sobre a realidade do nosso território nacional, ressalta também a diferença significativa de percentagem alcançada pelas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, seguidas das regiões do Alentejo, Algarve e Lisboa, com uma taxa acima da média nacional (*Fig. 4; Vol. II - Anexos e Apêndices; pág. 15*).

Se estes números nos ajudam a construir um quadro de compreensão sobre a evolução deste fenómeno e à sua distribuição, por forma a identificarmos as variáveis que o condicionam e influenciam, permitindo uma intervenção política e socioeconómica que

possa ser mais ajustada às suas características, por outro lado, nada nos diz sobre o percurso realizado por cada um dos indivíduos, nem sobre a forma como vivenciam e experienciam a sua situação de *nem nem*, ou como procuram contornar (ou não) a dificuldade de concretizar os seu projetos de vida.

É, por isso, que nos propomos, neste trabalho de investigação, aprofundar a compreensão da realidade dos *nem nem*, indo além dos dados estatísticos disponíveis, e “mergulhar” na descoberta da complexidade e do entendimento da existência de cada um dos indivíduos que entrevistámos.

Para além dos números

Ultrapassada a caracterização enquanto grupo, traduzida nos números fornecidos pela estatística, faltava-nos compreender, conhecer e aprofundar o individual, por detrás deste fenómeno social. Este estudo procurou descrever, através dos relatos de quatro jovens, o percurso de vida, os contextos sociais que os formaram e transformaram, as motivações e as opções, e os projetos que têm para o seu futuro.

Usámos, para isso, relatos sobre aspetos relacionados com interesses e hábitos de vida, de forma, o mais detalhada possível, redes de relação familiar e círculos de amizade, formas de ocupação de tempos livres, modos de gerir e organizar as finanças pessoais, experiências de trabalho e percursos escolares, espaços de participação e inclusão na vida cívica e social, planos de carreira e pessoais...

Entendemos que é necessário dar voz ao indivíduo, trazendo-o para o primeiro plano da sua história. As pessoas que abordámos não são casos, nem objetos de estudo: são sujeitos ativos no processo de se contarem, são atores sociais, participantes numa investigação que pretende conhecer o outro, escutando e estando aberta à riqueza (de experiências, de relações, de vivências, de emoções) que cada um transporta consigo. São, esperamos, novas identidades, resultantes da relação dialética entre os dois indivíduos que participam do mesmo projeto de compreensão, um enquanto ouvinte e aprendente (investigador) e o outro (investigado) tradutor das suas memórias na forma como as representa, imbuídas de sentimento, emoção e, por isso, plenas de subjetividade: a forma como vivenciamos e experimentamos cada uma das etapas da vida que vivemos, a forma como as sentimos, constituem uma realidade mais presente e

fundamental do que uma realidade factológica, assente na descrição de momentos despídos de sentimento e contados por ordem cronológica. Não é o que pretendemos:

Aquilo porque ansiamos e a forma como encaramos a vida que nos espera depende de como se viveu o passado, não só em termos objetivos e factualmente verificáveis, mas também dependendo do modo como os dados objetivos foram vividos ou reconstruídos nas nossas recordações. A recordação está à mercê de tudo o que faz de nós pessoas únicas: o estilo da nossa personalidade, em tudo o que tem a ver com os nossos estilos cognitivos e afetivos típicos, com o equilíbrio das experiências individuais em termos afetivos, as nossas identidades culturais, aquilo que conseguimos na vida e até a própria sorte.

A forma como criamos culturalmente e aquilo que criamos, bem como o modo como reagimos aos fenómenos culturais, dependem dos truques das nossas memórias imperfeitas, e da forma como os sentimentos as manipulam.

(Damásio, 2017: 199)

Os retratos sociológicos de Lahire

Bernard Lahire, sociólogo francês contemporâneo, assume uma lógica de investigação do social numa perspetiva da análise individual, na esteira de Bourdieu, explicando a construção e transformação das identidades a partir da influência do meio cultural sobre cada um dos indivíduos. Da mesma forma, justifica a construção do tecido social e a evolução da sociedade a partir da ação dos indivíduos no seu conjunto, em cada contexto de lugar e de tempo (Lopes, 2014).

No entanto, Lahire distancia-se da teoria explicativa de Bourdieu ao abandonar o conceito de *habitus* ⁽⁷⁾ e propor a ideia de *património individual de disposições* para explicar a complexidade e heterogeneidade dos indivíduos, ainda que estes se encontrem imersos no mesmo contexto cultural: Lahire considera as diferentes experiências / vivências incorporadas em cada indivíduo, ao longo do seu percurso de vida e nos diferentes contextos que perpassam no seu caminho, somando atualizações constantes que o transformam, e que constituem um verdadeiro património de diferentes

⁷ “*habitus*” é um conceito introduzido por Bourdieu e que pode ser entendido como uma espécie de matriz conceptual que resulta da nossa socialização e que orienta os nossos comportamentos e valores, de certa forma atuando de forma mediadora entre o individual e o social.

disposições, ou *stocks disposicionais* (Lopes, 2014), que não só variam de indivíduo para indivíduo, mas também são diversas em grau e intensidade:

Bernard Lahire apresenta-nos uma grande teoria capaz de corresponder à pluralidade e complexidade contemporâneas (...) assente no actor plural, exposto a princípios de socialização múltiplos, diferentemente actualizados ao longo do seu percurso e fortemente relacionado com os domínios de actividade, as situações e os contextos. Lahire chega a propor o abandono do conceito de *habitus*, substituindo-o pelo de património individual de disposições, onde se salientam, precisamente, repertórios de disposições, com géneses diferentes, graus de activação distintos e força diferenciada.

(Lopes, 2014: 100)

É precisamente este diferente *stock disposicional*, acumulado ao longo da vida única de cada um, que compõe a singularidade, a originalidade, de cada ator social.

Para abordar esta ação das diferentes dimensões do social no indivíduo, Lahire propõe uma abordagem sociológica também ela diferente, desenvolvendo um “*dispositivo técnico ao serviço de uma teoria da prática*” (Lopes, 2014: 110), o retrato sociológico, focado em descobrir e compreender a forma como cada contexto situacional influencia e constrói diferentes disposições, incorporadas nos diferentes papéis sociais que cada ator desempenha.

O retrato sociológico, enquanto abordagem integrada num paradigma de compreensão do indivíduo, combina a técnica da entrevista biográfica de tipo semidiretivo para concretizar a recolha de elementos empíricos, suportado por um guião centrado na busca da compreensão de como se formaram diferentes disposições individuais a partir dos relatos sobre os diferentes vividos que cada um percorreu:

O retrato sociológico consiste, antes de mais, numa entrevista biográfica de cariz semi-directivo. A sua grande especificidade reside no guião, onde se procura, como objectivo primordial, perceber a forma como as disposições individuais se formam e encarnam nos diferentes papéis sociais do actor, nos múltiplos “mundos da vida” (...) onde habita, no mosaico das situações e quadros de interacção em que se move e compreender, ainda, que dessa plural circulação resultam *stocks disposicionais* variados.

(Lopes, 2014: 102)

A forma individual, original, como cada um integra em si as diferentes aprendizagens que realiza nos diversos contextos sociais por onde passa ao longo do seu percurso biográfico, bem como as relações que constrói com outros mais ou menos significativos na sua vida, é apresentada a partir da narrativa que o ator decide fazer de si próprio, subjetiva, escolhendo não só os capítulos biográficos que deseja contar ou ocultar, mas igualmente transformando esses capítulos de acordo com a interpretação que lhes dá, com a apresentação que pretende fazer de Si ao Outro, justificando opções, sentimentos e ações, de acordo com a autocensura mais ou menos consciente que está presente na sua narrativa. Da mesma forma que escolhemos a pose e a roupa, a paisagem que nos emoldura ou mesmo quem nos acompanha no retrato que nos apresenta (representa), também na narrativa biográfica se selecionam as vivências individuais que se pretendem destacar ou anular.

O papel do investigador, de acordo com este dispositivo de pesquisa, não é de todo um papel passivo, limitado a ouvir e a registar a sequência que o ator social entende fazer da sua história pessoal. A escolha dos temas, a forma como conduz a entrevista, a relação que consegue criar de verdadeiro interesse e escuta para a compreensão disposicional do Outro, revelam diferentes ângulos possíveis de abordagem, diferentes perspetivas de leitura, espaços diversos de focagem, que implicam o investigador social em todo o processo, numa relação dinâmica entre ambos, entrevistador e entrevistado.

Mais do que uma mera etiqueta, o retrato constitui, na verdade, uma categoria teórica central e um dispositivo metodológico, ele próprio eclético e suficientemente elástico para suscitar diferentes enfoques, ora mais extensivos, ora mais intensivos.

(Torres, 2016: 238)

O sujeito, a representação de si, contextualizado no tempo e no espaço

A forma como Lahire aborda cientificamente a análise do social a partir de uma “*escala individual*” (Lahire, 2004) traz para primeiro plano a complexidade de experiências relacionais adquiridas em diferentes contextos sociais e culturais, e com diferentes atores, que se cruzam e interpenetram no percurso de vida de cada indivíduo, constituindo a sua realidade social, única, singular, *disposicional*, que o define enquanto pessoa:

Na série de problemas científicos, explicitados pouco a pouco através dos trabalhos de pesquisa sobre a escala individual do social, constatei progressivamente que um indivíduo (...) podia ser definido como uma realidade social caracterizada por sua possível (provável) complexidade disposicional, que se manifesta na diversidade dos domínios de práticas ou cenários nos quais esse indivíduo insere suas ações.

(Lahire, 2004: IX)

De acordo com Lahire, é como se cada indivíduo fosse o depositário de um *stock* de disposições que vai acumulando, mas também transformando, ao longo do seu percurso existencial, em resultado das vivências sociais e relacionais, mais ou menos intensas, mais ou menos significativas, na representação construída e reconstruída da identidade individual (Lahire, 2004).

Contextualizado no tempo e no espaço, o indivíduo é produto das suas experiências acumuladas, e sendo único, é também socialmente comum porque partilha de contextos e vivências sociais na sua contemporaneidade com outros indivíduos, integrando construções idênticas, ainda que tenha a pretensão ou a ilusão de ser original nos seus sentimentos, que tenha “*a sensação de uma vida subjetiva não-social ou extra-social*” (Lahire, 2004: XII) nas suas inclinações ou nas suas ações. Ou seja, cada um, na sua singularidade de percurso vivido, representa simultaneamente a expressão do social (do tempo e do espaço) em si:

Modelados por esse mundo que contribuimos para modelar, não escapamos dele de forma alguma: conformistas ou marginais, dominantes ou dominados, todos fazemos (diferentemente) o que ele fez de nós e aquilo que podemos fazer em função das situações em que nos encontramos imersos.

(Lahire, 2004: XIII).

Partindo deste pressuposto, assumimos, neste trabalho de investigação, a abordagem científica do social a partir do individual, afirmando que a individualidade resulta do processo de integrar, em cada um, o tempo (o nosso percurso de vida) e o espaço (nos diferentes territórios e contextos sociais experimentados) que trazemos em nós, que carregamos connosco, nas nossas representações (nas nossas memórias transformadas pela subjetividade com que as investimos emocionalmente), e que fazem de cada ator social um elo de uma teia maior composta por todos.

Ao mesmo tempo que cada um resulta desta combinação de fatores, afirmamos que a identidade social e cultural que caracteriza cada território em cada tempo, resulta da ação e da construção dos *múltiplos eus* como um todo, diferente do somatório dos indivíduos por si, mas antes, transformado por uma ação ou vontade, um pensamento, no fundo uma existência, próprios capazes de influenciar e de modelar por sua vez a identidade de cada elemento.

Esta imagem permite-nos, então, procurar compreender um fenómeno social (neste caso, os *nem nem*) contextualizado no espaço e no tempo, através da compreensão sociológica de um indivíduo que, de certa forma, representa a cultura social que acumulou e que, ainda que diferente de todos os outros, assume traços comuns, idênticos, porque partilhados por muitos.

A abordagem homogeneizante na investigação sociológica

Esta “sociologia do individual” respeita a diversidade que naturalmente existe no tecido social, reconhecendo a individualidade e a originalidade de cada um, o seu papel distinto no contributo que dá à construção do todo, a “pegada” social deixada por cada um no caminho trilhado pelo grupo. Distingue assim, a abordagem artificial que se refere à categorização dos indivíduos em grupos, tratando-os como entidades abstratas, homogéneas em pensamento, sentimento e ação, como números com probabilidades calculadas e calculáveis de comportamentos, qualidades e características, reduzidos a uma representatividade bem fundamentada em maiorias, mas estéril num conteúdo em que se reveem todos e nenhum, que não reconhece os múltiplos eus que compõem a diversidade social. É então uma abordagem que “(...) implica (...) um afastamento da ideia preconcebida de que todos os indivíduos (...) são classificados pela pertença a uma cultura (...) e, assim, fazem parte de um grupo homogéneo sobre o qual pode fundamentar-se uma investigação. (...) [H]á (...), antes, modos diferenciados de viver, conviver e se identificar com os mundos culturais que cada sujeito atravessa na sua trajetória social (Cucho, 1999).” (Vieira, Margarido e Marques (org.s), 2013: 10).

É por isso que, respeitando esta premissa, não podemos falar da Geração *nem nem* ou dos jovens *nem nem*. Na verdade, não se **é** *nem nem*. Quanto muito **está-se** *nem nem*, no sentido em que é um modo de estar no mundo, é uma condição, e que nela partilha

um ponto comum a outros jovens que não trabalham nem estudam, mas que não diz tudo sobre *aquela* jovem. Conta-nos apenas uma parte de si, que vive esta realidade mais ou menos transitória, mais ou menos intencionalmente. Cada indivíduo e todos os indivíduos percorrem trajetórias de vida diferentes, passando por diversos contextos sociais, culturais, afetivos, relacionais, emocionais... que os enriquecem, complementam, acrescentam e também retiram ou sobrepõem experiências e vividos pessoais e únicos que resultam na singularidade, originalidade com que cada um se apresenta ao mundo e aos outros, justificando a aplicação do conceito de *gerúndio do viver* nas diversas metamorfoses identitárias, de construção e reconstrução, experimentada ao longo do seu percurso de vida.

Um lugar é uma maneira de ser no mundo e de estar no mundo, uma série de coisa pensáveis, possíveis ou autorizadas (e ao mesmo tempo, um quadro que fixa os limites do pensável, do possível e do que é permitido) como também de altas expectativas sociais.(...).

[A] ligação ao mundo social global ou, mais especificamente, aos distintos outros mundos sociais frequentados, passa sempre pela mediação desta primeira matriz de formação de disposições mentais e comportamentais, de distribuição de pontos bons e maus e de atribuição de espaços e funções, e até de missões.

(Lahire, 2011: 16)

Vivendo... em gerúndio

Também o conceito do “*gerúndio de viver*” (Vieira, Margarido, Trindade e Silva; 2013) realça a dinâmica na identidade do indivíduo, a construção e reconstrução do self, a transformação de identidade que ocorre em permanência, a revisão de pensamento, juízos e valores a que todos nos propomos e realizamos na passagem que concretizamos pelos mais diferentes contextos sociais ao longo do nosso percurso de vida, próprio do crescimento individual e pessoal de cada um.

Ninguém é apenas aquilo com que nasce, a sua identidade não é espelho da comunidade ou do tempo em que nasceu, constrói-se dialeticamente na relação com os outros, com outras culturas, com outras histórias: não é a sua nacionalidade, a sua religião, a sua

etnia, a sua idade ou geração – cada um é um indivíduo único, resultado do caminho pessoal que desenvolve a cada momento, enquanto assume diferentes papéis nos diversos contextos sociais que habita e nas diferentes relações interpessoais que desenvolve.

A identidade resulta, assim, de um permanente confronto entre o Eu e o Outro (dimensão auto e heteroconstruída, compósita), não se constrói de repente, num momento e para sempre. Antes se vai construindo e transformando ao longo da existência numa permanente reconfiguração identitária.

(...) a transformação social de cada indivíduo é ininterrupta: cada aprendizagem é transformação. (...) A construção da identidade percebida como manifestação relacional torna-se, pois, num permanente confronto entre o eu e o outro e, em cada contexto, as identidades acabam por ser resultado de uma metamorfose cultural, de uma nova dimensão auto e heteroconstruída num dado momento (Lages et al., 2006).

(Vieira, Margarido, Trindade e Silva, in Vieira, Margarido e Marques (orgs.) 2013: 38)

Cada um é aquilo que é (a sua identidade) pelas relações que estabelece e pela forma original com que se apropria do outro, tornando-o seu, num balanço contínuo para que o projeto de vida faça sentido. Ou seja, realizamo-nos de certa forma, como indivíduos, na convivência com outros, semelhantes e diferentes, tornando-nos únicos e singulares, mas aceitando que temos partes de nós semelhantes aos outros e outras vezes não nos identificamos.

Nunca ficamos completos, porque a personalidade de cada um não termina o seu processo de construção e de reconstrução. Em cada momento atualizamos, revemos, reformulamos, retomamos ou refutamos ideias, imagens, juízos, valores... de acordo com a permanente aprendizagem que fazemos na relação com os outros, seja num contexto real, como num contexto virtual e tecnológico

E é a mesma consciência da incompletude de cada um e a potencialidade de enriquecimento na interação com os outros, que nos permite absorver/compor diferentes perspetivas a partir das partilhas de experiências culturais diversas, que simultaneamente nos oferece a intuição de heterogeneidade e multiplicidade no grupo.

A compreensão do como e do porquê

A compreensão do outro na sua individualidade, originalidade, singularidade, o conhecimento de cada percurso existencial construído, assenta no desejo autêntico de estreitar a distância entre o mundo interno do Outro e o próprio, aproximando diferenças e diversidades no entendimento, nas escolhas, nos caminhos que cada um decidiu, ou se sentiu compelido, a trilhar. A **ponte entre as duas margens** só se constrói na abertura à compreensão do *como* e do *porquê* de cada ator social, pois enquanto fechados à complexidade da identidade dos outros, não é possível transformar a realidade, quer interna quer externa a cada um de nós, consubstanciada na ação muitas vezes xenófoba, construída com base em preconceitos e resistências à aceitação do diferente. A ignorância gera necessariamente desconfiança, resistência, juízos precipitados, que só é possível desconstruir se adotarmos uma atitude de verdadeira curiosidade e humildade, assumindo o desconhecimento da realidade de cada um.

A estratégia pode tanto passar pelos estudos de caso, como pelas histórias de vida, como pela construção do retrato sociológico. O paradigma continua a ser compreensivo e o objetivo continua a ser compreender a compreensão dos outros (Vieira, Margarido e Marques (*org.s*), 2013: 11)

Compreender a individualidade a partir do entendimento “(...) *que as pessoas atribuem aos seus projetos de vida, às suas escolhas, às suas ações e às suas metamorfoses, ainda que delas possam não ter consciência. (...) O objetivo principal é, pois, procurar compreender a compreensão dos outros (...) compreender detalhadamente e aprofundadamente o que é que os sujeitos pensam e como é que desenvolvem os seus quadros de referência. Procuramos entender e buscar o processo e não apenas o produto (Vieira, 2009)*” (Vieira, Margarido e Marques, (*org.s*); 2013: 11), assumida como um verdadeiro desígnio de construção de uma sociedade mais flexível, mais aberta, intercultural, não apenas no sentido em que se abre a diferentes culturas étnicas, mas a diferentes construtos culturais (*habitus*) resultantes de contemporaneidades ou vivências em contextos sociais diversos.

Esta sociologia do individual abre portas a um conhecimento profundo do Outro, do sentido que atribui às suas escolhas e às suas ações, nas leituras que faz sobre as oportunidades e os obstáculos que se lhe deparam, sobre os Outros que habitam o seu mundo de relações sociais, sobre as implicações que resultam da atuação das

instituições políticas, sociais e culturais, para a sua vida. Por isso, não se compadece com critérios de representatividade quantitativa, discussão que atualiza a oposição “(...) *entre ciências nomotéticas e ciências ideográficas, método generalizante e método individualizante, que não tem qualquer pertinência.*” (Lahire, 2005: 33).

Conhecer aprofundadamente um só indivíduo é, no limite, trabalho para uma vida de investigação. O compromisso é com a compreensão dos traços individuais que definem cada um dos atores em investigação, reconhecendo que o objetivo não é a extrapolação de conclusões para o geral, mas também sustentando a ideia que o geral se reflete no singular, e que o “individual” se constrói repetindo traços que são comuns a múltiplos, ainda que cada percurso, cada história, seja na realidade irrepetível e pessoal.

(...) o sociólogo a estudar o social à escala individual(...) [põe] em evidência a produção social do indivíduo (e das concepções que temos dele) e [permite mostrar] que o social não se reduz ao colectivo ou ao geral, mas que ele se encontra também nos traços mais singulares de cada indivíduo.

O mundo social está em nós tanto quanto está fora de nós. (...) O indivíduo, o foro interior, ou a subjectividade como lugar da nossa última liberdade é um dos nossos grandes mitos contemporâneos. (...) [F]azer aparecer as forças e contraforças, tanto internas (disposicionais) quanto externas (contextuais), às quais estamos continuamente submetidos desde o nosso nascimento, e que nos fazem sentir o que nós sentimos, pensar o que nós pensamos e fazer o que nós fazemos, é um progresso precioso no conhecimento.

(Lahire, 2005: 36).

A entrevista como espaço de reconstrução identitária: o terceiro instruído

Neste encontro com o Outro, com a sua história partilhada, não importa tanto atender à veracidade absoluta dos episódios narrados, nem ao desenrolar de uma cronologia de acontecimentos, mas antes “*compreender a compreensão*” (Vieira, Margarido e Marques (Orgs.); 2013: 11) que o Outro faz dos acontecimentos e do significado que assumem para si, da subjetividade que imprime ao discurso, relatando o impacto que os diferentes contextos e as ações de outros atores sociais tiveram no seu percurso. Dessa

leitura subjetiva que fez dos acontecimentos que perpassaram o seu percurso de vida resultarem diferentes escolhas, tomadas de decisão, encontros e desencontros em relacionamentos criados, transformados ou destruídos... orientações ou direções que se tomaram por um caminho e não outro.

Querendo efetivamente aceder à complexidade do mundo interno do ator, a opção metodológica é pela entrevista semidiretiva, procurando protagonizar um mínimo de intervenções e interrogações, deixando uma ampla liberdade ao entrevistado de se dizer, no quadro de um espaço de questionamento orientado para a forma como chegou ao seu presente, a leitura que faz do seu tempo passado, da sua situação atual e como se projeta a si próprio num futuro próximo.

A devolução da entrevista transcrita faz parte da estratégia de confronto do discurso com o seu autor, abrindo a um espaço de descoberta de Si, de transformação e de reconstrução identitária a partir da narrativa do percurso vivido. Ao partilhar com o interlocutor o seu mundo interior, o ator não é mais a entidade que se apresentou no início, mas uma entidade transformada, redescoberta pela comunicação (*pôr em comum*), reforçada pela consciência do escrito. Da mesma forma, também o investigador não permanece a mesma identidade no decurso da entrevista, desafiado por novos espaços de abertura a uma realidade que desconhece. Deste encontro entre as duas margens, resultam entidades transformadas num terceiro instruído, (Serres, M. in Vieira, R., 2008b), identidades reinventadas, metamorfoseadas, pelo enriquecimento interno de cada um e de ambos, que resulta da relação com o outro e da relação com o espaço criador da entrevista.

A narrativa é uma condição ontológica da vida social, pois é através dela que o sujeito se reinventa, articulando, no presente, factos passados e desejos futuros. As identidades são assim construídas na e pelas narrativas enquanto discurso reflexivamente organizado, e é desta forma que os sujeitos se apresentam nas relações sociais.

(Vieira, Margarido e Marques (Orgs.), 2013: 12)

A entrevista é assim entendida como algo mais do que um mero instrumento de recolha de informação, é uma estratégia, uma ferramenta para a abertura a um espaço de transformação, de um espaço de *mediação interpessoal*, entre os dois sujeitos, e

intrapessoal (Torremorell, 2008: 71-73) entre cada um consigo próprio, enquanto via para o autoconhecimento, mas igualmente para a transformação, para a sua própria reconstrução ou metamorfose identitária:

De alguma forma, quando proponho a reflexão autobiográfica mediada pelo investigador, ou as entrevistas biográficas (...) em que o investigador faz questionar as racionalidades do inquirido, estou a perspectivar uma via para o conhecimento de si próprio, da identidade pessoal. Uma via também para a alteração de representações e do inconsciente prático, ou do habitus, uma autoformação, uma metamorfose do ser, portanto.

(Vieira, 2008a: 3)

A entrevista propõe, assim, um espaço de reflexividade e de autoconhecimento, devolvendo ao ator a possibilidade de traduzir as suas autorrepresentações, escolhas e projetos de vida, de reformular ideias, sonhos, memórias... reinterpretando-se a si próprio através da formulação do discurso na primeira pessoa:

Os actores sociais estão longe, assim o pensamos, do modelo sonâmbulo e passivo do cultural dope: reinterpretam activa e criticamente as condições objectivas de existência e os constrangimentos que pesam sobre a acção; elaboram estratégias e projectos dentro de um campo de possíveis. Em suma, a situação de entrevista constitui-se, ela própria, num contexto de activação de competências reflexivas, mormente quando o seu guião adopta a configuração de retrato sociológico.

(Lopes, 2014: 104)

O “relato do mundo interior”

Neste deambular pelos percursos vividos de cada um, através dos relatos construídos, assumidamente manipulados a partir das memórias individuais de cada um, registadas no “retrato” impresso pelo reflexo das emoções que cada uma representa, aparece-nos o texto narrado pelo indivíduo, construído a partir de episódios significativos, nem sempre factológicos, subjetivos, como explicação para as suas opções, as suas não-opções, a sua forma (única e simultaneamente plural) de ver o mundo.

Esta nova abordagem à construção de uma sociologia democrática e moderna, que se preocupa em dar voz aos próprios atores sociais, é desvendada por um esforço de trazer

para o centro, para o foco do “palco” sociológico, a história de cada um, relatada pelo próprio, transformada em texto, mas não adulterada, nem objeto de significações ou projeções analíticas, rotulatórias e artificiais, numa verdadeira busca pelo reencontro, pela autêntica descoberta do Outro.

Amândio, Abrantes e Lopes (2016) optam por esta nova forma de “apresentar” o sujeito alvo de investigação sociológica, aos demais, sem intermediários. É a vida contada por quem a viveu, num relato de conteúdo interno, e que dá espaço à possibilidade de cada um se dizer a si próprio. São narrações e reflexões, contadas na primeira pessoa, “limpas” de hesitações, interrupções, interrogações, construídas com o auxílio da edição de texto, “cortando e cozendo” sentimentos e emoções, numa “manta” composta pelas cores diversas de quem narra, mas também de quem compõe, distribuindo parágrafos, organizando temas, dando sentido e significado à história do Outro, quer pela escuta autêntica, verdadeiramente empática e interessada, quer pelo processo de confronto com os conteúdos narrados em autoanálise pelo próprio ator.

A ideia de ‘relato do interior’ (...) surgindo como ferramenta de construção, a edição literária da ação dos indivíduos e dos seus percursos individuais aparece, desta forma, despida do jargão sociológico. (...)

A perspetiva teórico-metodológica surge pois somente visível pela voz dos indivíduos. O indivíduo conta a sua história. (...) A transcrição e recorte de uma entrevista assume-se como corolário do processo de tradução, desvendando a diversidade do mundo interno e externo dos indivíduos.

(Amândio, Abrantes e Lopes, 2016: 14-15)

No mesmo sentido, apropriamo-nos desta forma de apresentar cada retrato sociológico construído, optando conscientemente por esta “sociologia em carne viva” (Amândio, Abrantes e Lopes, 2016), que diz cada um de uma forma tão próxima, intimista e genuína. Também porque entendemos que a desconstrução do discurso científico torna acessível a produção de conhecimento sociológico fora dos circuitos dos académicos da área social, permite estreitar a distância entre quem se diz (o ator), quem dá voz (o investigador) e quem ouve (o leitor, académico ou não), facilitando espaços de entendimento, a construção de pontes, no sentido de uma verdadeira *mediação intercultural* e que é também *sociocultural* (entendida como espaço que não intervém apenas entre grupos etnicamente diferentes, mas cultural/socialmente diversos) para um

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

entendimento e uma compreensão do Outro, enquanto contributo para a edificação de uma “*base sólida para projetos de transformação, rumo a uma sociedade mais rica, diversa e justa.*” (Amândio, Abrantes e Lopes, 2016:16).

Capítulo III - Contextos e Realidades Sociais que se Cruzam e Interpenetram na Dinâmica de Construção Identitária

A abordagem ao fenómeno de se ser jovem e nem estudar, nem trabalhar, exige perdermos algum tempo debruçando-nos sobre a análise a alguns conteúdos enquanto partes integrantes desta condição.

Referimo-nos nomeadamente aos conceitos de trabalho e de educação/ formação, enquanto variáveis que fazem parte do sistema formativo definidor e construtor do processo individual de construção identitária de cada um. São uma parte fundamental do percurso individual, na medida em que envolvem um tempo longo na vida do indivíduo, quer no que respeita às relações que estabelece diariamente, quer num sentido diacrónico, abarcando um vasto período da sua construção identitária, que inclui a sua infância e a sua adolescência. Implica, igualmente, a preparação para a adultez associada à independência ou autossuficiência económica e financeira, por sua vez ligadas à capacidade de construção/ manutenção de uma vivência e de um espaço social próprios.

Por seu turno, a condição de ser-se jovem estabelece tempos e dinâmicas de pensamento, de existência e de relação que, ainda que não as pretendamos generalizar a todos os jovens, não se pode ignorar e deixar de reconhecer a existência de traços comuns que são definidores de uma forma própria de estar no mundo.

Carece igualmente de uma breve abordagem, a estrutura familiar, enquanto lugar privilegiado de relação, onde se processa a partilha de um espaço e de um tempo de afetos (positivos e negativos) que constituem a base do primeiro lugar de socialização, do primeiro contacto com a alteridade e com a definição de limites, regras e normas de convívio.

A primeira afirmação, válida para qualquer um dos domínios identificados acima, respeita ao seu carácter dinâmico, isto é, são conceitos que não permanecem iguais ao longo da história do pensamento e das mentalidades. Pelo contrário, altera-se a perspectiva que os indivíduos têm sobre cada um, a partir de um processo natural de evolução cultural. Queremos com isto dizer que o sentido e o valor que atribuímos ao trabalho hoje não é, evidentemente o mesmo que era atribuído no século passado, e as modificações que ocorreram no que respeita à busca de espaços de realização

profissional, de investimento na “carreira” ou a participação da Mulher no trabalho, são alguns exemplos. Do mesmo modo, verificamos que o conceito de família não é também o mesmo dos nossos antepassados, envolvendo hoje diferentes papéis assumidos por cada um dos elementos que a compõem, ou a alteração da própria estrutura de família com composições menos duradouras e muitas vezes reconstruídas, entre outras alterações que poderíamos apontar. O mesmo sucede com os conceitos de Educação ou de Juventude: o que entendemos por cada um destes conteúdos, não é igual nem de indivíduo para indivíduo, mas muito menos igual ao longo do tempo. São conceitos dinâmicos que sofrem modificações na relação dialética que estabelecem com a estrutura social e cultural, em cada espaço e em cada tempo.

Ser ou estar jovem adulto

Ser jovem ou mesmo jovem adulto não é condição permanente: é condição temporária de quem vive um período recente da sua vida, experimental, esboço a traçar da vida adulta. É o tempo por excelência de “tentativa e erro”. Durante toda a nossa viagem existencial, somos ou estamos em atualização na dialética que estabelecemos com o mundo exterior e mesmo com o nosso mundo interior, enriquecendo-nos enquanto indivíduos, mas ser jovem envolve opções e escolhas de soluções mais próximas de uma procura de consolidação de caminhos, de busca de uma maior definição identitária nas escolhas de percurso e nas decisões que se vão tomando. Seja como for, se o lugar onde nascemos ou onde vivemos não define aquilo que somos também, igualmente, a condição de ser-se jovem se manifesta em trânsito, em gerúndio, entre uma fase em que deixámos a infância, mas ainda estamos em processo de construção de ser/estar adulto.

Porventura, não somos apenas uma única coisa facilmente definível e não somos apenas de um sítio. Não nos sentimos de uma única terra; vivemos em mais que um lugar. Por isso estamos; isso sim, não somos. Em vez de sermos, estamos. Estamos em trânsito. Trata-se de uma identificação processual, em gerúndio (estamos sendo) ao invés duma identidade fixista, estática.

(Vieira, 2008b)

Ser ou estar jovem implica também um tempo de reivindicação, de resoluções e de confronto, através da música, da imagem pessoal, das tomadas de posição em

contradição com os sistemas instalados, com o *status quo*, da família, da escola, da sociedade. Mesmo os jovens mais contidos ou menos participativos nos desafios à “ordem estabelecida”, passam necessariamente por movimentos interiores de antagonismo que são a expressão do seu próprio processo de maturação e de construção da sua identidade. Esta construção faz-se na relação, com a alteridade, em referência aos diferentes modelos que cada Outro significativo representa no percurso de vida:

A identidade constrói-se por referência à alteridade, em relação ao outro que se percebe e nos dá a imagem de nós mesmos. A identidade e a alteridade constroem-se neste processo de interação onde o indivíduo percorre o caminho entre o nós e o outro que vai descobrindo. O indivíduo acede à consciência de si, por diferenciação dos outros e assimilando a identidade do grupo que designa e identifica como seu (cf. Lévi-Strauss, 1974).

(Vieira, 2008a: 4)

Ainda assim, a pertença a uma cultura, a um espaço e um tempo com características culturais próprias, não determina a reprodução dos comportamentos sociais por cada um dos indivíduos, ou não haveria espaço para a mudança, nem para a criação. Cada um constrói-se a partir do todo, mas alicerçado nos diferentes arranjos que vai acrescentando ou recusando, ao longo do seu percurso individual, sofrendo diferentes e numerosas metamorfoses, de acordo com as novas propostas que a diversidade de contextos sociais do mundo exterior lhe estende, em permanente composição (por isso, ser compósito), permanente reconstrução, dialética, assumindo-se como um mestiço cultural (Vieira 2008a). É por isso que podemos também afirmar que o todo (grupo social) não se constitui a partir da mera reprodução das partes (indivíduo):

O todo – e a identidade é um todo complexo – não pode ser inferido a partir das qualidades das partes. Por isso não há determinismo no comportamento humano. Semelhantes trajetórias e similares modelos de influência podem produzir até diferentes identidades. Podem criar cidadãos com identidades, práticas e representações sociais até antagónicas.

(Vieira, 2008a: 8)

“Estar” jovem é, então, um processo de construção de identidade que, ainda que não finde na entrada para a adultez, constitui um tempo de descoberta de opções e experimentação de caminhos diversos, no que respeita às escolhas pessoais, académicas

e profissionais, que procuram a definição de um espaço de autonomia, de independência pessoal, habitacional e económica, face à família de origem. No fundo, constitui um tempo de demarcação de um território de ação próprio.

A Família – transmissora de uma herança patrimonial material e imaterial

A família foi já muitas vezes apontada (entre muitos, por Jares, Bourdieu ou Lahire) como o primeiro espaço de socialização. Funciona como o primeiro lugar da diferenciação de Si e dos Outros enquanto identidades únicas, espaço de aprendizagem das normas de relação e de convivência com o Outro. É, de facto, um conjunto que não resulta da soma de personalidades individuais, mas que funciona como um todo, agindo de acordo com os diferentes papéis atribuídos mais ou menos conscientemente a cada um dos seus elementos. Constitui-se como um espaço privilegiado de troca de emoções, sentimentos, valores, de afetos e desafetos, tensões entre gerações, tensões entre pares, misto de personalidades e individualidades, em permanente aprendizagem uns dos outros e permanente mudança e adaptação, com maior ou menor resistência, maior ou menor abertura, ao mundo que o Outro é.

A família, através da qual cada indivíduo aprende a descobrir o mundo social e a encontrar o seu lugar, é o primeiro espaço (primário) que tende a estabelecer objetivamente – sem o saber ou pretender – os limites do possível e do desejável.

(Lahire, 2011: 14)

Xesus Jares (Jares, 2007: 236-247) aponta as estratégias que crê serem determinantes para a funcionalidade da família, como: o diálogo, o tempo, as normas, a aprendizagem de resolução não-violenta de conflitos, a expressão de sentimentos, a correção não culpabilizante e carinhosa, saber reconhecer o erro e pedir desculpa quando nos enganamos, ser coerente com aquilo que se diz e saber mediar conflitos, estratégias estas que, como o próprio reconhece, são elementos muito básicos na relação, elementos que todos conhecemos e sabemos e que são transversais a todas as relações. A forma como cada uma das famílias utiliza cada um destes “ingredientes”, em maior ou menor quantidade, mais uns e não tanto outros, assim como mais por uns indivíduos do que por outros, gera necessariamente diferentes efeitos na dinâmica quotidiana, assim como aprendizagens distintas de conteúdos de convivência e de relação, constituindo-se como

um espaço privilegiado de construção de traços identitários de cada elemento, ao longo do seu percurso de vida e de crescimento, feito em relação.

A forma como cada família decide agir em relação aos diferentes elementos que a estruturam, como resolve cada um dos desafios que se lhe colocam, como aproveita cada oportunidade, ou como se relaciona com os demais, estabelece uma norma, um padrão ou uma matriz, de comportamento cultural, social, religioso, por isso também um referente pessoal, imprimindo em cada ator social, um espaço de modelagem que resulta dessa identidade de grupo. É o contexto social /grupal/ familiar, o todo, agindo sobre o singular, sobre cada parte.

(...) a família (...) tem o monopólio da formação precoce de disposições mentais e comportamentais das crianças.(...) O mais íntimo, mais particular ou mais singular dos traços de “personalidade” e da “psicologia” ou do comportamento de uma pessoa só pode ser compreendida se reconstituirmos “o tecido de imbricações sociais com os outros (Elias, 1991:15) que se forma logo na infância e continua a deformar-se e a reformar-se ao longo da sua existência.

(Lahire, 2011: 15)

Este quadro de referência social definido em primeiro lugar pela família, podemos dizer que constitui um *património disposicional* (Lahire, 2011) imaterial que cada um herda, e que irá juntar-se às características pessoais que resultam da herança do património genético, da combinação aleatória que define a originalidade material, física, de cada indivíduo. A passagem pelos diferentes contextos sociais ao longo do percurso individual de cada um, permitirá a confirmação de algumas das aprendizagens sociais iniciais, resultantes da transmissão desse património imaterial da família, como também da refutação ou da reformulação dos conceitos e representações inicialmente construídos (Alves, 2006), num processo que se assemelha a uma triagem mental, de diferentes opções, tendo em conta as cargas significativas impressas subjetivamente em cada uma das memórias sociais.

Segundo Pinto e Queirós (1990), a construção das identidades individuais e colectivas é um processo contínuo que decorre da passagem dos indivíduos pelos vários contextos de aprendizagem social: a família e outras instâncias de socialização informal, a escola e o trabalho. É na família e com os amigos que se adquirem os saberes práticos e sociais e os operadores simbólico-ideológicos através dos quais as crianças

Isabel Maria da Silva Ferreira

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

e os jovens estabelecem uma relação com o trabalho, a educação, o futuro, a política, etc, e definem os seus projectos sócio-profissionais.

(Alves, 2006: 33)

A Educação: entre a individualização e a normatização ou normalização

A forma como cada família vivencia a escola e a sua relação com o contexto escolar, é marcada pela sua originalidade, e tal como a construção identitária de cada indivíduo, é também resultado de sentimentos e valores que construiu ao longo do seu percurso, da sua história de relações e de contactos que foi tendo com os diferentes agentes e espaços educativos, transformando, renovando e reajustando a qualidade e quantidade das suas interações com o meio escolar em resultado das experiências, mais ou menos positivas e mais ou menos negativas, que acumulou, reconstruindo-se também ela (família) identitariamente.

Também a forma como cada família é percebida pela escola é única e fundada em valores construídos sobre a imagem formada ou preformada que o professor reconhece ou julga reconhecer no âmbito das relações intrafamiliares, como a competência na transmissão de valores morais e educativos aos filhos, do rigor e das regras de convivência que aparentam existir, da capacidade de diálogo e atenção de que parecem dispor, pela frequência com que procura, ou não, informações na escola demonstrando mais ou menos interesse no percurso escolar dos filhos, ou até como pertencentes a um grupo cultural mais legítimo, porque de continuidade com o património cultural da família, ou menos legítimo, porque pertencente a uma cultura escolar mais distante da “cultura erudita”, num ciclo reprodutor e produtor de desigualdades sociais e culturais (Silva, 2014: 406-409).

A Escola, constitui, a seguir ao núcleo familiar, ao conjunto de familiares mais alargado e aos amigos que frequentam o espaço privado, um lugar privilegiado de relação social, de trocas e partilha de saberes e de afetos, que se desenrolam num sentido vertical (professores/alunos) mas também num sentido horizontal (entre pares). O conhecimento processa-se então, não só através de conteúdos formais mas também de conteúdos informais, transmitidos no quotidiano do território educativo. Cada um destes territórios educativos constitui, por sua vez, uma matriz de interação, de relação com o Mundo e

com os Outros, onde se aprendem e transmitem valores basilares que se reconhecem em conformidade com os valores transmitidos inicialmente pela família, e por isso se confirmam, ou pelo contrário, se revelam antagónicos, deixando a cada um a possibilidade de os rejeitar ou, pelo contrário, de os integrar como seus, como parte da sua nova identidade pessoal, como parte do seu *património disposicional* (Lahire, 2005).

Reconhecemos, porém, que a escola de hoje mantém uma atuação (formal) tradicionalista, baseada em conceitos ultrapassados, herdados de uma sociedade burguesa, taylorista, segmentada, pouco democrática na sua tentativa falhada de igualdade de tratamento para todos, falhando no reconhecimento de que a democracia está cada vez mais associada à diferença de tratamento para cada um. Neste paradigma de escola para todos, anula-se o indivíduo para dar lugar ao grupo, à média, à maioria, associado a um outro tipo de ditadura, no qual as minorias não tiveram espaço para ter voz e onde a diferença é vista e sentida como um espaço patológico e bizarro:

Neste modelo tradicional e secular de escola, a “diferença” é vista como uma bizzaria, algo que só alguns têm e que não é lá muito positivo. Ser diferente neste conceito tradicional é sinónimo de não conseguir ser normal e, numa escola que procura a normalidade, a distância entre “diferença” e “anormalidade” é muito curta. A escola que procura a normalidade é hoje uma escola em profunda crise.

(Rodrigues, 2015)

A homogeneização de conteúdos, que tem por objetivo o aumento da eficácia de desempenhos profissionais, desprovidos de pensamento crítico e de juízos próprios, individuais, transforma o professor num mero funcionário administrativo, e transforma os alunos em seres de repetição, em vez de seres de criação e de recriação de ideias, como propunha Paulo Freire.

A transformação da realidade gera-se através desta convivência dialogante e conflitual, entre o que foi, o que é, e o que desejamos que seja, facilitando a construção de uma alternativa mais consonante com os ideais próprios de uma sociedade (que se pretende que no séc. XXI seja) mais inclusiva, mais diversa, mais criativa e original, mais acolhedora da diferença que cada pessoa constitui enquanto universo individual, por isso, mais multicultural. O novo paradigma de escola deve orientar-se mais para a

aprendizagem de conteúdos educativos do que de conteúdos escolares, reconhecendo-se como espaço reflexo e refletor da e para a comunidade envolvente, como um microcosmos da sociedade (Vieira, 2013: 39), onde se processam e desenrolam todas as tensões sociais, na multiplicidade de identidades que se encontram, desencontram, reconhecem e se reconstroem, reconhecendo também que a manutenção dos valores tradicionais de ensino contribuem para perpetuar as desigualdades sociais pelo favorecimento de uns (integrados) em detrimento de outros (excluídos) (Silva, 2014: 414).

O papel da escola na construção da identidade

No espartilho diário de reprodução de conteúdos que constitui o atual paradigma de Escola, pouco espaço sobra para a inquietude e para a interrogação própria da juventude, pouco espaço há também para a busca de si mesmo, para a singularidade, para a liberdade e para a realização da vocação individual de estar, conviver, realizar-se como ser social, de relação consigo e com os outros. No entanto, é neste estar com os outros, convivendo, confrontando ideias, diferenças, opções, referências, espaço de conflito e crescimento, que o jovem se constrói adulto.

Encontrar acordos entre pessoas obviamente diferentes é uma questão particularmente pertinente em Educação. O modelo mais comum e “clássico” de escola foi fundado a partir da procura da uniformidade. Entendia-se que as crianças eram todas iguais, pelo menos no que dizia respeito à aprendizagem. Se fossem da mesma idade cronológica, logo deveriam – se fossem “normais” – possuir determinadas capacidades. Estas capacidades proporcionar-lhes-iam um ponto de partida comum. A seguir, era só estabelecer um roteiro, um percurso que todas as crianças seguiriam e levaria – na melhor das hipóteses – a que todas adquirissem novas e iguais capacidades.

(Rodrigues, 2015)

Para que seja encontrado um novo espaço de afirmação individual e pessoal, onde o coletivo se possa realizar, assente na diversidade e no respeito por cada um, em valores de solidariedade e de humanidade, é necessário dar voz à expressão de si e à representação de cada um como parte de um todo, que se complementa e completa na realização da vocação de ser social:

As metodologias da escola moderna conduzem a um afastamento das pessoas e não à convivência e cooperação. Conduzem à competição realizada, tantas vezes, por razões de escasso valor. Os alunos continuam com reduzida voz e escassa opinião sobre o mundo da escola e da sociedade em geral.

(Vieira e Vieira, 2016: 104)

Neste novo paradigma que se impõe, o controle social, a disciplina, a repetição, a obediência, a autoridade e a competição, têm necessariamente que dar lugar a valores de cooperação, de criação, de cidadania, de respeito pela diferença, de miscigenação cultural, de humanização e de abertura ao que o Outro nos possibilita crescer e aprender, num trabalho articulado e em rede com os diferentes intervenientes educativos, respondendo à necessidade de integração dos contributos quer dos alunos, quer dos professores, quer dos pais e restante comunidade:

Assim, ao contrário das conceptualizações primordialistas e fixistas das identidades (Vieira, 2009b), entendemos que o espaço escolar é um espaço de (re)criação identitária quer dos alunos quer das famílias e comunidades, um espaço de encontro intercultural (Cardoso, 2006; Peres 1999b e 2002) e, também, de muitos desencontros, mas vida social real na qual se deve aprender a receber bem os outros (Baptista, 2000) e a saber conviver com eles sem ser de costas voltadas, em gueto ou em forma escolar uniformizadora e assimilacionista (Bourdieu, 2005; Cardoso, 1996a, 1996b e 2006; Lahire, 2002; Perrenoud, 2000 e 2001)

(Vieira, A. 2013)

Reconhecendo que o ensino estagnou no tempo, muitos são os que cada vez mais defendem uma escola respeitadora da individualidade, da criatividade, do ritmo e capacidade diferentes que cada um dos alunos possui; uma escola que não se limite apenas a advogar e a defender a “normalidade”, excludora e segregacionista (e não inclusiva) dos que não se representam partilhando o mesmo modelo, de uma escola que não se limita apenas a transmitir conhecimentos e conteúdos programáticos e que em resultado disso divide e define a identidade do seu universo de aprendentes entre os que **são** bons alunos e os que **são** maus alunos, mas que, pelo contrário, ensine a pensar, a refletir, sobre a realidade envolvente, que ensine a respeitar valores ecológicos, de solidariedade, de humanidade, integradores da diferença que cada um constitui,

formando cidadãos identificados com o seu projeto pessoal de vida, que assuma o papel de instrumento de transformação social e cultural que potencialmente tem, reconhecendo a relação privilegiada que tem ou pode ter com jovens e famílias, reconhecendo, no fundo que “*a cultura é uma arma*” (Silva, 2003: 355).

O próprio conceito de globalização impõe a necessidade de acolhimento da identidade cultural diferente, valorizando aspetos que fazem do aluno não um mero representante folclórico de uma comunidade, mas alguém que se alicerça sobre valores, atitudes e comportamentos que são por vezes distintos e que importa conhecer, aprofundar e utilizar como um espaço potencial de alargamento de perspetivas e horizontes, de enriquecimento cultural, para os restantes enquanto parte de uma família alargada e diversa de multiculturas.

Pelo contrário, assistimos frequentemente à necessidade de uma verdadeira “camuflagem” identitária de alunos que são detentores de uma herança familiar, cultural e social diferente da maioria tornando-se, por necessidade de “sobrevivência” emocional, em *oblatos*, que rejeitam a própria cultura de origem, deixando “*(...) para trás a primeira identidade e criar uma outra; aplicar um corte com uma antiga maneira de pensar e viver; tornar-se alguém que já não é o que foi; transformar-se em alguém que vive inteiramente de acordo com a cultura de chegada. (...)*” (Vieira, 2013: 44).

Ser ou Estar numa profissão: a identidade associada ao trabalho

A identidade múltipla e crescente, inacabada, compósita, permanentemente atualizada, com que cada um enriquece o seu património individual, em resultado dos seus vividos em diferentes contextos sociais (culturais, relacionais), encontra um referente, um limite externo, atribuído ou imposto, na definição de Si enquanto pessoa associado à sua profissão. Isto é, cada um, ao aceitar desempenhar determinada função profissional, acrescenta uma nova identidade que passa a definir não só o seu lugar na classificação geral que a sociedade faz dos indivíduos que a compõem, definindo-lhes um estatuto próprio, relacionado com o que faz (valor subjetivo de cada profissão) e com o que ganha (valor objetivo em função do nível remuneratório ou de rendimento), mas que também o define enquanto pessoa: é comerciante, é professor, é médico. Por oposição, quem não trabalha, nem estuda, encontra-se numa situação de exclusão, de

marginalidade. É alguém sem identidade, que permanece no anonimato da não-pertença a lado nenhum.

Esta atribuição externa de um lugar na sociedade, convoca para a definição de um valor atribuído ao trabalho que não se esgota apenas no seu carácter económico, mas atribui-lhe de igual modo um valor social, de promoção ou de despromoção e de atribuição de diferentes lugares ou estatutos na ordem social, constituindo-se, por isso, como fator gerador de desigualdades sociais.

Por seu turno, também o indivíduo atribui a si próprio um lugar na ordem social, que resulta não só do reconhecimento da forma como os outros o veem enquanto agente ativo e enquanto contributo positivo para o desenvolvimento do grupo social, mas também da forma como se vê a si próprio, melhor ou pior sucedido na sua realização profissional e enquanto capaz de cumprir com as próprias metas estabelecidas, com a trajetória de vida que traçou para si:

Parece-nos que, apesar de estar a passar por inúmeras “desordens” que diminuem as possibilidades de integração dos trabalhadores, o trabalho permanece o principal pilar da identidade individual, o principal estruturador do tempo e da ordem social. Dito de outro modo, a função de socialização proporcionada pelo trabalho mantém-se central “quer porque continua a gerar identidades inclusivas, quer, e sobretudo, porque cada vez mais gera identidades precárias e frágeis” (Ferreira, 2001: 268). A segunda coisa que, geralmente, se pergunta a qualquer pessoa, após o seu nome, (ainda) é “o que faz?”. Hoje, pelo carácter mais precário, reversível e descontínuo das posições ocupadas no mercado de trabalho, a resposta é menos fácil, mas quase sempre (ainda) passa por afirmar: “Eu sou professor, mecânico, caixa de supermercado...”. A utilização do verbo “ser” mostra que o trabalho está no centro da construção identitária do sujeito. Basta pensar na experiência mutiladora que constitui o desemprego para disso nos persuadirmos.

(Duarte, 2013: 49-50)

O sucesso profissional e o alcance de um estatuto social superior, implicou, para as gerações anteriores (sobretudo a partir de meados dos anos 50 até final do século passado) a perceção de que o investimento em percursos académicos mais prolongados com vista a um aumento de qualificações permitiriam uma melhoria substancial nas condições de trabalho e de remuneração, de uma geração anterior para a outra,

composta sobretudo pelos filhos de operários e classes mais desfavorecidas socialmente (Alves, 2008). A educação era assim considerada a melhor estratégia para ascender socialmente como resultado de um mercado recetivo a mão-de-obra mais qualificada.

Esta visão de uma relação direta e linear entre a melhor qualificação e melhor oportunidade de emprego, de uma mais facilitada integração no mercado de trabalho, de melhor remuneração, incentivou a procura de níveis de educação e qualificação mais elevados de um grande número de jovens. Nos anos 70, no entanto, a crise económica que se dissemina nas sociedades ocidentais, vem pôr em causa esta segurança e estabilidade, trazendo novos desafios sociais que a sociedade não se revela capaz de enfrentar no imediato. O aumento do desemprego atinge então as camadas mais vulneráveis da população: são as mulheres e os jovens menos qualificados, seguidos dos jovens em geral, os primeiros a sentir o efeito da crise através não só do aumento do número de desempregados entre estes grupos, como também da dificuldade de aceder ao primeiro emprego e conseqüente entrada no mercado formal de trabalho.

Note-se que a geração dos jovens universitários dos anos 60-70 (nascidos na década de 40/50) faz parte de uma geração que, por toda a Europa, frequentou uma universidade em processo de democratização (OCDE,2011). O crescente acesso ao ensino secundário e superior dos jovens portugueses, melhorou as suas condições de ingresso no mercado de trabalho, originando uma significativa mobilidade social, de sentido ascensional. No entanto, a crise de emprego que atualmente afecta os jovens portugueses, mesmo os que têm elevadas qualificações académicas, levanta imensos dilemas e desafios quando se discute o futuro dos jovens.

(Pais, 2016: 20)

A contínua busca de obtenção de diplomas, engrossa o número de jovens, que para se “distinguirem” e fazer valer a originalidade das suas aptidões profissionais face ao potencial empregador, vai aumentando os níveis de qualificação sem que o mercado consiga encontrar respostas para um grande número de jovens licenciados, altamente qualificados (sobre qualificados), que cada vez mais se veem forçados a recorrer a empregos dissonantes com as suas qualificações, mal pagos e instáveis. A desvalorização dos diplomas multiplica os contratos incertos e precários, o trabalho à hora (os chamados “recibos verdes”), a subcontratação, o trabalho no domicílio, os estágios ou cursos de formação profissional remunerados ou não, findos os quais, os

jovens se encontram sem vínculo contratual, ou quaisquer benefícios sociais que os possam ajudar a atravessar a fase de desemprego que atravessam (Alves, 2008; Brandão e Marques, 2013). Estas formas *atípicas* de relação com o trabalho põem em causa a rede dinâmica que promove, mantém e sustenta a coesão social do trabalhador nos diferentes contextos sociais e que lhe proporciona uma referência identitária (Alves, 2008; Correia *in* Torres e Palhares, 2014):

Recentemente têm-se proclamado as chamadas engenharias da subjetividade como estratégia de fuga ao desemprego (Pascual et al, 2012). Elas radicam na vontade dos indivíduos para, autonomamente, forjarem o seu próprio destino. (...)

Porém, a natureza estrutural do desemprego continua a ameaçar muitos jovens, originando o badalado fenómeno dos *nem-nem*, jovens que nem estudam nem trabalham. Aliás, se a vontade dos indivíduos é determinante para, com autonomia, forjarem o seu próprio destino, não podemos menosprezar as condições sociais que criam ou bloqueiam as estruturas de oportunidade – sobre as quais as políticas de emprego não podem deixar de atuar. Tenha-se em conta que o desemprego tem duas faces: é uma realidade individual, subjetivamente vivida, mas é também uma realidade com determinantes sociais.

(Pais, 2016: 20-21)

Um novo conceito associado ao desemprego, o “desemprego de inserção”, surge como tradução desta dificuldade na obtenção do primeiro emprego e foi alvo de atenção das políticas sociais, sobretudo nas sociedades europeias, passando a ser entendida não como um problema individual mas sim um problema social. É desta forma que surgem diferentes medidas de incentivo ao emprego de jovens, ou de jovens à procura do primeiro emprego, alicerçadas em três diferentes eixos de intervenção (Alves 2008): as medidas que promovem o aumento da escolaridade obrigatória e o investimento nas ofertas formativas profissionalizantes (que resultou, na prática, na desvalorização das qualificações e na relação paralela entre o aumento dos níveis de qualificação acompanhados do aumento das taxas de desemprego); as medidas que incentivam os programas ocupacionais e estágios no sentido de aumentar a experiência profissional dos jovens; e, por último, as medidas destinadas a incentivar a contratação de jovens através de benefícios fiscais dados à empresa ou redução de custos salariais (com fortes críticas dos que entendem que esta não é mais do que uma forma de desvalorizar o trabalho prestado pelos jovens, desqualificando o seu contributo) (Alves, 2008).

Na verdade, parte destes incentivos à contratação dos jovens resulta no aumento da rotatividade de contratados para o mesmo posto de trabalho, sem vinculação posterior e efetiva, abrindo apenas a possibilidade da entidade empregadora recrutar mais facilmente “mão-de-obra” qualificada com menores custos, de certa forma vista como “descartável”. Para o jovem, que termina o seu período de estágio ou de primeiro emprego, se esta experiência pode significar um acréscimo de conhecimento e de prática, significa igualmente que, após esgotada essa medida, será maior a dificuldade de encontrar um espaço onde possa enquadrar-se profissionalmente e iniciar um percurso de construção dos seus projetos de vida, de valorização profissional e pessoal:

Mais admitimos que, apesar das grandes transformações que o atravessam e das acesas discussões que o questionam, o trabalho continua a ser entendido, pelos indivíduos, como uma das fontes mais importantes fundadoras de sentido para as suas vidas e encarado como medida do valor pessoal, para além de permanecer como principal meio de subsistência. Se o trabalho parece perder alguma força enquanto categoria de análise, na realidade vivida, continua a ser “a referência identitária Societal por excelência” (De Coster e Pichault, 1994: 28) e a definir o lugar dos indivíduos na sociedade. É, também, por isso que os fenómenos de desemprego e de precarização, característicos do mercado de trabalho atual, são encarados com inquietação e angústia: porque em causa está não apenas a possibilidade de obtenção de um rendimento que permita a sobrevivência e a satisfação das diferentes necessidades, mas também a autoestima e o autorrespeito a isso associados.

(Duarte, 2013: 48)

Ser ou Estar Marginal

Marginal é aquele que vive à margem, ladeando a maioria. São os que se distinguem por serem diferentes da norma, do comum, são os que ficam para trás na grelha de classificação que impõe a competição por um lugar de topo ou de meio... nunca no fim (no emprego que ninguém quer, no curso menos considerado, no bairro mais problemático). Ser marginal é estar fora do espaço e do tempo dos outros, é não se rever nos projetos nem nas ambições da maioria, é não ter um caminho traçado e bem definido de por onde se quer ir e ficar sem lugar próprio, à deriva. É estar excluído:

Ora, a situação de desemprego configura, de acordo com os pressupostos assumidos neste texto, uma exclusão da atividade considerada como a principal fonte de dignidade, impedindo o “direito ao emprego” e a um salário para aceder à cidadania. Não é possível um “trabalho digno” se não existir trabalho/emprego. Tal pode conduzir a sentimentos de exclusão, de autodesvalorização e autoquestionamento, pois a ideia do cidadão “produtivo” está tão enraizada nas nossas sociedades que quem não tem emprego corre o risco de perder toda a sua autoestima e toda a sua dignidade.).

(Duarte, 2013: 58)

A participação na sociedade enquanto cidadão de plenos direitos está, assim, em relação direta com a capacidade de se autonomizar em relação à família e ao Estado, protagonizando um projeto de vida próprio e autossustentado. Estar plenamente integrado no seu tempo e espaço social, implica ter acesso a direitos e deveres não só consagrados na Lei, mas também confirmados pela censura dos Outros que coabitam o mesmo meio, isto é, sem o reconhecimento que os Outros fazem sobre os elementos que habitam cada território social e cultural, enquanto pertencente ao grupo e com uma participação positiva no desempenho da atividade quotidiana desse mesmo espaço, nenhum indivíduo se pode reconhecer como verdadeiramente, ou plenamente, integrado na sociedade. E essa participação positiva na atividade do grupo social é medida pelo contributo produtivo que cada um presta ou com o seu trabalho ou enquanto estudante, preparando-se o melhor possível para poder desempenhar as funções que se propõe, com mérito próprio e competência pessoal.

Não estudar, nem trabalhar, é uma condição sentida pelos pares como uma utilização indevida, uma quase usurpação de bens comuns, por parasitagem, por marginalidade. Assume-se que este grupo de jovens *nem nem* não se esforça o suficiente, não está disposto a qualquer trabalho, não se esforça por integrar-se, por fazer parte, vivendo do esforço da família sem cumprir com a sua quota parte de responsabilidades e de empenho para o sucesso de todos.

Ainda que possa reconhecer-se diferentes níveis de empenho e de entusiasmo em cada pessoa, face ao desejo de integração no mercado de trabalho, à conquista de um espaço habitacional próprio e ao projeto de emancipação financeira, é necessário também

reconhecer que esta autonomização face à família e à sociedade, não depende apenas, como já vimos, do investimento que cada um põe na concretização desse estatuto, e se haverá indivíduos que confortavelmente prolongam no tempo a sua dependência face à família por opção própria, são inúmeros os jovens que não conseguem fazer frente a uma perspetiva economicista por parte das empresas e instituições que “usam e abusam” da sua voluntariedade ou inexperiência para responder às necessidades de mão-de-obra que têm, sem se responsabilizarem pelas contrapartidas sociais e financeiras devidas, deixando à margem um grupo crescente de jovens que ou encontram estratégias paralelas de sobrevivência ou se acomodam a viver na instabilidade e na precariedade, sem conseguir fazer planos ou projetos duradouros e a longo prazo:

Se lembrarmos que a conquista da autonomia financeira face à família de origem é uma das grandes aspirações dos jovens e um dos aspetos basilares e mais valorizados da inserção profissional, compreendemos melhor o quanto as situações de inexistência, de fracos ou de insuficientes e incertos rendimentos do trabalho, afetam negativamente as suas condições de vida, a sua autoimagem e a sua autoestima.

(Duarte, 2013: 62)

Capítulo IV: Intervenção Social Através da Mediação Sociocultural

Uma Mediação “proativa”...

A Mediação não pode ser vista unicamente como um método de resolução (ou gestão) de conflitos. Constitui um instrumento de capacitação dos indivíduos e dos grupos para agirem sobre as suas próprias vidas e sobre a transformação que desejam espelhar na comunidade alargada onde se inserem. Pressupõe, por isso, um espaço de intervenção social ativa, que pode revestir um carácter resolutivo, se agir em fim de linha, como técnica aplicada à modificação de comportamentos sociais, à abertura de canais de comunicação entre diferentes culturas em situação já de conflito ou de rejeição, mas pode e deve facilitar primeiramente um trabalho de prevenção, de intervenção em primeira linha, trabalhando para derrubar atitudes de fechamento face ao desconhecido que representa o Outro diferente, marginal. É assim que a mediação se reveste de uma função **preventiva**, de um papel transformador da realidade instituída, de uma educação para a cidadania e para a convivência social, de respeito pelas opções individuais ou culturais de cada um.

O objetivo derradeiro é desencadear na sociedade atual, cada vez mais construtora de muros e cada vez menos construtora de pontes, espaços de encontro entre os múltiplos indivíduos que constituem o todo social; é facilitar um processo de construção de uma sociedade mais hospitaleira e inclusiva, baseada no diálogo, no entendimento, na comunicação autêntica com o outro, respeitando as suas diferenças e especificidades enquanto pessoa e enquanto ser cultural. Cabe-lhe um papel de desconstrução de ideias e imagens feitas, construídas a partir de preconceitos e estereótipos sociais, muitas vezes discriminatórios. Apenas a compreensão do Outro e o (re)conhecimento das suas especificidades pode abrir portas à inclusão social de todos e de cada um na sua originalidade e singularidade de percursos, de dificuldades, de oportunidades também. Daí que podemos, eventualmente com algum arrojo, classificar este espaço de intervenção antecipatório, de **Mediação Proativa**⁸, querendo atribuir-lhe este carácter de

⁸ *Proativo* in *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-12-20 11:01:18]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/proativo>

ação sobre o meio, assumindo a iniciativa de abertura a um desconhecido, ainda antes de consciencializar a representação da pertença a um qualquer grupo, a rotulagem de alguém, de trazer o anónimo para a centralidade da sua expressão individual, da sua identidade.

Não se trata de prevenir, no sentido de impedir ou de acautelar⁹ o conflito ou o embate entre ideias diferentes, ou o fechamento de um grupo cultural sobre si mesmo, na negação da existência ou da aceitação do Outro. É trazer para um espaço de conhecimento, ou reconhecimento, uma realidade que ainda que já exista, não é visível, não tem voz, nem tem identidade. Ninguém pediu para se fazer ouvir, ninguém chamou a si qualquer reivindicação, ninguém se assumiu como parte de uma minoria discriminada, a carecer de atenção ou tratamento diferenciado. Neste caso, trata-se de jovens indivíduos que se encontram a viver uma condição de exclusão, sem consciência de que estão ou porque estão excluídos, e fora de um contexto de autodeterminação, a quem importa ajudar a construir um espaço de “se dizer”, de comunicação com o Outro e consigo, num processo de auto consciencialização também relativamente ao percurso traçado, percorrido e a percorrer, às estratégias de luta social por um espaço de afirmação e de transformação da realidade.

A mediação incorpora assim, um espaço de empoderamento individual quando assume a projeção da voz destes jovens, mas igualmente um espaço de intervenção política e social, ao pretender constituir-se enquanto catalisador de mudança, exercendo pressão sobre as Instituições Públicas, desde as escolas, enquanto território dependente de políticas globais, até à forma como cada um dos professores orienta os conteúdos de aprendizagem nas “suas” salas de aula.

... e intrapessoal

Por outro lado, a capacitação do indivíduo que se revê e reconstrói a partir da narrativa biográfica que desenvolve, abre espaço a uma **mediação intrapessoal** de crescimento e

⁹ *Preventivo* in *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-12-20 11:00:51]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/preventivo>

maturação de um terceiro instruído que resulta da conceptualização sobre a sua própria ação ao longo do seu percurso de vida.

O mediador sociocultural tem que ser o profissional que potencia a abertura de espaços internos (de conflito próprio, individual), além da abertura de espaços de comunicação e de aceitação ao Outro. A disponibilidade para integrar novas ideias, modelos de ação, de inovação na forma de pensar e de refletir o seu próprio caminho, as próprias escolhas, cede lugar ao aparecimento de uma nova identidade, fruto do conflito entre a consciencialização de Si, a partir do discurso biográfico, e a atualização que faz do próprio projeto de vida, comparando os lugares subjetivos de onde realmente se encontra e o lugar onde se projetou e deseja estar.

O processo, que entendemos como mediador porque transformador, construído a partir da narrativa biográfica que o ator elabora durante a entrevista, atualiza desta forma projetos de vida futuros que, enunciados, ganham espaço para a definição de estratégias de ação para a sua concretização. É que “[n]ão é apenas o investigador que investiga. É também o entrevistado que se pesquisa a si próprio e, em consequência, acede a uma dimensão reflexiva que não tinha ainda sido possível antes da interação.(...)” (Marques, Faria, Silva, Vieira e Lopes *in* Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. e Margarido, C. (*orgs.*), 2016: 141).

É assim que pode entender-se a afirmação da entrevistada “Liliana”, quando manifesta a autorreflexão que protagonizou em antecipação da entrevista a realizar: “(...) *Se não fosse possível participar num projeto, porque não ir em missão? Era um sonho... Mas isto foi agora, foi nos últimos meses a propósito da sua entrevista que me tem feito pensar. (...)*” (p. 35, vol. I; p. 78, vol. II).

Ainda que referindo-se a um contexto diferente de mediação, situado na intervenção de um mediador sobre a diferença/ conflito cultural manifesto entre duas partes, e portanto eventualmente de um ponto de vista mais próximo do resolutivo, Torremorell expõe, ainda assim, as linhas do processo de mediação a um nível intrapessoal:

Defendemos que os autênticos processos mediadores criam e devem criar aprendizagem. Quando o mediador procura, com presteza, activar as potencialidades das pessoas em relação à comunicação efectiva de pensamentos, sentimentos e vivências, dota os participantes no encontro de mediação de um espaço para reflectirem sobre si mesmos. (...). Só o facto de
Isabel Maria da Silva Ferreira

considerarmos abrir uma via de diálogo incita a uma reflexão inicial que reconduz os conflitos para o terreno da aprendizagem: existe o desejo de compreender a situação, de explicar e de ouvir.

(Torremorell, 2008: 71-72)

O papel da mediação na desconstrução de estereótipos

Se a intervenção do mediador ganha atualidade na transformação que se opera em cada um dos intervenientes na reconstrução de um percurso biográfico, ela não se esgota nesta relação ternária que daí resulta, na relação direta entre mediador e mediado, no que respeita ao fenómeno que ora abordamos dos jovens *nem nem*. Pelo contrário, a jusante, há um papel proativo fundamental a desempenhar no trabalho social junto dos jovens adolescentes, relativo à desconstrução de estereótipos, e que se processa privilegiadamente através da mediação em contexto escolar.

Ser mediador em contexto escolar pode ser bem mais do que criar espaços de comunicação entre diferentes grupos (minorias e maiorias) étnicos, religiosos, culturais, alunos/pais/professores/comunidade escolar e em geral. O mediador pode ser também um facilitador na construção de pontes de comunicação, de questionamento, de reflexão, entre um modelo (ultra)passado e novas propostas, novas soluções, de uma educação que promova a nossa autodeterminação e a realização da vocação de cada um para agir no sentido da construção do seu próprio trajeto pessoal e profissional, bem como da sua identidade enquanto pessoa de valores de cooperação e respeito pelos demais, abertos à originalidade de cada um, nas suas dificuldades e nas suas capacidades, buscando mais do que a aprendizagem de conteúdos escolares formais. Ou seja, formando cidadãos e não só alunos, com vista a uma melhor transição entre o mundo académico e o mercado de trabalho, orientada para a realização pessoal e profissional de cada um enquanto pessoa com direito ao trabalho, à sua autonomia financeira e à sua participação e inclusão na rede social, mas alicerçando estas aprendizagens num espaço de respeito pela humanidade e reencontro com a humanização, complementando o trabalho do professor e dos pais na exigência de educar para a solidariedade, e não só de escolarizar.

A escola é um espelho da representação do indivíduo no grupo, servindo frequentemente para balizar a situação social, cultural e económica deste naquele, e

consequentemente criar mecanismos de exclusão social a quem não integra os padrões da normalização. Cabe também ao mediador, em conjunto com os outros agentes da educação, promover a inclusão e o exercício pleno dos direitos e deveres do indivíduo, isto é, garantir o exercício pleno da cidadania, nomeadamente entre alunos com baixas qualificações escolares e profissionais e/ou com pobres expectativas em relação ao desenho do seu percurso pessoal e profissional, rompendo com sentimentos de desencorajamento e resignação face à sua situação marginal dentro do território educativo.

Trata-se, portanto, de reconhecer que a escola constitui um espaço de intervenção social por excelência. Por um lado, contém em si a representação – heterogénea – da comunidade numa menor dimensão, enquanto microcosmos da sociedade (Vieira, 2013): a diversidade cultural dos alunos, que resulta de classes sociais distintas, áreas de residência, experiências e vivências pessoais diversas, de contextos económicos diferentes, de famílias com percursos de vida e competências diferentes, é vista pelo mediador como uma mais-valia para a mudança e a transformação do conflito numa sociedade mais equilibrada, mais rica culturalmente, complementar e complementada pelo outro, formando um todo multicultural.

Por outro lado, tem como atores principais, alunos com idades compreendidas num espaço de crescimento e transformação pessoal, que potencia a abertura a valores de cidadania e participação integral de todos na sociedade, potencia um trabalho de abertura à (com)vivência. Mais do que intervir para resolver conflitos ou tensões sociais resultantes da diversidade que compõe o tecido escolar, o mediador sociocultural vem, então, trazer um diferente entendimento da vida escolar, das possibilidades de convivência social positiva que se abrem a quem se dispõe/disponibiliza internamente para (re)conhecer o Outro diferente de si.

A mediação sociocultural em território educativo constitui-se, então, como um espaço de intervenção dinâmico e pedagógico, promovendo hábitos de diálogo, de respeito pela diferença de atitude, de opinião, de valores e de exercício de cidadania, procurando que a escola seja um espaço de aprendizagem pessoal e individual, de desenvolvimento de competências sociais e relacionais, que não se prendem apenas com questões pedagógicas ou conteúdos programáticos, que sejam um espaço de diversidade cultural vista e entendida numa perspectiva diatópica como uma fonte de riqueza integrada e

integradora, inclusiva e portanto mais justa e mais democrática (Vieira, R e Vieira, A. in Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. e Margarido, C. (orgs.), 2016: 31-36).

A Escola tem necessariamente que passar por este processo transformativo de paradigma de valores e de ação do professor: estar atento ao Outro, conhecer e aprofundar o que cada um tem de original e de único e trazê-lo para o protagonismo de ação positiva e cívica, implica necessariamente o trabalho em rede com outros parceiros e agentes educativos da comunidade (*função de extensão*¹⁰), implica o conhecimento profundo de si próprio (*função de relação*¹¹), mas também o conhecimento e reconhecimento individual de cada aluno enquanto pessoa e do seu contexto familiar e cultural (*função de promoção*¹²), implica não só a concorrência de todos os professores intervenientes para fazerem surgir as potencialidades e competências de cada aluno (*função de cooperação*¹³), a intervenção e participação das famílias no processo educativo (*função de complementaridade*¹⁴), e a intervenção de outros profissionais da área social, que permitam complementar e enriquecer a formação pessoal de cada aluno (*função de descoberta*¹⁵), que potenciem o seu crescimento e desenvolvimento enquanto seres sociais e relacionais, capazes de dar voz aos excluídos e religá-los a um percurso comum de construção, intervir no sentido de reencontrar um espaço em que “dignidade” signifique tanto para mim como para o outro e não um território onde se medem forças e poderes desiguais, em que um procura impor(-se) valores, perspetivas, ideologias, aos outros, mas a possibilidade de cada um se realizar como indivíduo na sua plenitude de expressão identitária .

(...) vivemos em sociedades em que os actores podem incorporar crenças (normas, modelos, valores, ideais...) sem ter os meios (materiais e/ou disposicionais) para as respeitar, concretizar, atingir ou cumprir. (...) É bem conhecido, hoje em dia, o hiato entre crenças e disposições nos estudantes que reconhecem a legitimidade da cultura escolar tendo, no entanto, grandes dificuldades escolares. Percebendo-se a partir daquilo

10 Teixeira, M. (1995), citada em Vieira, A. (2013: 130)

11 Idem: 129

12 Idem: 129

13 Idem: 130

14 Idem: 130

15 Idem: 130

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

que não são, só lhes resta autodesvalorizarem-se (“sou estúpido”, “inculto”, “não inteligente (Lahire, 1993: 283).

(Lahire, 2005: 18)

Capítulo V: Opções Metodológicas

A opção pelo paradigma de investigação

Esta investigação pretende enquadrar-se num espaço de busca pela compreensão profunda sobre cada um dos jovens selecionados e entrevistados, no âmbito de uma *sociologia do individual* (Amândio, Abrantes e Lopes), por isso, num paradigma fenomenológico:

Estudar (...) de um ponto de vista antropológico e fenomenológico (Casal, 1996) permite-nos entender o sentido que as pessoas atribuem aos seus projetos de vida, às suas escolhas, às suas ações e às suas metamorfoses, ainda que delas possam não ter consciência. (...) O objetivo principal é, pois, compreender a compreensão dos outros (...) compreender detalhadamente e aprofundadamente o que é que os sujeitos pensam e como é que desenvolvem os seus quadros de referência. Procuramos entender e buscar o processo e não apenas o produto (Vieira, 2009).

(Vieira, Margarido e Marques (orgs.), 2013: 11).

Desta forma, procura-se dar espaço a um entendimento da realidade social dos jovens associados ao conceito dos *nem nem*, tendo presente em permanência a clareza da separação entre aquilo que constitui o discurso individual dos quatro jovens entrevistados e a generalização de identidade de grupo por representatividade que possa ser levemente feita. Não se deixa, contudo, ignorar que cada realidade individual é construída a partir de um plano de interação social e de construção identitária baseada no confronto com a alteridade e que a realidade social é, afinal, composta pelos *múltiplos eus* que habitam cada ambiente cultural e social:

(...) a apreensão do singular passa necessariamente por uma compreensão do geral, e poderíamos dizer que não há nada mais geral do que o singular. (...), para dar conta da singularidade de um caso, é necessário compreender os processos gerais de que este caso não é senão um produto complexo.

(Lahire, 2005: 33)

É assim que nos propomos, a partir de uma abordagem sincrónica (investigando os diferentes contextos sociais e a influência que estes possam ter presentemente em cada um dos indivíduos) mas também de uma abordagem diacrónica (aprofundando os diferentes construtos sociais resultantes dos diversos meios culturais frequentados ao

longo do percurso de vida pelos diferentes indivíduos), aproximarmo-nos à construção de *retratos sociológicos* que nos permita compreender melhor a complexidade da singularidade de cada um dos jovens investigados, de acordo com a metodologia de investigação proposta por Lahire, em resultado do seu aprofundamento e reelaboração do pensamento de Bourdieu.

A opção pelo *retrato sociológico* (Lahire) permite-nos avançar, deste modo, para a descoberta e para a compreensão profunda do indivíduo, *retratando* os diferentes contextos sociais em que se moveu e move, o seu pensamento, as suas escolhas e não-escolhas, os seus projetos, a forma como vê e encara as suas relações sociais e familiares, a sua identidade. Nestes *retratos sociológicos*, a narrativa (científica e não literária) é construída partindo de entrevistas semiestruturadas, seguindo uma condução livre do tipo conversa informal, oferecendo um texto biográfico traçado a partir das informações dadas pelo próprio sujeito sobre pessoas e acontecimentos significativos para si, transformados pelos seus afetos e pela forma como os integrou emocionalmente. Falamos, por isso, de representações individuais.

No seguimento da linha deste tipo de investigação compreensiva introduzido por Bourdieu, preocupa-nos narrar o percurso individual de cada entrevistado, despido de interpretações pseudo-psicológicas ou de análises forçadas de conteúdo (Lopes, 2014; Torres e Palhares, 2014; Amândio, Abrantes e Lopes (*coord.*), 2016). Interessa-nos, sim, dar voz e dar a conhecer a riqueza que compõe a interioridade de cada um dos entrevistados:

Defendendo o exercício de Bourdieu, trata-se (...) de devolver – num gesto tão simbólico quanto científico e democrático – o lugar aos atores sociais. (...) É nosso intuito dignificar ontológica e epistemologicamente os sujeitos sociais, devolvendo-lhes simbolicamente o seu lugar na sociologia.

(Amândio, Abrantes e Lopes (*Coord.*), 2016:18-19).

Esta opção de apresentação “em cru” permite deixar para o leitor a construção das suas próprias conclusões, assim chamado a um papel também ele **ativo e transformador**, ainda que num segundo momento ou *a posteriori*, ao interpretar os dados que lhe são apresentados. Estende-se, desta forma, a possibilidade de partilha de conhecimento sociológico a territórios não especializados na área, extra-académicos, num verdadeiro exercício democrático (Amândio, Abrantes e Lopes (*coord.*), 2016), construtor de novas

pontes de entendimento e de conhecimento do Outro e que incluem não só o entrevistado na narrativa autorreflexiva que desenvolve, mas também a investigadora nas novas aprendizagens do outro que constrói, como ainda o leitor apropriando-se, reconstruindo e transformando a nova informação de acordo com o seu próprio *património disposicional*.

Objetivos (gerais e específicos) de investigação

A principal questão que importou responder ou compreender foi: “Quem são os “*nem nem*” em Portugal?”, isto é, respondendo às questões complementares sobre “Que caminhos e percursos trilharam?, Como vivem?, Como pensam?, De que se ocupam?, Que projetos de futuro têm?, Como se veem?” procurámos ter uma imagem de maior proximidade sobre cada um dos indivíduos que compõem esta realidade a partir da compreensão / representação que o próprio indivíduo faz de si, ou seja, compreender a compreensão do outro, a sua autorrepresentação (Vieira, Margarido e Marques (*org.s*), 2013:11).

Se bem que afirmámos como objetivo inicial deste trabalho aprofundar o conhecimento sobre características, percursos, vividos, sentimentos, escolhas dos jovens *nem nem*, não se pode excluir, como propósito, facilitar, através da narrativa autobiográfica, a construção de um terceiro instruído, num processo de mediação intrapessoal (Torremorell, 2008: 71-72) de reconstrução identitária, como já anteriormente tivemos oportunidade de clarificar.

Na verdade, este espaço de busca de entendimento do Outro, resulta em duas frentes de intervenção, uma (autorreflexiva e transformativa) centrada no sujeito, ator principal no desenho do seu próprio percurso existencial, e a outra, representando um ganho social, ao constituir-se enquanto espaço de aprofundamento de uma realidade pouco conhecida que se torna disponível e que, eventualmente, fornece também pistas de intervenção social e política.

É assim que ao assumirmos como objetivo motor desta investigação a compreensão da interioridade dos jovens *nem nem*, pretendemos criar um espaço de reflexão sobre a realidade sentida e vivida por cada um dos jovens entrevistados, mas igualmente procuramos facilitar uma abertura à desconstrução de estereótipos e pré-conceitos

instalados que nos levam muito rapidamente a ajuizar sobre a forma como o outro vive a sua vida, leva a cabo as suas escolhas, se relaciona com o mundo envolvente e com os outros, como age de forma mais ou menos mobilizadora para a sua transformação ou construção enquanto indivíduo.

É um trabalho que envolve não só a transformação de quem se diz (enquanto espaço autorreflexivo), mas também de quem se envolve, procurando conhecer e compreender uma dinâmica de vida diferente, quer seja a própria investigadora, também prisioneira dos seus pré-juízos ainda que partindo para a aventura de descobrir o Outro, quer sejam os leitores que acedem à compreensão dos primeiros, através da sua voz, no relato feito na primeira pessoa, assim como também às representações próprias da segunda, enquanto parte ativa do processo de transmissão de conhecimento, que seleciona os elementos a recolher, colige, corta, interliga e relaciona, dá o seu próprio contributo pessoal e subjetivo, para a apresentação da história destes atores. Transformados assim, todos, na consciencialização de um espaço desconhecido, de um percurso contado, narrado, que nos acrescenta enquanto pessoas, nos torna mestiços, nos enriquece por nos tornar mais completos no nosso conhecimento e na convivência com a diversidade de cada um dos múltiplos eus que habitam o nosso mundo:

“Todos somos incompletos, imperfeitos e tal consciência deve ser o motor da transformação para novas atitudes, práticas e políticas sociais de construção de convivências e de cidadanias respeitadoras.”

(Vieira, Marques, Silva, Vieira e Margarido (Orgs), 2016: 35)

Técnicas de recolha e tratamento de dados

Partimos para este trabalho de investigação, buscando trabalhos anteriores que pudessem fundamentar teoricamente e trazer algum conhecimento sobre a realidade deste fenómeno. A dificuldade do início do processo de pesquisa a partir desta revisão bibliográfica, residiu no facto de não se encontrarem ainda publicações, quer nacionais, quer internacionais, sobre este tema. Se, por um lado, aumenta pessoalmente o interesse pela pesquisa, por outro lado, dificulta a consolidação temática e teórica sobre o objeto de trabalho. Pôde, contudo, dispor-se da enorme diversidade de publicações relacionadas com os jovens, com a educação ou com o trabalho, bem como de produção

de pensamento crítico e científico que procurou sustentar a metodologia desta investigação. A produção de teoria relativamente ao contributo da Mediação Intercultural ou Sociocultural, enquanto espaço de intervenção social, teve por base a documentação disponibilizada ao longo deste Mestrado, em cada unidade curricular, bem assim, como a resultante de pesquisa individual ou por proposta do professor orientador, Doutor Pedro Silva.

Foram também sujeitos a consulta e breve análise os dados estatísticos disponíveis, nomeadamente através de alguns trabalhos de pesquisa na área, com base nos elementos recolhidos e apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística e pelo EUROSTAT.

A informação a recolher junto de cada um dos jovens entrevistados, partiu de uma planificação criteriosa dos temas a explorar (*apêndice 1; Vol. II, - Anexos e Apêndices; p. 21-22*) considerados, pela investigadora, pertinentes para cumprimento dos objetivos de investigação. Esta planificação, por sua vez, deu origem a um Guião de Entrevista (*apêndice 2; Vol. II, - Anexos e Apêndices; p. 25*) que procurou criar uma linha de unidade entre as questões a abordar junto dos quatro jovens entrevistados.

Dos elementos recolhidos, reuniu-se um espólio de conteúdos organizados numa narrativa intencionalmente dividida em áreas temáticas. Algumas destas áreas temáticas foram definidas *a priori*, surgidas por via dedutiva, tendo por base a perceção de que existem elementos de vida comum a qualquer um dos jovens entrevistados, ainda que a forma como foram vivenciados seja desigual, como sejam, a perceção sobre a geração *nem nem*, sobre a família, sobre o percurso escolar ou sobre o trabalho. Outras áreas temáticas foram construídas *a posteriori*, e por isso nem sempre objeto de abordagem comum entre todos os entrevistados, salientando a relevância dada pelo jovem a um determinado tema, ainda que, e mais uma vez, se reforce que não só a seleção dos temas obedece a prioridades temáticas que resultaram de opções da investigadora, como também no desenrolar da entrevista a perceção do ênfase que possa ou não ter sido dado na exploração de um tema, cabe à sensibilidade e empatia da forma como foi conduzida e vivida a própria entrevista, portanto, à subjetividade analítica da investigadora.

A opção pela entrevista semiestruturada ou semidiretiva, enquanto técnica que suportou a recolha de dados empíricos neste trabalho, fez-se tendo em conta que o objetivo principal era o de aceder aos conteúdos mais profundos, subjetivos, de cada um dos

indivíduos entrevistados, às suas interpretações pessoais (representações) sobre cada acontecimento vivido, a forma como o sentiu e lhe deu sentido, aceder ainda aos valores e referentes de cada um e à forma como estes determinaram as suas escolhas e leituras de cada contexto envolvente e determinante no seu percurso pessoal de vida. A entrevista semidiretiva foi, então, a técnica elegida por permitir este “(...) *acesso aos discursos dos indivíduos, tal como estes se expressam, ao não observável: opiniões, atitudes, representações, recordações, afetos, intenções, ideais e valores, que animam uma pessoa a comportar-se de determinado modo.(...)*” (Amado e Ferreira, 2013:211-212).

O texto resultante da transcrição integral das mesmas (*apêndice 4; Vol. II – Anexos e Apêndices; p. 28-121*), foi devolvido a cada um dos sujeitos entrevistados, através de correio eletrónico (*apêndice 5; Vol. II – Anexos e Apêndices; p. 123-125*). Cada entrevistado, quer no dia da entrevista, quer reforçado no próprio texto que acompanhava o anexo da transcrição, foi convidado a tomar parte ativa num processo de construção em complementaridade, verdadeiramente democrático, no qual o discurso transformado em escrita seria resultante de duas vozes: a do investigador e a do investigado. No entanto, do primeiro entrevistado, Mário, não houve resposta, e as entrevistadas Liliana, Elizabeth e Solange optaram por manter o texto original, manifestando-se satisfeitas com o mesmo. O texto final apresentado (*Vol. I; Capítulo I*) resulta de um trabalho de “limpeza” de espaços vazios, de diálogos, de interjeições, ligando e complementando raciocínios, organizando também o discurso por conteúdos, transformando cada entrevista numa narrativa dividida em áreas temáticas, aproximada metodologicamente aos “retratos sociológicos” propostos por Lahire.

Estas entrevistas serviram de base para a construção das narrativas na primeira pessoa, apresentadas no Capítulo I, em forma de “*relato de mundo interior*” (Amândio, Abrantes e Lopes (*coord.*), 2016) ignorando os silêncios, as interjeições e as observações ou solicitações de aprofundamento por parte da investigadora. Ou seja, não se trata da transcrição da entrevista “em bruto” (apresentada no *Vol. II*), mas sim de um relato construído na tradução de um percurso vivido e nas diferentes emoções que cada acontecimento marcante na vida do indivíduo provoca ou projeta, a forma como o experiencia, vivencia e representa, bem como o papel que assume na sua (re)construção identitária.

Partindo deste desejo assumido de devolver ao entrevistado a sua própria voz e o protagonismo que se lhe deve na sua própria narrativa, fez sentido devolver a história construída ao sujeito, não enquanto espaço de legitimação dos factos relatados na narrativa, mas sim enquanto espelho refletor da sua realidade e de lugar de conscientização de Si, entendido como a possibilidade de abertura a um espaço de construção comum, de participação ativa (democrática) do indivíduo, no relato que supostamente o diz, a partir da proposta de acrescentar conteúdos representativos de si próprio.

No entanto, como já referido por diversas vezes, todo o conteúdo recolhido foi ajustado, organizado, reconstruído e compilado de acordo com um sentido próprio que a investigadora intencionalmente pretendeu dar. Reforçamos que não se trata de transcrição, mas de um tratamento da informação que ainda que não obedeça às linhas de análise clássica de conteúdo de entrevistas semidiretivas, obedece a critérios pré-definidos de organização temática que procuram ir ao encontro e responder às questões que presidiram aos objetivos de investigação traçados.

Seguindo a opção consciente pela apresentação do discurso de cada um dos intervenientes da forma mais autêntica e livre possível no quadro de um trabalho sociológico, não se procede a uma análise clássica de conteúdo, individual ou comparativa entre os sujeitos. Contudo, utilizam-se os dados empíricos recolhidos durante as entrevistas para poder cumprir o objetivo final do trabalho de investigação, isto é, contribuir para o conhecimento mais aprofundado dos jovens *nem nem* em Portugal através da construção do retrato sociológico de cada um dos entrevistados.

A seleção dos indivíduos

A seleção dos jovens a entrevistar procurou espelhar quatro diferentes percursos de vida e identidades, distintas motivações, gostos, escolhas de vida, oportunidades e dificuldades sentidas por cada um, na busca pelo seu lugar na sociedade.

Para este efeito, considerei os jovens dos 18 aos 34 anos, dispensando a faixa etária que se encontra entre os 15 e os 18 anos, por se incluírem ainda dentro do período de escolaridade obrigatória.

Considerarei também, como período de desocupação, um mínimo de 4 meses, entendendo que um balizamento inferior não seria significativo, no que respeita à situação de inatividade do jovem, sem possibilidade de conhecer as reais repercussões (económicas, sociais, afetivas, familiares, emocionais) no quotidiano de cada um.

Por representarem uma realidade com contornos e características específicos, e também por isso, com necessidades de enquadramento e intervenção distintos, optei por excluir desta investigação: jovens inativos por doença ou portadores de deficiência; por maternidade; em trabalho de voluntariado ou estágio não remunerado; domésticas(os); reclusos ou com consumos aditivos graves de álcool ou de drogas.

Considerarei ainda a diferença de género como um fator que pode condicionar vivências sociais diferentes entre os jovens, como sejam a ocupação com tarefas domésticas ou tarefas mais vocacionadas para o apoio à família, associadas culturalmente ao sexo feminino, pelo que foram selecionados, para entrevista, indivíduos pertencentes a ambos os géneros.

Distingui ainda, na seleção desenhada, entre jovens residentes em meio rural e jovens residentes em meio urbano, entendendo o lugar de residência como fator condicionante de escolhas e percursos de vida, da facilidade de acesso e da diversidade de contextos sociais disponíveis, assim como da amplitude de redes sociais e/ou familiares. Por jovens residentes em meio urbano, entendi considerar os que habitavam em grandes cidades, no mínimo, capitais distritais. Defini como jovens com origem e residência em meio rural, os que habitavam em aldeias ou pequenas vilas.

Foram, então, selecionados para entrevista quatro indivíduos por indicação direta, através de divulgação a pessoas conhecidas, quer do meio académico, quer de relações profissionais ou pessoais, solicitando a sua colaboração na divulgação por meio de SMS de telemóvel ou utilizando as redes sociais de massa. Destes quatro indivíduos que se disponibilizaram para participar no trabalho de investigação, três são do género feminino e um do género masculino; dois são residentes em meio rural, e os outros dois são residentes em meio urbano. Todos têm idades compreendidas entre os 18 e os 34 anos e não trabalham nem estudam há pelo menos 4 meses. Com exceção de uma das jovens, todos residem com a família de origem. Ainda assim, esta jovem não tem

autonomia financeira. Quanto às habilitações literárias ou académicas, duas jovens têm grau de licenciatura; outros dois não têm o 12º ano completo.

Em cada entrevista foi recolhido material empírico, com o consentimento expresso e por escrito (*Apêndice 3; Vol. II – Anexos e Apêndices; p. 27*) de cada entrevistado, utilizando gravação em áudio. As entrevistas semiestruturadas tiveram por base um guião orientador (*Apêndice 2; Vol. II – Anexos e Apêndices; p. 25*) das questões a abordar, de acordo com os elementos biográficos considerados significativos para a compreensão da história de vida de cada um dos entrevistados. Ainda que recorrendo a um guião, procurou-se que a entrevista pudesse decorrer de forma fluida e informal, não ultrapassando a hora e meia, de forma a evitar a fadiga quer do entrevistador quer do entrevistado.

No início da entrevista a cada jovem, foi apresentado um cartoon, pedindo-se o seu comentário, enquanto elemento estratégico de “quebra-gelo” (*Fig. 5; Vol. II – Anexos e Apêndices; p. 17*).

As questões foram o mais abertas possível, por forma a garantir a maior liberdade do sujeito se dizer e se relatar conforme melhor entender, partindo do seu discurso para aprofundar um ou outro aspeto da sua vida ou do que pensa, ainda que seguindo o guião de entrevista previamente construído no sentido de criar uma linha de unidade temática entre os quatro jovens e de responder à necessidade de reconstrução do percurso biográfico de cada um, quer do ponto de vista dos contextos sociais, únicos e significantes, vividos ao longo da sua história pessoal, bem como os aspetos que no presente lhe importava realçar ou relatar, contributos diacrónicos e sincrónicos para a construção de cada narrativa individual, para daí partir para a estruturação do **retrato sociológico**.

A forma como cada um percebe o seu grupo de pares, as escolhas que fazem e as dificuldades ou facilidades que encontram no seu quotidiano, e como se incluem a si próprios neste espaço de crescimento individual é, do meu ponto de vista, central, para se entender o pensamento e a reflexão que cada um faz sobre a geração de jovens e sobre si próprios. Também a rede de suporte que a relação construída com a família e a forma como esta pode ajudar a determinar uma maior ou menor abertura *disposicional*

para as escolhas que o percurso de vida de cada um lhe traz, se considerou um dos elementos temáticos que não seria possível excluir.

A escola entendida (como já vimos anteriormente) como um espaço de construção/reconstrução, encontros e desencontros com os diferentes agentes e territórios educativos, foi outro dos conteúdos temáticos abordados junto dos quatro jovens. Além destes importava perceber as diferentes experiências ou expectativas futuras no contacto de cada um dos jovens com o mercado de trabalho, bem como a forma que cada um vive o seu tempo por agora disponível.

Mas só nos aproximamos de conhecer alguém de uma forma mais profunda e mais próxima, se procurarmos conhecer os sonhos e projetos de vida de cada um, por isso se questionou cada jovem sobre a forma como projeta a sua vida pessoal e profissional futura. Foram assim organizados os conteúdos temáticos seguintes: os jovens e a geração dos *nem nem*; a autorrepresentação de Si; perceção sobre o seu percurso escolar; perceção sobre a relação familiar; interações e perceções sobre o mercado de trabalho; hábitos de vida pessoal e social; expectativas e projetos de vida futuros.

O investigador na investigação: a (difícil) tradução da complexa interioridade de cada um

Quer na escolha do tema, quer na escolha dos conteúdos a abordar durante a entrevista, assume-se a parcialidade de visão e de perspetiva, a valoração de aspetos relatados em detrimento de outros, de acordo com a importância relativa (significante) que cada um assumirá, nas escolhas mais ou menos conscientes feitas no decurso da investigação.

Assim, é importante reforçar que, numa dinâmica inicial, necessariamente, teremos em presença não só a representação individual que o entrevistado tem das suas próprias vivências, memórias e a forma como as integrou traduzidas no seu discurso narrativo, como também teremos que considerar as opções da investigadora na abordagem e seleção dos temas a tratar, para já não falar da habilidade técnica ou competência pessoal que esta possa ter tido na condução da entrevista e na construção do relato final.

A forma como cada um, interlocutor, vive a experiência da narrativa do Outro, determina a diversidade de perspetivas e de leituras possíveis sobre um mesmo discurso, sobre uma mesma realidade. Traduzir a interioridade do entrevistado é tarefa impossível

sem entrar em linha de conta com a influência da interioridade presente do investigador. Não há relato objetivo por parte do entrevistado, por isso falamos em representações sobre o vivido, mas também não há redação objetiva do narrado sem admitir a interferência do mundo interior do interlocutor, por isso também, podíamos dizer que estes “*relatos de mundo interior*” (Amândio, Abrantes e Lopes) são, na verdade, uma tradução de uma realidade cultural de acordo com o sistema de crenças, valores e referências do próprio investigador, portanto, produto de, pelo menos, dois mundos interiores, em construção ou transformação. O “*estar dentro e estar fora*”, enquanto objeto de investigação e investigador em simultâneo, expostos por Telmo Caria (2003) ao referir-se à complexidade dos estudos etnográficos ou etnobiográficos, acaba assim por transpor-se para a realidade da investigação científica nas Ciências Sociais e Humanas, quando enquadrada no paradigma fenomenológico e está efetivamente presente na entrevista enquanto técnica que envolve duas diferentes identidades em construção de uma terceira entidade:

Efetivamente, o observador acaba por apelar à racionalização das práticas por parte dos observados e, quando se trata de entrevista, ainda que etnográfica ou etnobiográfica, «entrevistado e entrevistador alcançam dimensões do pensamento que não são possíveis de equacionar numa simples aritmética tipo $1+1=2$. O resultado é possivelmente melhor traduzido por um 3 ($1+1=3$), símbolo da criação, pois contém uma descoberta e racionalização que resulta da existência da interação entre pelo menos dois sujeitos» (Vieira, 2003: 86).

(Faria e Vieira, 2016: 111)

Capítulo VI: Retratos Sociológicos ou Retalhos de Vida

O presente capítulo procura ser um contributo efetivo para a construção dos retratos sociológicos dos quatro jovens entrevistados. São “retalhos de vida” que os protagonistas generosamente partilharam, e que juntos, compõem a “manta” tecida no seu (ainda curto) percurso de vida.

Mário: o hip-hoper anti-sistema

O Mário tem 28 anos. Apresenta-se com visual de um hip-hoper e fala acompanhando o discurso com a “dança” das mãos... é fruto de uma relação entre um casal que não se enquadra nas linhas tradicionais de família. O pai é artista de rua e a ocupação da mãe não foi clarificada por ele. Vivem ambos, filho e mãe com a avó materna, desde os seus 4 anos de idade, no centro de Lisboa, num apartamento antigo mas conservado. A falha da presença e da orientação do pai é verbalizada por si, referindo-se à “falta de um mentor”, sentindo que muito do seu “caminho” foi um resultado de um investimento pessoal mais árduo e moroso.

O seu percurso escolar é atribulado, com passagens por diferentes estabelecimentos educativos, dos quais o mais marcante e mais duradouro, o Colégio Militar. A relação coma escola, segundo ele não existe. Na realidade, o Mário sente que a escola o deixou de fora do sistema, nunca se encaixou. Para ele, a escola deveria ser um espaço de descoberta, de busca, de aprendizagem, de questionamento, de pensamento crítico, “de formação e não de formatação”! A certificação passa por ser uma necessidade de ainda assim, de alguma forma, se integrar no “sistema”, embora não o reconheça conscientemente. No entanto, é o próprio que assume a necessidade de concluir o 9º ano, procurar um curso para melhorar a comunicação em inglês, frequentar uma escola de música... Rejeita, no entanto, qualquer uma destas aprendizagens, valorizando muito mais o percurso de aprendizagem que vai fazendo na prática.

É também a necessidade de não permanecer na margem, ainda que não querendo fazer parte do “rebanho”, que o leva a considerar a regularização da “sua empresa”, atividade paralela e ilegal de consumo e tráfico de cannabis, assumindo como projeto promover a legalização do consumo deste estupefaciente pela Assembleia da República. Como

“pessoa de princípios” assume como fundamental registar a sua empresa, emitir faturas e pagar os seus impostos.

Refere-se ainda a um espaço de atividade paralelo, cujo discurso se mistura frequentemente com a atividade anterior, e que associa a uma “empresa” relacionada com a produção artística de eventos.

Os amigos, os verdadeiros amigos, aqueles com quem se está pelo prazer de estar e com quem se partilha experiências, emoções, tempos e espaços comuns, assumem uma importância relevante no seu dia-a-dia, sem compromissos, sem obrigações, na busca mais livre de se Ser...

“São aquelas coisas da vida real que só aprendemos quando passamos por elas, não vêm nos manuais!”(Mário)

Liliana: mudar o mundo de alguém

A Liliana tem 32 anos. Tem um tom de voz afirmativo e decidido. É natural e residente de um lugar habitacional com características rurais, numa aldeia do distrito de Leiria. É licenciada em Serviço Social. Tem a avó acamada ao seu cuidado, num trabalho que desenvolve em colaboração com a sua mãe. Além disso, responsabiliza-se pelos sobrinhos em tempo de férias escolares, ou doença, em períodos que não coincidem com a disponibilidade profissional dos pais.

A Liliana provém de uma família numerosa, que constitui um suporte emocional forte assumido pela própria, bem inserida na comunidade de tipo rural, com fortes ligações e relações de vizinhança. Aponta, contudo, a periferialidade como um dos fatores que limitam a possibilidade de experiências profissionais e diversidade de vivências sociais.

Encara o esforço pessoal que desenvolveu no seu percurso de vida, como um fator de resiliência, mas aponta a fragilidade relativamente à sua saúde ou à situação socioeconómica da família como um entrave na progressão e no reconhecimento quer pelos pares, quer sobretudo, pelos professores ao longo do seu percurso escolar.

À medida que constrói o seu discurso, constrói também novos espaços de reflexão, corrigindo e acrescentando ideias que amadurece melhor durante a verbalização, na busca de uma “culpa” para a sua situação que sente como de exclusão.

O discurso é assumidamente crítico em relação à forma como sente ter sido tratada pelos diferentes organismos públicos, desde a escola, à Universidade, ao Centro de Emprego, aos diferentes interlocutores na sua busca por uma colocação profissional. Verbaliza sentimentos de discriminação e desvalorização associados às barreiras que encontra no seu percurso, associados à imagem, à aparência ou às limitações relacionadas com a saúde, por oposição à competência e qualidade que poderia demonstrar no desempenho de uma profissão, se lhe dessem oportunidade para isso.

O desencanto que lhe provoca a permanente negação de pertença, “de ser alguém”, e o esmorecimento de um nível elevado de persistência são visíveis, ainda que recuse acomodar-se e aceitar uma qualquer situação que não considere compatível com o esforço e investimento que ela própria e a família fizeram no sentido de uma carreira profissional.

“Quando nós terminamos a licenciatura, achamos que podemos mudar o mundo, um bocadinho, mas depois percebemos que se mudarmos (...) a vida de uma pessoa, já fico feliz!” (Liliana)

Elizabete: a construção de uma autonomia com afetos

A Elizabete tem 19 anos. É filha de pais separados, com histórias de maus tratos e violência doméstica episódicas. A família de origem é reconstruída, com múltiplas relações e separações, resultando no convívio habitacional de descendentes das diferentes relações com ou sem nenhum laço entre eles. Nesta nova organização familiar, Elizabete sente-se como um elemento de um grupo que não reconhece como escolha sua. Parte, por isso, para a aventura de viver sozinha.

Vive presentemente na Costa da Caparica, cidade satélite na periferia da Grande Lisboa, com características de forte sazonalidade, quer no que respeita à população presente, quer no que respeita às atividades económicas aí desenvolvidas, estreitamente associadas ao turismo (sobretudo diário ou sazonal). Partilha o espaço habitacional com

dois jovens amigos, irmãos entre si, de 20 e poucos anos, num sítio adaptado para habitação, modesto mas juvenil. A situação é sentida por si como sendo transitória visto que tem projetos de ir viver com a irmã mais velha, em Loures.

Neste processo de emancipação descobre um problema grave de saúde que a limita nas suas escolhas de vida, quer no que respeita ao prosseguimento dos estudos, quer no que respeita à prática do desporto, uma área que, mais do que uma vez, verbaliza como sendo uma parte fundamental da sua vida e da construção da sua felicidade.

A perspetiva que tinha sobre a vida e sobre o trabalho, até decidir morar sozinha, girava em torno da resolução prática das suas rotinas e da concretização das suas necessidades de diversão, já que as restantes eram preocupação da família assegurá-las.

A sua história de vida está fortemente condicionada pelas passagens episódicas por diferentes lugares, na busca de alguma estabilidade pessoal e profissional por parte da sua mãe. Muda por isso, diversas vezes de local de residência, de casa, de escola, de vizinhança, de amigos e dos próprios familiares com quem vai habitando. O sentimento de instabilidade e de perda é grande, encontrando alguma segurança afetiva na permanência dos elementos da família.

Apesar de manifestar um enorme prazer em andar na escola percebemos, com o seu discurso, que a convivência e a comunicação com os demais é o que mais valoriza, acabando por confessar algum desinteresse pela forma como são passados os conteúdos de aprendizagem, desmotivantes e por professores desmotivados.

As experiências de trabalho permitem-lhe enriquecer o seu tempo de vida, preencher-lhe o dia e o desejo de se manter ocupada e produtiva. A energia transborda-lhe e a inatividade é-lhe pesada.

“É o que a minha mãe dizia muito: ‘a gente não vive, a gente aprende a viver e sobrevive!’ Porque, às vezes, não é assim tão fácil, a gente ver-se sozinhos, mesmo rodeados de muitas pessoas!”(Elizabete)

Solange: à procura de um caminho por linhas tortas

A Solange tem 21 anos. Vive em meio rural, numa aldeia do distrito de Leiria, com os pais e o irmão pouco mais novo. É licenciada em Biomecânica pelo ESTG do IPLeia, desde Julho de 2017.

A Solange além de manifestar uma necessidade premente e urgente de se integrar profissionalmente, de ganhar algum espaço de autonomia financeira em relação à família e dar início aos seus projetos pessoais futuros, revela igualmente uma forte consciência social associada à censura que reconhece ou julga reconhecer junto dos familiares e da comunidade próxima: sente-se em falta, por não ter iniciado ainda o seu trajeto profissional, em relação aos pais por sentir o encargo económico que representa no orçamento familiar, mas também em relação aos demais familiares e vizinhos da comunidade por não continuar sem ocupação. Considera a possibilidade, a curto prazo, de desenvolver qualquer atividade, seja ela consequente ou não com a sua formação académica.

A rede de suporte familiar (restrita) tem contribuído para que a Solange possa permanecer ainda na busca de um espaço profissional relacionado com o investimento académico feito. Provem de uma família tradicional, não no sentido de conservadora, mas no sentido clássico do termo, nuclear, composta por pai, mãe, a própria e o irmão pouco mais novo, ainda estudante. A família alargada reside nas proximidades e encontra-se presente e participante no quotidiano. Ambos os pais trabalham fora de casa e a Solange participa nas tarefas domésticas que asseguram o funcionamento familiar, mas que incluem também pequenos trabalhos associados ao meio rural que habitam, nomeadamente, cuidar da alimentação do gado.

De todos os entrevistados, esta é a jovem que revela o percurso mais comum, considerando a estabilidade familiar; a integração positiva nos grupos da comunidade e da vizinhança em geral; um percurso escolar sem excecionalidade, mas com sucesso; uma rede de suporte de amigos, com quem sai e se diverte, que se apoia emocionalmente também.

Ressalta no seu percurso escolar e, conseqüentemente, de escolha profissional, alguma hesitação, sem manifestar uma clara opção ou vocação para o prosseguimento de uma carreira, acabando por ingressar no ensino superior num curso que não era a sua

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

primeira escolha, por nota insuficiente, mas no qual acaba por permanecer, por acomodação.

“Eu estava sempre agitada, então dava-me vontade de ter mais atividades! Agora, como estou parada, se calhar, já parece que já não tenho tanta energia para ter outras atividades. Eu acho que chegou um ponto que, não sei, uma pessoa fica tão desmotivada que depois também não quer ir para fora mostrar a desmotivação. Então, fica acomodada no seu cantinho, sem chatear ninguém, ninguém me chateia a mim também, é mais por aí...” (Solange)

Reflexões Finais

Em jeito de conclusão, resumam-se alguns aspetos que ressaltam no percurso biográfico dos quatro jovens entrevistados, em síntese, e partilham-se algumas considerações surgidas, quer no âmbito do presente Mestrado, quer no decurso da própria elaboração da presente Dissertação final.

Síntese

Entre os quatro jovens entrevistados, muito resumidamente, estabelecem-se alguns paralelos:

- O Mário e a Liliana são os dois jovens mais velhos dos quatro entrevistados. A dificuldade de aceitação do seu percurso e do seu estado de marginalidade face ao trajeto regular é maior do que a esperança de mudança que encontramos nas duas jovens com menos idade, embora com justificações e posturas muito diferentes: o Mário assume-se como estando fora do sistema por opção, traçando o seu próprio caminho; a Liliana, deseja fortemente encontrar um espaço de autonomia reconhecido e tradicional. Ambos rejeitam a “colagem” à situação de *nem nem*, mantendo atividades paralelas, ainda que informais.
- A Elizabete e a Solange, as duas entrevistadas mais jovens e que, portanto, terminaram há menos tempo o seu percurso escolar, mantêm uma atitude de maior investimento e implicação na busca de um espaço próprio de realização profissional, com projetos de emancipação familiar e autonomia financeira a curto prazo, embora manifestem fortes sinais de desencanto face à rotina e à inércia do dia-a-dia. Também as duas jovens não se retratam como pertencentes ao grupo dos *nem nem*: a situação é reversível, temporária e involuntária o que, no seu entender, as distingue dos *Outros*.
- A importância das referências que a família transmitiu aos entrevistados é reconhecida na construção dos traços de personalidade, de identidade própria, que cada um assume, quer manifestando a intenção de reproduzir esse património, quer reconhecendo a falta dele:
 - ✓ Uma relação familiar centrada na figura da mãe, com ausência bastante sentida do pai, no que respeita ao Mário e à Elizabete.
 - ✓ Por seu turno, o apoio manifesto pela rede de suporte familiar que permite o prolongamento de um tempo de expectativa de concretização de projetos

profissionais associados à formação académica, em relação à Solange e à Liliana.

- ✓ A importância do suporte familiar no período que medeia o final da formação escolar ou académica dos jovens e a sua integração no mercado de trabalho, revela-se fundamental. Sem ele, a necessidade de “sobreviver” financeiramente sobrepõe-se à vocação profissional que sentem ter, e impele alguns a desistir de perseverar, dispondo-se a aceitar qualquer trabalho, em qualquer área, por qualquer remuneração.
- Registam-se experiências de trabalho precárias e instáveis, alicerçadas em episódios temporários ou sazonais, sobretudo relatados pela Elizabete, mas também pela Solange.
- Solange e Liliana, ambas provenientes de meio rural, assumem o papel funcional de suporte relativamente às tarefas domésticas e aos cuidados a prestar às necessidades da família.
- Ainda que os quatro jovens entrevistados abram possibilidade à existência de indivíduos que não querem trabalhar, nem estudar, por opção própria de vida, preferindo viver dependendo do suporte financeiro da família, não se incluem a si próprios neste grupo, afirmando, podemos até dizer, de forma muito veemente e convicta, uma clara distinção entre a sua situação particular e *a dos Outros*.
- Ao referirem-se a estes Outros, aos jovens da geração atual, os entrevistados nomearam características associadas a alguma futilidade ou superficialidade, por oposição aos próprios, quer no que respeita à forma como conduzem as suas relações pessoais, quer no que respeita à procura e à necessidade de posse de alguns bens materiais, quer no que respeita à projeção de uma imagem muito associada à aparência.
- Um percurso escolar que é sentido como distante das necessidades de reforço e de pertença ao grupo, como um espaço que contribui para a sua desconstrução enquanto pessoas, em vez de um território securizante e potenciador de construção de sonhos e de projetos, é relatado quer pelo Mário quer pela Liliana:
 - ✓ A descrença no modelo atual da Escola é verbalizado claramente pelo Mário e pela Liliana, o primeiro assumidamente fora do sistema, a segunda sentindo-se pressionada, discriminada, desmotivada perante um modelo de ensino que não os prepara nem os desafia a aprender (a

crescer). Ambos se questionam sobre o sentido dos conteúdos que lhes ensinam e de como os ensinam, associando este modelo de ensino a uma escola pouco criativa, pouco motivadora, reguladora de carácter e de uniformização de personalidades, promotora de espaços homogéneos pouco vocacionados para a aceitação da diferença, da irreverência e da originalidade.

- ✓ Mesmo a Elizabete que refere um encantamento pelo seu tempo de estudante, associa esta satisfação mais com o aspeto comunicacional e relacional (a escola enquanto espaço de construção pessoal e social) que, evidentemente, a preenche enquanto pessoa, destacando logo a seguir o sentimento de desmotivação que encontrou em professores e em formadores.
- É também evidente, no discurso dos entrevistados o desvio entre a área curricular onde acabaram por se formar e as suas escolhas de vida e projetos próprios, quer por falta de opções nas áreas onde cada um identifica e materializa os seus sonhos profissionais (Mário e Liliana), quer por falta de classificações suficientes para ingressar no curso pretendido (Solange).
- A atual desvalorização da escola como meio de promoção e ascensão social, ou lugar privilegiado para obter empregos melhores e melhor remunerados, por oposição a um tempo passado onde efetivamente isso acontecia, é também mencionado no discurso de Mário, de Liliana e também de Solange.
- A dificuldade de encontrar o seu espaço próprio de realização profissional, a falta de oportunidade para desempenhar as funções para as quais se prepararam e formaram, e o sentimento que daí resulta de desvalorização pessoal, é verbalizado pelas três entrevistadas, patente em mais do que uma afirmação ao longo das entrevistas.
- Liliana faz ainda menção à má utilização dos benefícios estatais, criados para dar resposta à dificuldade de integração dos jovens à procura de primeiro emprego ou de estágio curricular ou profissional, que as empresas e as Instituições públicas, privadas e sem fins lucrativos, fazem, favorecidas indevidamente pela sucessiva rotação de mão-de-obra qualificada, fácil e barata, “descartando” estes jovens no final dos períodos de colaboração, sem direito a qualquer tipo de proteção social:

- Solange refere ainda a questão da desadequação entre a formação e as competências adquiridas durante o seu percurso escolar e académico e o perfil procurado pelas entidades empregadoras:
- Cada jovem, e neste caso, cada uma das entrevistadas, enfrenta à sua maneira a dificuldade de encarar a rotina de cada dia, enquanto não encontra o seu espaço próprio de realização pessoal e profissional, e de autonomização financeira. A motivação para a continuidade do esforço da procura não é, claramente o mesmo. É mencionada a acomodação que se vai instalando, uma falta de disponibilidade emocional para manter o mesmo nível de investimento pessoal e de empenho continuado, nos grupos de voluntariado ou associativo na comunidade onde se inserem, atividades que desenvolviam paralelamente aos estudos.

Sobre a descoberta do Outro

Na gravura de capa deste trabalho de investigação foi escolhida a ilustração de uma comunidade de formigas, cooperando no transporte de alimento, desempenhando o seu papel individual enquanto parte de um grupo mais alargado que beneficia desse esforço coletivo em nome de um bem comum. Propositadamente, as novas tecnologias (neste caso o *Paint*) permitiram interferir no desenho, apagando quatro folhinhas verdes a quatro das formiguinhas, simbolizando cada um dos jovens entrevistados, como se também eles, parte de uma comunidade alargada de indivíduos, estivessem excluídos (voluntariamente ou não) do seu papel participativo enquanto elementos construtores de um espaço comum de cidadania e da sua própria identidade...

A compreensão dos jovens que não trabalham nem estudam, querendo, creio que fica mais completa quando refletimos sobre um espaço social que integra e assume as diferenças que cada um de nós carregamos connosco, aceitando em cada dia, não tolerar, mas aprender a conviver com as múltiplas soluções que cada um, à sua maneira, procura encontrar para os desafios que a vida lhe propõe. A dificuldade maior reside no boicote ao juízo apressado que cada um faz sobre o outro, encontrando espaço para o re(conhecimento) da realidade alheia. A *mediação* não é só, assim, *intercultural* ou *sociocultural*, gera-se em cada um de nós (*intrapessoal*), na busca da compreensão de quem pertence a um espaço geracional, social, cultural, diferente... nem sempre

necessariamente encontrada entre as “quatro” paredes de uma escola, ou de uma IPSS, mas também nos *múltiplos eus* que se cruzam com cada um de nós ao longo do nosso percurso de vida, que se mede muito mais em afetos (momentos e pessoas significativas) que vamos acrescentando e transformando no nosso vivido, do que em anos de existência cronologicamente medida.

Este trabalho de dissertação, pelo menos, assim o pretendeu. Que possa ter contribuído para a construção de uma compreensão maior e, eventualmente, despertar para o desejo de aprofundar a realidade dos jovens *nem nem*, ultrapassando as questões estatísticas, mensuráveis, e abrindo espaço à possibilidade do Outro se dizer...

Nesta descoberta, percebemos como as diferentes realidades de vida não estão, na verdade, longe da realidade comum de cada um dos jovens que se confrontam com uma atualidade *em transformação, em transição*, com um sistema escolar desatualizado que procura repensar-se e com um mercado de trabalho em mudança de critérios de seleção, de “modos de produção” e até de formas de relação, mas que não é ainda capaz de definir que contornos, que limites, que opções, irá tomar. É certo que cada um dos entrevistados integra um *património* seu, único e individual, que faz de si quem é, original (e como valeria a pena aprofundar cada um dos contextos sociais e culturais, vividos por cada um...), pelo que não só não poderíamos como não pretendíamos partir destes quatro relatos de vida para a generalização sobre realidades semelhantes: desde o início deste trabalho que o propósito foi sempre o da busca de uma compreensão mais profunda, contribuir para a destruição do preconceito sobre quem (ainda) não encontrou o seu espaço de construção de projeto de vida, com verdadeiro interesse pela escuta atenta do que o Outro teria para nos relatar e partilhar.

Esta é a principal limitação deste trabalho, assumida desde o início ao optar por um modelo de investigação de natureza fenomenológica, privilegiando a compreensão em profundidade (possível) sobre a extensão. Como afirmámos logo de início também, não se trata aqui de modelos experimentais ou verificacionistas: não é nosso interesse verificar ou confirmar hipóteses sobre comportamentos ou linhas de conduta destes jovens. Um estudo deste tipo não pode exaustivamente integrar um número alargado de indivíduos, centrando a sua intervenção nas pistas teóricas que pode deixar para futuros trabalhos de investigação sobre este tema a que, com otimismo, acreditamos que outros

colegas darão continuidade e aprofundarão, sendo que esta seria a principal recomendação a registar.

Também como assumimos logo de início, o papel de *mediação intercultural/sociocultural* situa-se não tanto ao nível individual, não numa ação de transformação com os jovens aqui entrevistados, mas num espaço de contribuição para a transformação da forma como os que estão “dentro” olham os que estão “fora” ou “à margem”, empoderando a partir deste espaço potenciador de (re)conhecimento e de criação de laços: quem pode transformar-se neste processo é quem olha e não quem é olhado, incluindo os próprios, que se olham de uma forma diferente através do próprio discurso que constroem sobre a sua história. Foi isso mesmo que procurámos, no pouco tempo e no espaço (já demasiado alargado) que nos cabe, introduzir um olhar compreensivo sobre os “números” e sobre os “casos”, ligando-os inexoravelmente às pessoas que os traduzem... E ser *MEDIADOR* não significa, afinal, ser também *TRADUTOR*, tradutor de pessoas, tradutor de gentes, tradutor entre diferentes contextos culturais...?

Quero mesmo inserir-me na sociedade tal como os outros e, neste momento, eu não estou a conseguir porque não tenho trabalho, não tendo trabalho, não consigo arranjar casa! Não tendo trabalho, não consigo ter dinheiro para fazer os meus hobbies, as coisas que me fazem bem, que EU PRECISO! Nós todos precisamos de algo que nos faça felizes! Depois, lá pra frente, pensar noutras coisas... mas isso é lá mais pra frente!... (Elizabete).

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

Referências bibliográficas

- ABRANTES, P.** (2013). *A Escola da Vida – Socialização e biografia(s) da classe trabalhadora*. Lisboa: Mundos Sociais.
- ALVES, N.** (2006). *Socialização Escolar e Profissional dos Jovens – Projectos, Estratégias e Representações*. Lisboa: Educa / Unidade de I&D de Ciências da Educação.
- ALVES, N.** (2008). *Juventudes e Inserção Profissional*. Lisboa: Educa / Unidade de I&D de Ciências da Educação.
- AMÂNDIO, S.L.; ABRANTES, P.; LOPES, J.T.(Coord.)** (2016). *A Vida Entre Nós – Sociologia em Carne Viva*. Porto: Deriva Editores.
- BOURDIEU, P.** (Dir.) 2001). *A Miséria do Mundo* (4ªed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- BRANDÃO, A. M. e MARQUES, A. P. (orgs.)** (2013). *Jovens, Trabalho e Cidadania: Que sentido(s)?*. Braga: Ed. Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- CAPUCHO, J.** (2015). *Jovens portugueses já bebem álcool como os nórdicos*; DN on-line de 30 de outubro de 2015; disponível em <https://www.dn.pt/portugal/interior/jovens-portugueses-ja-bebem-alcool-como-os-nordicos-4862005.html> [consultado em 30 de maio de 2017].
- CORREIA, J. A.** (2014). Trabalho e Formação: Crónica de uma Relação Política e Epistemológica Ambígua. In Torres, L. e Palhares, J., *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais da Educação* (pp 113-131). Braga: Edições Húmus.
- DAMÁSIO, A.** (2017). *A Estranha Ordem das Coisas – A Vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- DUARTE, A. M.** (2013). Precarização e riscos para a dignidade no trabalho. In Brandão e Marques (orgs.), *Jovens, Trabalho e Cidadania: Que sentido(s)?*, (pp. 48-68). Braga: Ed. Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- FARIA, S. e VIEIRA, R.** (2016). Epistemologia e Metodologia em Mediação e Ciências Sociais. In Vieira, R.; Marques, J.; Silva, P.; Vieira, A.; Margarido, C. (orgs.). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento.
- GUERRA, I.** (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Cascais: Principia.
- LAHIRE, B.** (2004). *Retratos Sociológicos – Disposições e Variações Individuais*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- LAHIRE, B.** (2005). Patrimónios Individuais de Disposições – Para uma Sociologia à Escala Individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 49. Lisboa: ISCTE.
- LAHIRE, B.** (2011). A Transmissão Familiar da Ordem Desigual das Coisas. *Sociologia*, Vol. XXI (pp. 13-22). Porto: ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- LOPES, J. T.** (2014). Retratos Sociológicos. Dispositivo Metodológico para uma Sociologia da Pluralidade Disposicional. In Torres, L. e Palhares, J., *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais da Educação*, (pp 113-131). Braga: Edições Humus.

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

MARQUES, A. P. (2013). Empregabilidade e (novos) riscos profissionais. In Brandão, A. M. e Marques, A. P. (Orgs.), *Jovens, Trabalho e Cidadania: Que sentido(s)?*, (pp. 20-34). Braga: Ed. Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho.

PAIS, J. M. (2016). Jovens, Trabalho e Futuro: Dilemas e Desafios. In Rocha., G. P. N.; Gonçalves, R. L. e Medeiros, P. D. (Orgs.). *Juventude(s): Novas Realidades, Novos Olhares* (p.p. 19-42). Braga: Edições Húmus.

RODRIGUES, D. (2015). *Diferenças na Escola*; ed. on-line Público de 10 de Abril de 2015 disponível em <https://www.publico.pt/2015/04/10/sociedade/opiniao/diferencas-na-escola-1691848> [consultado em 30 de maio de 2017].

ROWLAND, J.; FERREIRA, V. S.; VIEIRA, M. M. e PAPPÁMIKAIL, L. (2013). *Nem em emprego, nem em educação ou formação: Jovens NEEF em Portugal numa perspetiva comparada*. Lisboa: Observatório Permanente da Juventude do Instituto de Ciências sociais da Universidade de Lisboa.

SCHMIDT, L. (1990). Jovens: Família, Dinheiro, Autonomia. *Análise Social, Vol. XXV* (p.p. 645-673). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

SILVA, P. (2014). Escolas, Meios Populares e Mediação Sociocultural. In Burgos, M. B. (Coord.). *A Escola e o Mundo do Aluno – Estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola* (p.p. 403-449). Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda.

SILVA, P. (2003). *Escola-Família, uma Relação Armadilhada – Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto: Edições Afrontamento.

SISTEMA INTEGRADO DE METAINFORMAÇÃO DO INE (2012). Disponível em <http://smi.ine.pt/Conceito/> [consultado em 30 de maio de 2017].

TAX, S. (2009). *Horizons of Anthropology*. USA, New Jersey: Aldine Transaction.

TORREMORELL, M. C. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.

TORRES, L. (2016). *Posfácio* in Amândio, S. L.; Abrantes, P.; e Lopes, J. T. (coords.), *A Vida Entre Nós – Sociologia em Carne Viva*. Porto: Deriva Editores.

TORRES, L. L. e PALHARES, J. A. (Orgs.) (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais da Educação*. Braga: Edições Húmus.

TORRES, S. (2013). *Os jovens no mercado de trabalho – indicadores de medida em confronto* (pp.35-50); Estatísticas do Emprego – 3º trimestre de 2013. Lisboa: INE.

VEZZULLA, J. C. (2015). *Mediação Responsável e Emancipadora*. Disponível em <http://vezzulla.com.br/2-rules-for-when-to-start-working-2/>. [consultado em 17 de janeiro de 2018].

VIEIRA, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições.

VIEIRA, R. (2008a). *Identidade Intercultural: Algumas Reflexões*. Brasil, São Paulo: Unicamp.

Os *nem nem*: contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal

VIEIRA, R. (2008b). Quem és? Donde és? Onde vives? O Gerúndio do viver; *A Página da Educação*, nº 184; ano 17 de dezembro de 2008, disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=184&doc=13443&mid=2> [consultado em 06 de dezembro de 2017].

VIEIRA, R.; MARGARIDO, C. e MARQUES, J. (Orgs.) (2013). *Partir, Chegar, Voltar... Reconfigurações Identitárias de Brasileiros em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.

VIEIRA, A e VIEIRA, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. Porto: Profedições.

VIEIRA, R.; MARQUES, J; SILVA, P.; VIEIRA, A.; MARGARIDO, C. (Orgs.) (2016). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento.

XARES, J. R. (2007). *Pedagogia da Convivência*. Porto: Profedições.